

Universidade Federal do Rio de Janeiro

OS RÓTICOS EM CODA SILÁBICA EXTERNA:
O INTERIOR DA REGIÃO SUL NO PROJETO ALIB

Ingrid da Costa Oliveira

2018

Os róticos em coda silábica externa:
o interior da região Sul no projeto ALiB

Ingrid da Costa Oliveira

Dissertação de Mestrado submetida ao
Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas
da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ,
como parte dos requisitos necessários para a
obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas
(Língua Portuguesa).

Orientadora: Carolina Ribeiro Serra

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2018

CIP - Catalogação na Publicação

d48r da Costa Oliveira, Ingrid
OS RÓTICOS EM CODA SILÁBICA EXTERNA: O INTERIOR
DA REGIÃO SUL NO PROJETO ALIB / Ingrid da Costa
Oliveira. -- Rio de Janeiro, 2018.
132 f.

Orientadora: Carolina Ribeiro Serra.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós
Graduação em Letras Vernáculas, 2018.

1. Róticos. 2. Apagamento. 3. coda final. 4.
Região Sul. 5. Sociolinguística. I. Ribeiro Serra,
Carolina, orient. II. Título.

Os róticos em coda silábica externa:
o interior da região Sul no projeto do ALiB

Ingrid da Costa Oliveira

Orientadora: Carolina Ribeiro Serra

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas.

Examinada por:

Presidente, Professora Doutora Carolina Ribeiro Serra – Orientadora

Professora Doutora Jacyra Mota – UFBA

Professora Doutora Silvia Figueiredo Brandão – UFRJ

Professora Doutora Valéria Monaretto – UFRGS

Professora Doutora Dinah Maria Isensee Callou – UFRJ

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2018

*“No dejes apagar el entusiasmo,
virtud tan valiosa como necesaria;
trabaja, aspira, tiende siempre
hacia la altura.” (Rubén Darío)*

Agradecimentos

À Carolina Serra por me apresentar ao mundo da pesquisa e me orientar desde meu primeiro período na Faculdade de Letras até aqui. Sou eternamente grata pelas palavras de incentivo, pelas ideias, as leituras sempre atentas e por todo o conhecimento transmitido. Obrigada por confiar em minha capacidade e ser sempre exemplo de ética e profissionalismo.

À Dinah Callou por me receber na 312 e me ajudar sempre no desenvolvimento de cada trabalho. É um grande prazer e uma honra conviver e aprender com uma profissional tão dedicada e um grande nome nos estudos de língua portuguesa.

Aos professores que tive a sorte de conhecer durante esses anos na universidade e que contribuíram diretamente para a minha formação acadêmica. Um especial muito obrigada às professoras Jacyra Mota e Silvia Brandão por aceitarem compor a banca desta dissertação e a professora Valeria Monaretto, que juntamente com a professora Dinah Callou, se disponibilizou como suplente.

Aos “amigos acadêmicos” da 312, agradeço por todas as conversas, os momentos de descontração, os conselhos e, é claro, os passeios de buggy. A companhia de vocês é sem dúvida um grande incentivo para a minha permanência na instituição. Um muito obrigada especial aos amigos Aline e Vitor por me acompanharem desde o início e vivenciarem importantes momentos desta jornada comigo. É impossível imaginar essa breve trajetória sem vocês.

Aos bolsistas de IC Paula Karoline, Mário e Sérgio por me auxiliarem na difícil tarefa de transcrição das entrevistas e a cada um dos 24 informantes do projeto ALiB que pacientemente responderam ao questionário que deu origem a essa dissertação.

A toda minha família e amigos por serem as melhores companhias e torcerem por mim diariamente, ainda que às vezes a distância. Em especial cito os amigos companheiros de graduação Pedro Henrique, Camila e Andrew que compartilharam comigo tantas manhãs e trabalhos em grupo e com o tempo ganharam um espaço especial na minha vida e no meu coração e a amiga de sempre Natashy pelo carinho, preocupação e amizade incondicional.

Aos meus pais, Lídia e Robson, por todo o apoio emocional e financeiro, por estarem sempre presentes, proporcionarem-me a confiança necessária para realizar os

meus sonhos e vibrarem com cada uma de minhas conquistas. Obrigada por serem meus exemplos de dignidade, perseverança, dedicação, compreensão e amor.

A Yuan por ser acima de tudo o melhor amigo que eu poderia ter, por aguentar minhas crises e inseguranças, me incentivar e acreditar na minha capacidade sempre. Muito obrigada por toda a ajuda durante a realização deste trabalho, desde o auxílio nas tarefas mais práticas até a companhia silenciosa durante a escritura. Fica aqui registrado o meu agradecimento pelo companheirismo destes oito anos e principalmente por ter se mostrado um exemplo de paciência e compreensão nos últimos dois anos.

Por último, à CAPES, por financiar meus estudos durante o mestrado e possibilitar uma maior dedicação à esta dissertação.

SINOPSE

Estudo variacionista sobre o comportamento variável do *R* em contexto de coda silábica externa, em municípios do interior da região Sul do Brasil, com base no *corpus* do projeto ALiB. Investigação das variáveis linguísticas e sociais que influenciam no processo de cancelamento do rótico e da relação existente entre a aplicação desse fenômeno e a estrutura prosódica.

Os róticos em coda silábica externa:
o interior da região Sul no projeto ALiB

Ingrid da Costa Oliveira

Orientadora: Carolina Ribeiro Serra

Resumo da Dissertação de Mestrado submetido ao Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2018, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa.

RESUMO

Nesta dissertação, analisa-se a variabilidade de realização do rótico em posição de coda silábica externa (*dizeR*; *valoR*), confrontando o comportamento linguístico de indivíduos de seis municípios do interior da região Sul: Santa Maria (RS), Caçapava do Sul (RS), Lages (SC), Criciúma (SC), Guarapuava (PR) e Campo Mourão (PR). Utilizam-se amostras de fala espontânea do *corpus* do projeto ALiB, que é constituído de gravações atuais, realizadas durante os primeiros anos do século XXI. Este estudo variacionista tem como principais objetivos verificar o avanço do processo de cancelamento do rótico em coda final na região Sul e determinar as variantes do *R* utilizadas nessas localidades. Com base nos pressupostos da Sociolinguística Quantitativa Laboviana, além de verificar a atuação de fatores linguísticos e sociais, como classe morfológica, dimensão do vocábulo, sexo e faixa etária, pretende-se ainda investigar a relação entre presença/ausência de *R*, em posição de coda final, e o tipo de fronteira prosódica em questão. Os resultados obtidos apontam altos índices de apagamento em verbos, em todos os municípios – Santa Maria (95%), Caçapava do Sul (89%), Criciúma (97%), Lages (87%), Campo Mourão (90%) e Guarapuava (94%) – em contraste com uma baixa frequência em não-verbos – 16%, 8%, 22%, 6%, 3% e 11% respectivamente. A aproximante retroflexa e o tepe foram as variantes mais utilizadas em ambas as categorias e a variável área geográfica do informante foi o segundo fator mais relevante, atrás apenas do contexto vocálico antecedente: a presença de uma vogal de traço [+ arr] favorece a manutenção do segmento. Outras variáveis significativas foram a dimensão do vocábulo, o sexo, a faixa etária do informante e, em menor escala, o tipo de fronteira prosódica.

Palavras Chave: Rótico, coda final, ALiB, sociolinguística, região Sul

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2018

Os róticos em coda silábica externa:

O interior da região sul no projeto ALiB

Ingrid da Costa Oliveira

Orientadora: Carolina Ribeiro Serra

Resumen da Dissertação de Mestrado submetido ao Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2018, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa.

RESUMEN

En esta tesis de maestría, se analiza la variabilidad de realización del rótico en posición de coda silábica externa (deciR; valoR), confrontando el comportamiento lingüístico de individuos de seis ciudades del interior de la región Sur: Santa Maria (RS), Caçapava do Sul (RS), Lages (SC), Criciúma (SC), Guarapuava (PR) y Campo Mourão (PR). Se utilizan muestras de habla espontánea del *corpus* del proyecto ALiB, el cual es constituido por grabaciones actuales, realizadas a lo largo de los primeros años del siglo XXI. Este estudio variacionista tiene como principales objetivos verificar el avance del proceso de supresión del rótico en coda final en la región Sur y determinar las variantes de la *R* utilizadas en esas localidades. Basándose en los presupuestos de la Sociolingüística Cuantitativa Laboviana, además de verificar la actuación de los factores lingüísticos y sociales, como la clase morfológica, la dimensión del vocablo, el sexo y la edad, se pretende aún investigar la relación entre presencia/ausencia de la *R*, en posición de coda final, e el tipo de frontera prosódica en cuestión. Los resultados obtenidos apuntan altos índices de supresión en verbos, en todos los municipios – Santa Maria (95%), Caçapava do Sul (89%), Criciúma (97%), Lages (87%), Campo Mourão (90%) y Guarapuava (94%) – en oposición a la baja frecuencia en no-verbos – 16%, 8%, 22%, 6%, 3% y 11% respectivamente. La aproximante retroflexa y el tepe se presentaron como las variantes más utilizadas en ambas categorías, mientras la variable área geográfica del informante fue el segundo factor más relevante, detrás solamente del contexto vocálico antecedente: la presencia de una vocal de rasgo [+arr] favorece la manutención del segmento. Las variables dimensión del vocablo, sexo y edad del informante también se mostraron significativas, así como la frontera prosódica.

Palabras Clave: Rótico, coda final, ALiB, sociolingüística, región Sur

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2018

Sumário

SINOPSE	viii
RESUMO	ix
RESUMEN	x
Índice de figuras, mapas, gráficos e tabelas.	xiii
INTRODUÇÃO	17
1. REVISITANDO O RÓTICO	20
1.1 Os róticos no Sul do Brasil	32
1.2 O rótico e seu encaixamento na estrutura prosódica	37
2. APARATO TEÓRICO	44
3. CORPUS E METODOLOGIA	53
3.1 Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)	54
3.2 Apresentação das localidades	62
3.2.1 Caçapava do Sul e Santa Maria (Rio Grande do Sul)	63
3.2.2 Criciúma e Lages (Santa Catarina)	65
3.2.3 Guarapuava e Campo Mourão (Paraná)	67
3.3 Recolha e tratamento dos dados	69
3.4 Variáveis e hipóteses	71
3.4.1 Variáveis linguísticas	72
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	77
4.1 Uma visão geral dos resultados	77
4.2 O <i>R</i> em Verbos	82
4.2.1 Município de Caçapava do Sul (RS)	83
4.2.2 Município de Santa Maria (RS)	85
4.2.3 Município de Criciúma (SC)	87
4.2.4 Município de Lages (SC)	90
4.2.5 Município de Guarapuava (PR)	92

4.2.6 Município de Campo Mourão (PR)	93
4.3 O <i>R</i> em não-verbos	96
4.3.1 Município de Caçapava do Sul (RS)	97
4.3.2 Município de Santa Maria (RS)	99
4.3.3 Município de Criciúma (SC)	101
4.3.4 Município de Lages (SC)	102
4.3.5 Município de Guarapuava (PR)	104
4.3.6 Município de Campo Mourão (PR)	107
4.4 Tabulação cruzada	108
4.5 Resumo e discussão geral dos resultados	112
4.5.1 A evolução do processo de apagamento do <i>R</i>	115
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
ANEXO 1	129
ANEXO 2	131
ANEXO 3	132
ANEXO 4	133
ANEXO 5	133

Índice de figuras, mapas, gráficos e tabelas.

Figuras

Figura 1. Representação arbórea dos constituintes prosódicos (adaptado de Serra, 2009).	39
Figura 2. Estrutura Prosódica e relação de proeminência relativa nos domínios prosódicos (CALLOU & SERRA, 2012).	39
Figura 3. Carta F04 C2 do ALiB “/R/ em coda silábica externa. Presença versus ausência, em verbos, nas capitais”	61
Figura 4. Carta F04 C3 do ALiB “/R/ em coda silábica externa. Realizações fricativas e vibrantes, em nomes, nas capitais”	61
Figura 5. Carta F04 C2 do ALiB “/R/ em coda silábica externa. Realizações fricativas e vibrantes, em verbos, nas capitais”	62

Mapas

Mapa 1. Mapa da região sul do Brasil.	63
Mapa 2. Mapa com os municípios do Rio Grande do Sul.	63
Mapa 3. Mapa com os municípios de Santa Catarina.	65
Mapa 4. Mapa com os municípios do Paraná.	67

Gráficos

Gráfico 1. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos na Região Sul (interiores).	78
Gráfico 2. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de não-verbos na Região Sul (interiores).	78
Gráfico 3. Realizações do <i>R</i> em coda final de verbos na Região Sul.	80
Gráfico 4. Realizações do <i>R</i> em coda final de não-verbos na Região Sul.	81
Gráfico 5. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos nos seis municípios investigados.	83
Gráfico 6. Realizações do <i>R</i> em coda final de verbos no município de Caçapava do Sul.	84
Gráfico 7. Realizações do <i>R</i> em coda final de verbos no município de Santa Maria.	85
Gráfico 8. Realizações do <i>R</i> em coda final de verbos no município de Criciúma.	87
Gráfico 9. Realizações do <i>R</i> em coda final de verbos no município de Lages.	90
Gráfico 10. Realizações do <i>R</i> em coda final de verbos no município de Guarapuava. ...	92

Gráfico 11. Realizações do <i>R</i> em coda final de verbos no município de Campo Mourão.	93
Gráfico 12. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de não-verbos nos seis municípios investigados.	97
Gráfico 13. Realizações do <i>R</i> em coda final de não-verbos no município de Caçapava do Sul.	98
Gráfico 14. Realizações do <i>R</i> em coda final de não-verbos no município de Santa Maria.	100
Gráfico 15. Realizações do <i>R</i> em coda final de não-verbos no município de Criciúma.	102
Gráfico 16. Realizações do <i>R</i> em coda final de não-verbos no município de Lages....	103
Gráfico 17. Realizações do <i>R</i> em coda final de não-verbos no município de Guarapuava.	105
Gráfico 18. Realizações do <i>R</i> em coda final de não-verbos no município de Campo Mourão.	108

Tabelas

Tabela 1. Código e perfil dos informantes utilizados na amostra.	58
Tabela 2. Informações sobre os municípios de Criciúma, Lages, Caçapava do Sul, Santa Maria, Guarapuava e Campo Mourão.	69
Tabela 3. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos a depender da área geográfica do informante.	79
Tabela 4. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de não-verbos a depender da área geográfica do informante.	79
Tabela 5. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos, em Caçapava do Sul, a depender da vogal antecedente (<i>input</i> geral .89).	84
Tabela 6. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos, em Santa Maria, a depender do vogal antecedente (<i>input</i> geral .95).	86
Tabela 7. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos, em Santa Maria, a depender do modo verbal.	86
Tabela 8. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos, em Criciúma, a depender da vogal antecedente (<i>input</i> geral 97).	88
Tabela 9. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos, em Criciúma, a depender da faixa etária (<i>input</i> geral 97).	88

Tabela 10. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos, em Criciúma, a depender do contexto subsequente (<i>input</i> geral 97).	89
Tabela 11. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos, em Criciúma, a depender da fronteira prosódica.	89
Tabela 12. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos, em Lages, a depender da vogal antecedente.	91
Tabela 13. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos, em Lages, a depender da faixa etária (<i>input</i> geral .87).	91
Tabela 14. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos, em Lages, a depender do contexto subsequente (<i>input</i> geral 87).	92
Tabela 15. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos, em Guarapuava, a depender do vogal antecedente (<i>input</i> geral .94).	93
Tabela 16. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos, em Campo Mourão, a depender da dimensão do vocábulo (<i>input</i> geral .90).	94
Tabela 17. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos, em Campo Mourão, a depender da faixa etária (<i>input</i> geral .90).	95
Tabela 18. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos, em Campo Mourão, a depender do sexo (<i>input</i> geral .90).	95
Tabela 19. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos, em Campo Mourão, a depender da vogal antecedente (<i>input</i> geral .90).	96
Tabela 20. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de não-verbos, em Caçapava do Sul, a depender do vogal antecedente (<i>input</i> geral .08).	98
Tabela 21. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de não-verbos, em Caçapava do Sul, a depender da dimensão do vocábulo.	99
Tabela 22. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de não-verbos, em Santa Maria, a depender da vogal antecedente (<i>input</i> geral .16).	100
Tabela 23. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de não-verbos, em Santa Maria, a depender da fronteira prosódica (<i>input</i> geral .16).	101
Tabela 24. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de não-verbos, em Santa Maria, a depender da dimensão do vocábulo.	101
Tabela 25. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de não-verbos, em Criciúma, a depender da vogal antecedente (<i>input</i> geral .22).	102
Tabela 26. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de não-verbos, em Lages, a depender da dimensão do vocábulo.	104

Tabela 27. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de não-verbos, em Guarapuava, a depender da dimensão do vocábulo.....	105
Tabela 28. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de não-verbos, em Guarapuava, a depender da vogal antecedente (<i>input</i> geral .11).....	106
Tabela 29. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de não-verbos, em Guarapuava, a depender da faixa etária do informante (<i>input</i> geral .11).	106
Tabela 30. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de não-verbos, em Guarapuava, a depender da fronteira prosódica (<i>input</i> geral .11).	107
Tabela 31. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de não-verbos, em Guarapuava, a depender do sexo do informante (<i>input</i> geral .11).....	107
Tabela 32. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de não-verbos, em Campo Mourão, a depender da dimensão do vocábulo.	108
Tabela 33. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos, em Lages, a depender do perfil do informante.	109
Tabela 34. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de não-verbos, em Lages, a depender do perfil do informante.	110
Tabela 35. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de não-verbos, em Campo Mourão, a depender do perfil do informante.....	110
Tabela 36. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos, em Campo Mourão, a depender do perfil do informante.....	110
Tabela 37. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos, em Criciúma, a depender do perfil do informante.	111
Tabela 38. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de não-verbos, em Guarapuava, a depender do perfil do informante.	111
Tabela 39. Distribuição de apagamento do <i>R</i> em coda final de verbos, em Criciúma, a depender do contexto subsequente e da fronteira prosódica.	111
Tabela 40. Índices de apagamento do <i>R</i> , em verbos e não-verbos, em todas as localidades estudadas.....	112
Tabela 41. Variantes do <i>R</i> predominantes, em verbos e não-verbos, em todas as localidades estudadas.....	113
Tabela 42. Evolução do processo de apagamento do <i>R</i> desde a década de 70 até os anos 2000.	117

INTRODUÇÃO

Os róticos são conhecidos por sua considerável variabilidade entre as línguas do mundo, constituindo-se como o fonema com o maior número de realizações fonéticas. Esse elevado grau de polimorfismo tornou o rótico objeto de estudo de diferentes pesquisas linguísticas (CALLOU, 1987; CALLOU, LEITE & MORAES, 1996, 2002; ABAURRE & SANDALO 2003; BRANDÃO, MOTA & CUNHA 2003; HORA & MONARETTO 2003; MONARETTO 2009; SERRA & CALLOU, 2013). Esta dissertação propõe uma observação da variabilidade de produção do *R*, em posição de coda silábica externa (corre*R*/ melho*R*), em seis cidades da região Sul do país: Santa Maria (RS), Caçapava do Sul (RS), Criciúma (SC), Lages (SC), Campo Mourão (PR) e Guarapuava (SC).

A pesquisa adota a perspectiva da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (LABOV, 2004) e, buscando explicar a variabilidade do fenômeno de apagamento do *R* relativamente ao seu encaixamento na estrutura prosódica, assume os pressupostos teóricos da teoria da Hierarquia Prosódica (SELKIRK, 1984; NESPOR & VOGEL, 2007[1986]). Embora o cancelamento do *R* seja um fenômeno bastante investigado, o estudo de sua relação com a estrutura prosódica tem sido realizado apenas em trabalhos recentes, como os de Callou & Serra (2012), Serra & Callou (2013, 2015), Farias & Oliveira (2014) e Santana (2017).

As análises encontradas na literatura sobre o comportamento do rótico no português foram realizadas, em sua grande maioria, com base em dialetos das capitais e, primordialmente, utilizando apenas a fala de indivíduos mais escolarizados (com ensino superior completo). Esta dissertação propõe-se verificar a pronúncia do rótico na região Sul do Brasil, utilizando dados de seis diferentes variedades interioranas – duas cidades de cada estado da região (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina) – e com indivíduos com menor grau de escolarização (alfabetizado tendo cursado até no máximo o atual 5º ano do Ensino Fundamental). O *corpus* a partir do qual a análise foi desenvolvida pertence ao projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) e é constituído de gravações atuais, realizadas durante os primeiros anos deste século XXI.

Em português, o *R* aparece em diversos contextos: em início de palavra (*R*osa), em posição intervocálica, na qual existem dos tipos diferentes de *R* que se opõem fonologicamente (ca*R*o:ca*RR*o), como segundo elemento de um ataque complexo

(p**R**ato) ou em posição de coda silábica no meio da palavra (te**R**ceira) ou no final da palavra (faze**R**). É em contexto de coda, porém, que a realização do rótico tende a apresentar maior variabilidade. Em geral, essa variação é condicionada por fatores sociais e linguísticos, e estudos como os mencionados anteriormente têm por objetivo investigar sua sistematização e encontrar um padrão previsível para o uso do rótico nesta posição. No português falado, as múltiplas realizações do *R* na posição específica de coda – medial ou final – vão desde uma vibrante alveolar, uma fricativa velar, uma fricativa laríngea surda (aspiração) até o zero fonético [Ø]. Essas múltiplas realizações podem ser interpretadas como vestígio de um processo de enfraquecimento articulatorio, que leva, em seu último estágio, ao cancelamento do segmento ($R \rightarrow x \rightarrow h \rightarrow \emptyset$) (CALLOU, 1987).

Como já mencionado, o enfraquecimento do rótico e a distribuição do apagamento estão diretamente relacionados a fatores linguísticos e sociais, principalmente ao fator linguístico, visto que a realização ocorre preferencialmente nos dialetos em que a consoante se realiza como vibrante ápico-alveolar e o apagamento, nos dialetos que possuem realizações mais posteriorizadas. A partir de estudos sobre a distribuição do rótico no Sul do Brasil, tem sido demonstrado que nos dialetos dessa região a consoante mantém ainda seu caráter vibrante e a realização predominante é um tepe alveolar (CALLOU, LEITE E MORAIS, 1996; MONARETTO, 1997; BRESCANCINI E MONARETTO, 2008; SANTANA, 2017).

A respeito do fenômeno de apagamento do *R*, estudos recentes têm demonstrado que as cidades da região Sul e as cidades da região Nordeste encontram-se em etapas opostas do processo de cancelamento do *R*, visto que, atualmente, os índices de apagamento na capitais nordestinas já são muito elevados e o apagamento já é quase categórico (CALLOU, SERRA & CUNHA, 2015), enquanto nas cidades da região Sul esse processo ocorre em uma escala muito inferior. Monaretto (2000) investiga o comportamento do *R* nas capitais da região Sul – Porto Alegre, Curitiba e Santa Catarina – e como resultado encontra um percentual de apagamento de apenas 40%, sendo a classe morfológica dos verbos e a posição pós-vocálica final os maiores condicionadores desse processo. Por apresentarem altos índices de realização do segmento, as cidades da região Sul são ideais para se verificar a atuação das variáveis na aplicação do processo, bem como o papel desempenhado pela fronteira prosódica (SERRA & CALLOU, 2013, 2015).

O objetivo principal deste estudo é, portanto, propor uma análise da realização variável do *R* – em coda final – em municípios do interior da região Sul, na fala de indivíduos com menor grau de escolarização, contribuindo assim para a sistematização do comportamento do rótico no Português Brasileiro, o que já tem sido feito inclusive no âmbito do projeto ALiB (CARDOSO et al, 2014). Os objetivos específicos postulados para esta pesquisa são os seguintes: i) análise de dados recentes de fala espontânea, identificação e descrição dos tipos de realização do *R* em contexto de coda silábica final; (ii) investigação da atual frequência de uso de consoantes fricativas e da evolução do processo de apagamento do *R*, visto que, em trabalhos anteriores, a norma de pronúncia apontada para esta região é o tepe; (iii) observação das variáveis linguísticas e sociais que poderiam explicar a escolha pelos tipos de realização do rótico, de acordo com o método de análise da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (LABOV, 1994); (iv) comparação dos resultados encontrados nesta análise – a qual tem como objeto de estudo o comportamento linguístico de indivíduos menos escolarizados de regiões interioranas – com os já apresentados em trabalhos anteriores para a fala culta das capitais da região Sul; e (v) verificação da relação entre presença/ausência de *R*, em posição de coda final, e fronteira prosódica (SELKIRK, 1984; NESPOR & VOGEL, 2007[1986]).

Esta dissertação está organizada da seguinte forma: primeiramente, no capítulo 1, faz-se a revisão de alguns trabalhos dedicados ao estudo do comportamento do rótico em posição de coda externa em diferentes localidades, em especial de pesquisas que focalizam a região Sul do Brasil. No capítulo seguinte, capítulo 2, apresentam-se os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança que serviram de fundamento para esta pesquisa. Posteriormente, no capítulo 3, são descritos os passos metodológicos seguidos, desde a transcrição das amostras de fala até a interpretação dos resultados, e a composição do *corpus* adotado. Ainda no capítulo 3, são discutidas as variáveis testadas e as hipóteses para cada uma delas e é realizada uma breve contextualização político-geográfica das localidades investigadas. Finalmente, no capítulo 4, trazemos os resultados e as discussões, capítulo no qual expomos a análise variacionista desenvolvida com o auxílio do programa *GoldVArb X*. No capítulo 5, encontram-se as considerações finais sobre a pesquisa, com uma síntese das principais conclusões a que chegamos e das contribuições que pretendemos dar ao campo de estudo dos fenômenos variáveis no português.

1. REVISITANDO O RÓTICO

No âmbito dos estudos de Fonética e Fonologia, os róticos se tornaram alvo recorrente de estudos de inúmeros linguistas, por conta de sua complexidade estrutural, o que inclui um grande número de realizações fonéticas em diferentes contextos de ocorrência. Segundo Maddison (1984, *apud* Lima, 2013), os róticos são extremamente comuns e estão presentes em cerca de 75% das línguas do mundo. A respeito das inúmeras realizações fonéticas do rótico, este pode ser produzido de diferentes modos – vibrante, tepe, fricativa e aproximante – e em diferentes pontos/zonas de articulação – alveolar, uvular, velar e glotal. Na língua portuguesa, ainda que existam diferentes variantes de *R*, estas apresentam oposição fonológica apenas em posição intervocálica, como nos pares mínimos caro/carro, era/erra e muro/murro. Ainda que não haja distinção fonológica, o *R* ocorre nos demais contextos nos quais tal oposição sofre neutralização: (i) em início de palavra (rosa, renda); (ii) como segundo elemento de um ataque complexo (prato, livro); (iii) em posição de coda silábica medial (terceira, universidade); e (iv) em posição de coda silábica no final da palavra (fazer, professor).

Além de sua grande variabilidade, há outra importante questão relacionada a esse fonema: sua interpretação fonológica. Dentre os estudos linguísticos do português do Brasil (doravante PB), existem duas principais hipóteses para a definição do *status* fonológico da vibrante: há no sistema somente um fonema vibrante ou há dois fonemas diferentes – os chamados r-forte e r-fraco. Como mencionado por Callou (1987), uma importante análise estrutural da vibrante é oferecida por Mattoso Câmara Jr que, inicialmente, encaixa-se no grupo dos que defendem a primeira posição mencionada. Em *Para o estudo da fonêmica portuguesa* (1953), o autor reconhece apenas a existência de um fonema vibrante no sistema, representado como r-forte, e afirma que o r-fraco é uma variante enfraquecida do r-simples latino. Assim como Câmara Jr., Lopez (1979) é outra autora que defende a existência de apenas um *R* na estrutura subjacente, porém acredita que este seria o r-fraco. Em Monaretto (1992), a autora, além de interpretar a vibrante como um único fonema consonantal, afirma que este é representado pelo r-fraco – também denominado tepe por Monaretto.

Constatamos na análise estatística dos dados que: não há distribuição defectiva entre o r-forte e o r-fraco: em todos os ambientes fonológicos [...] Esses resultados levaram-nos a sustentar a interpretação de um só fonema na subjacência, representado pelo tepe (r-fraco). [...] Consideramos a oposição intervocálica como o resultado de uma gemação de dois r-fracos e explicamos as outras realizações do r-forte em início de palavra e em início

de sílaba (rato, genro), por meio de uma Regra de Reforçamento que converte o r-fraco subjacente em forte.

(Monaretto, 1997, p. 15, *apud* Monaretto 1992)

No grupo dos que defendem a existência de dois fonemas vibrantes na estrutura subjacente estão o próprio Câmara Jr. (1977) que, em trabalhos posteriores, com base na realidade fonética, revê sua posição e admite a existência de duas vibrantes – r-forte e r-fraco – que se opõem em contexto intervocálico. A questão do status fonológico atribuído à vibrante é uma discussão bastante complexa, para a qual ainda não se chegou a um consenso, ainda que grande parte dos autores interprete como um único fonema na estrutura subjacente.

Passando para o âmbito fonético, o chamado r-fraco é realizado frequentemente como uma vibrante apical simples – tepe alveolar – (CALLOU, 1987), sendo a única variante que ocorre em grupo consonantal. Já em posição pós-vocálica (coda medial e final) o r-fraco concorre com o r-forte. Além de aparecer em posição pós-vocálica, o r-forte é o único que pode ocorrer em posição pré-vocálica e é aquele que possui uma maior variabilidade de realização. Segundo Callou (1987), o r-forte pode ser realizado como uma vibrante múltipla anterior ou posterior, uma fricativa velar ou uma fricativa laríngea (aspiração). A autora já admite a possibilidade de, em posição de coda silábica final, o *R* realizar-se como zero fonético ou de ocorrer ressilabificação quando a palavra for iniciada por vogal.

A oposição de r-forte e r-fraco já existe desde o latim, língua a qual as variantes reconhecidas eram a vibrante alveolar sonora monovibrante e a alveolar sonora polivibrante (CALLOU, 1987). Essa distinção durante muito tempo era fundamentalmente quantitativa – o r-forte era caracterizado como aquele produzido com um maior número de vibrações. Com o processo de evolução natural da língua, a oposição deixou de ter caráter quantitativo, passando a assumir um caráter mais qualitativo: ocorreu alteração no ponto de articulação, de anterior para posterior, e no modo, de vibrante para fricativa.

A marca de oposição entre /r/ e /r̄/ consistia fundamentalmente na quantidade de vibrações. [...] A oposição quantitativa (R monovibrante e RR polivibrante) foi substituída por outra do tipo qualitativo com a mudança do ponto de articulação do /RR/, de anterior (alveolar) para posterior (velar ou uvular). [...] Uma outra modificação qualitativa deve ser também considerada: a mudança no modo de articulação de /RR/, de vibrante posterior para fricativa posterior, predominantemente velar [...].

(CALLOU, 1987, p. 19 e 20)

A autora explica essa passagem de vibrante para fricativa como uma forma de intensificação do caráter consonântico, visto que, as consoantes líquidas também possuem traços vocálicos, enquanto as fricativas conseguem estabelecer um maior contraste com as vogais.

Pensando nessa mudança de paradigma, a mudança fonética de vibrante simples e múltipla para fricativa velar ou glotal postulada em Callou (1987) pode ser interpretada como resultado de dois processos determinantes para a variação na produção dos róticos no PB: o processo de enfraquecimento articulatorio que leva, em seu último estágio, ao cancelamento do *R* ($RR \rightarrow R \rightarrow x \rightarrow h \rightarrow \emptyset$) e a posteriorização no ponto de articulação (CALLOU, LEITE & MORAES, 2002).

Como mencionamos no princípio deste capítulo, o rótico pode aparecer em diferentes posições silábicas, porém, é em contexto de coda que sua realização tende a apresentar maior variabilidade. Dos elementos que constituem a sílaba, a coda é o constituinte mais frágil e, por este motivo, a consoante que a preenche está mais sujeita à ação de processos como a ressilabificação e a supressão (MATEUS E RODRIGUES, 2003). As realizações do *R* postuladas por Callou, Leite e Moraes (2002) ocorrem com diferentes percentuais a depender da região do país. De acordo com os próprios autores, em contexto de coda, em São Paulo e Porto Alegre há um predomínio do tepe alveolar, enquanto em Salvador, Recife e no Rio de Janeiro a preferência é pela fricativa posterior, seja ela velar ou glotal. Para este estudo, os autores fizeram uso de entrevistas do Projeto NURC realizadas durante a década de 1970.

Em geral, a variação do rótico em coda silábica é condicionada por fatores sociais e linguísticos, e diversos estudos (CALLOU, LEITE & MORAES, 1996; MONARETTO, 1997; HORA & MONARETTO, 2003; SERRA & CALLOU, 2013) investigam sua sistematização e têm por objetivo encontrar um padrão previsível para o uso do rótico nessa posição. Essa questão vem sendo discutida ao longo dos anos sob a ótica da sociolinguística variacionista laboviana, não só em relação à norma de pronúncia, mas também ao processo de apagamento que ocorre preferencialmente em posição de coda silábica final.

Após essa breve apresentação sobre os róticos, fica evidente a complexidade dessa classe de sons e torna-se justificável a grande quantidade de trabalhos dedicados a seu comportamento. A partir deste momento, este capítulo se dedicará a apresentar sínteses de alguns importantes trabalhos variacionistas sobre a variabilidade do *R* em

língua portuguesa, principalmente no que se refere ao processo de apagamento em coda final, foco principal deste estudo. Essa revisão bibliográfica começará com o estudo de referência de Callou (1987), já referenciado nesta apresentação, e contará com outras análises mais recentes sobre o tema (CALLOU, LEITE E MORAES, 1996; BRANDÃO, MOTA & CUNHA, 2003). O objetivo é o de oferecer primeiramente um panorama geral do comportamento do rótico em diferentes localidades, passando finalmente aos estudos mais específicos da região Sul, como os de Monaretto (1997, 2000), e mencionar brevemente os recentes estudos que relacionam o apagamento do rótico e seu encaixamento na estrutura prosódica (CALLOU & SERRA, 2012; SERRA & CALLOU, 2013).

Em sua tese intitulada *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro* (1987), Callou se propõe a descrever o comportamento variável do rótico na fala de indivíduos nascidos na cidade do Rio de Janeiro com base em 55 gravações realizadas pelo projeto NURC¹. As amostras de fala deste projeto estão divididas em três faixas etárias – entre 25-35 anos (faixa 1), de 36-50 anos (faixa 2) e de 51-70 anos (faixa 3) – e pertencem a indivíduos de ambos os sexos. Os 55 informantes são caracterizados como cariocas, filhos de pais cariocas e com nível superior completo.

Este é o primeiro estudo dedicado ao comportamento do rótico na fala urbana culta e não está dedicado exclusivamente a opor presença/ausência do *R*, mas também a observar a frequência de cada uma de suas variantes em diferentes posições no vocábulo. O arcabouço teórico metodológico utilizado foi o da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (WEINREICH, LABOV & HERZOG 1968) modelo que visa a correlacionar fatos linguísticos e fatos sociais para a explicação da diferenciação dialetal. Para essa análise, foram testadas três variáveis sociais: sexo, faixa etária e zona geográfica de residência– os informantes estão distribuídos entre as zonas norte, sul e suburbana da cidade do Rio de Janeiro. Ao lado dessas, foram consideradas também variáveis linguísticas como:

(i) posição na sílaba e no vocábulo – inicial de palavra, intervocálica, antes de consoante fechando a sílaba e final de palavra;

¹O projeto NURC-RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro) é constituído por entrevistas gravadas nas décadas de 70 e 90, com informantes de nível superior completo, nascidos na cidade Rio de Janeiro. (www.lettras.ufrj.br/nurc-rj)

(ii) contexto fonológico antecedente – presença de fronteira à esquerda caso o *R* esteja em posição de ataque ou cada uma das vogais se o *R* estiver em contexto de coda silábica;

(iii) contexto fonológico subsequente – em posição de ataque, a única possibilidade é um segmento vocálico e, em posição de coda, as possibilidades são uma consoante, uma vogal ou pausa;

(iv) classe morfológica – verbo, substantivo, adjetivo, preposição e conjunção;

(v) tonicidade – o *R* está presente em uma sílaba tônica ou átona;

(vi) dimensão do vocábulo – uma sílaba, duas sílabas ou mais de duas sílabas;

(vii) pressão paradigmática – considerada apenas em contexto final de palavra e na classe dos verbos, o objetivo é verificar se há ou não uma forma verbal idêntica à de infinitivo, porém sem o *R*.

O objetivo principal do estudo de Callou foi o de analisar a mudança que ocorreu na norma de pronúncia do *R* forte na fala culta do Rio de Janeiro. Como mencionado anteriormente, a autora identificou que a correlação anterior entre *R* fraco (simples) e *R* forte (múltiplo) foi substituída por *R* anterior (vibrante) e *R* posterior (fricativo), devido aos processos de posteriorização e fricativação do rótico.

Um dos aspectos a considerar é a transição de um estágio linguístico em que o “R” era realizado como vibrante anterior de forma semicategórica para um outro estágio em que o “R” é realizado predominantemente como uma fricativa posterior. [...] estaremos considerando uma mudança fonética que afeta tanto o ponto como o modo de articulação do fonema em questão.

(Callou, 1987, p. 50)

A respeito dessa mudança fonética, a autora postula duas hipóteses principais. Na primeira, o processo de posteriorização teria ocorrido antes de iniciar-se o processo de fricativação e, na segunda, ambos os processos ocorreriam de forma simultânea. O que parece uma certeza é que a aspiração seria uma etapa posterior nesse processo de mudança.

Após as etapas de transcrição e análise do *corpus*, a autora encontrou seis variantes do rótico na fala dos cariocas: vibrante alveolar sonora, vibrante uvular sonora, fricativa velar surda, fricativa laríngea surda (aspiração), vibrante simples alveolar sonora e zero fonético. As últimas duas variantes foram encontradas exclusivamente em contexto final de vocábulo. Ainda que tenham sido identificadas diferentes variantes de *R*, a partir da quantificação e da análise estatística dos dados,

concluiu-se que a variante mais frequente na cidade do Rio de Janeiro era, na altura, a fricativa velar.

Nos resultados de Callou para as regras de posteriorização, fricativação e aspiração – em todos os contextos silábicos, exceto o de coda final –, as variáveis sociais se mostraram mais significativas do que as linguísticas. As mulheres, em geral, apareceram aplicando a regra com mais frequência, assim como os informantes mais jovens – o que comprova o fato de estarmos diante de um processo de mudança em progresso – e a região suburbana adota com mais facilidade as variantes inovadoras. Apesar de a autora ter descrito detalhadamente os resultados referentes a cada uma das posições silábicas em que o *R* se encontrava, nos dedicaremos aqui a sistematizar apenas os relativos ao contexto de coda silábica final, visto que é este o foco desta dissertação.

Em posição final de vocábulo, a pronúncia padrão verificada foi a fricativa velar surda, porém foram identificadas também duas variantes que comprovam o avanço do processo de mudança: a vibrante simples alveolar sonora (*tepe*) e a não-realização do segmento. A predominância da fricativa velar e a ocorrência da aspiração e até mesmo do zero fonético confirmam que a mudança no ponto e no modo de articulação do *R* forte já se encontrava em estágio avançado na cidade do Rio de Janeiro na década de 1970. O *tepe* apareceu exclusivamente passando da posição de coda para a posição de ataque da sílaba seguinte, quando a palavra era iniciada por vogal, fenômeno tradicionalmente conhecido como ressilabificação. A respeito do processo de apagamento, a autora comenta que naquela época se dizia que este era um fenômeno associado apenas à fala popular, porém seus dados confirmam que a ausência do *R* já seria comum inclusive na fala urbana culta. Diferentemente do que ocorreu nos demais contextos, em posição de coda final, os fatores sociais não se mostraram muito significativos, ainda que as mulheres tenham optado mais frequentemente pelas variantes mais inovadoras – aspiração e apagamento – e a faixa etária 3 tenha se comportado de forma mais conservadora. Por outro lado, as variáveis linguísticas se mostraram extremamente importantes para a distribuição das variantes do *R*. Os maiores índices de apagamento ocorreram em vocábulos de duas ($68\%/.537$)² e três sílabas ou mais ($75\%/.604$), e os monossílabos apresentaram maior inibição à aplicação da regra de apagamento ($45\%/.361$); o apagamento se mostrou mais frequente na classe

² Percentuais de frequência e valores de peso relativo para o processo de apagamento de *R*, apresentados na tese de Callou (1987).

morfológica dos verbos, principalmente nas formas infinitivas (82%/729); com relação ao contexto subsequente, é diante de pausa que o índice de apagamento é mais alto (70%/675), ainda que em contexto de vogal (67%/589) e consoante (55%/568) o peso relativo também seja superior a .5; nos resultados do contexto fonológico antecedente, concluiu-se que diante de vogais que apresentam o traço [-arred] o processo de apagamento tende a ser mais frequente (77%/591), enquanto a presença de vogais com o traço [+arred] inibe a aplicação desse processo (34%/409).

A autora apresenta dois fatores responsáveis por essa tendência de eliminação do *R* final:

Finalmente, a tendência à eliminação da vibrante final se explicaria, primeiro, por um processo semelhante ao sofrido por este som em outros contextos e, segundo, por uma tendência à sílaba aberta. A consoante implosiva é débil por sua natureza e favorece um relaxamento máximo. Haveria então duas forças a atuar: uma articulatória e uma silábica, que leva a aumentar o desequilíbrio ou assimetria que constitui uma lei fundamental da sílaba: reforço da explosão e debilitação da implosão silábica.

(CALLOU, 1987, p. 21)

A frequência geral de aplicação da regra de apagamento do *R* no estudo de Callou foi de 66%, porém a autora aponta que ainda há, na fala urbana culta do Rio de Janeiro, uma tendência à preservação desse segmento em coda silábica final, visto que, seu “input probabilístico” não ultrapassa .43.

Outro estudo de referência sobre a variabilidade de realização do rótico no português do Brasil é o de Callou, Leite e Moraes (1996), no qual os autores analisam dados de fala espontânea coletados na década de 1970, restritos às cinco capitais contempladas pelo Projeto NURC (fala culta): Porto Alegre (POA), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA) e Recife (PE). Na introdução, os autores afirmam que os processos de posteriorização do ponto de articulação, enfraquecimento³ e perda da consoante são uma tendência universal entre as línguas naturais. Podemos caracterizar este processo como uma mudança foneticamente condicionada ou também como um efeito da difusão lexical gradual – algumas palavras seriam afetadas preferencialmente pelo processo de apagamento. Admite-se ainda a possibilidade de tratar-se de uma mudança de natureza compósita na qual os movimentos de mudança foneticamente condicionada e de difusão lexical coexistiriam.

³ Mesmo processo apresentado na tese de Callou (1987), com a denominação fricativação.

O objetivo principal dessa pesquisa foi o de estabelecer uma distribuição das variantes do *R*, apenas em posição de coda silábica – final e medial –, nas cinco capitais estudadas pelo projeto NURC e observar como a mudança ocorre a depender da faixa etária e do sexo dos falantes. Para a análise dos dados, retirados de 30 inquéritos do tipo diálogo entre informante e documentador e diálogo entre dois informantes, foram seguidos os pressupostos metodológicos da Sociolinguística Quantitativa Laboviana. Como mencionado anteriormente na resenha do trabalho de Callou (1987), os informantes do projeto NURC são divididos em três faixas etárias e pertencem a ambos os sexos.

De acordo com os resultados gerais, sem levar em consideração fatores linguísticos ou extralinguísticos, a variante mais utilizada em contexto de coda foi a vibrante apical simples (32%), seguida da queda do segmento (26%). Quando separados os dados de coda silábica final e medial, a distribuição foi diferente: em posição final, o índice de apagamento foi de 37%, enquanto em contexto interno o segmento foi apagado em apenas 3% dos casos. Visto que o comportamento do rótico se mostra completamente diferente a depender da sua posição no vocábulo, os autores optaram por analisar os dados separadamente, ao apresentar os resultados por região. Em posição de coda medial, os índices de aplicação do processo de apagamento são pouco significativos – 4% em POA, 3% no RJ e em RE, e apenas 2% em SP e SSA. As variantes preferidas nesse contexto foram a vibrante simples nas cidades de POA (83%) e SP (87%), a fricativa velar em SAA (55%) e no RJ (54%) e a fricativa laríngea (aspiração) em RE (56%). Por outro lado, em contexto final de vocábulo, os índices de apagamento do *R* aumentam substancialmente e aparece como a variante mais utilizada, nas cidades de SP (49%), RJ (47%), RE (50%) e SSA (62%). Entretanto, nota-se que, pensando exclusivamente na oposição presença/ausência do *R*, a única cidade em que o percentual de apagamento é superior ao de realização é SSA, as demais apresentam um comportamento bem equilibrado. Em POA, a preferência segue sendo a vibrante simples (57%), porém o apagamento já alcança um índice de 37%.

Em seguida, os autores apresentam os resultados relativos aos fatores linguísticos e extralinguísticos relevantes para cada contexto. Serão relatados aqui apenas aos fatores apontados como significativos para o processo de apagamento em coda final. Em todas as cidades a variável classe morfológica afetou diretamente a distribuição das variantes e o apagamento se deu preferencialmente na classe dos verbos: POA apresentou .56 de peso relativo para o apagamento em verbos e .32 em

nomes; SP, .64 em verbos e .10 em nomes; SSA, .72 em verbos e .08 em nomes; RJ, .70 em verbos e .11 em nomes; e RE, .58 em verbos e .28 em nomes. A variável social faixa etária se mostrou relevante em quatro das cinco cidades estudadas, sendo POA a única em que este fator pareceu não influenciar. No RJ, a análise por faixa etária apontou uma curva de variação estável, com percentual de apagamento próximo a 50%; em SSA, há claramente uma curva de mudança em progresso no sentido do anelamento do segmento; em POA, os indivíduos da faixa etária 1 são os que lideram o processo de apagamento; e em RE, o quadro é oposto, sendo os informantes da faixa 3 os que mais cancelam o rótico. Os fatores condicionantes sexo do informante e vogal antecedente foram selecionados em três cidades. Quanto ao sexo, as mulheres se mostraram mais inovadoras ao apresentarem maiores percentuais de apagamento – SP, .69 para as mulheres e .28 para os homens; SSA, .67 para as mulheres e .37 para os homens; e RE, .77 para as mulheres e .26 para os homens. Com relação à vogal antecedente, seguido de uma vogal posterior, os índices de apagamento do *R* em POA, SP e RJ foram inferiores (.14, .02 e .10 respectivamente). Este resultado é semelhante ao apresentado em Callou (1987): a realização do segmento ocorre preferencialmente diante de vogais que possuem o traço [+arredondado].

Após a apresentação dos resultados, os autores levantam duas reflexões importantes a respeito do comportamento do rótico. A primeira diz respeito ao status da regra de apagamento desse segmento: seria essa uma regra lexical ou pós-lexical? Tomando como evidência os resultados de apagamento a depender da classe morfológica, podemos inferir que se trata de uma regra lexical, visto que o apagamento é favorecido pela classe dos verbos. Entretanto, se analisarmos os casos de *R* final diante de palavra iniciada por vogal, comprovaremos que em alguns casos ocorre a ressilabificação, na qual o *R* passa a ser realizado como vibrante, ou seja, a regra se aplicaria depois da silabificação, logo seria pós-lexical.

A segunda reflexão está relacionada ao processo de enfraquecimento sofrido pelo *R* e frequentemente debatido em trabalhos deste tipo. Geralmente, o caminho percorrido pelo *R* ($R \rightarrow x \rightarrow h \rightarrow \emptyset$) é caracterizado como processo de enfraquecimento. Porém, os autores afirmam que, tradicionalmente, o enfraquecimento é tratado a partir de uma escala de força na qual os segmentos que possuem menos sonoridade se encontrariam no topo da hierarquia. Sendo assim, as fricativas seriam consideradas mais fortes que as líquidas, logo a passagem de $r \rightarrow x$ seria um processo de fortalecimento e

não de enfraquecimento. Esse questionamento é levantado com o objetivo de determinar se a mudança ocorre de forma abrupta ou gradual e, para responder a essa pergunta, os autores se valem das variantes encontradas em cada uma das cidades. A conclusão mais coerente seria a de que a mudança pode ocorrer tanto gradualmente como em saltos, visto que, em SP, por exemplo, são encontradas realizações vibrantes e a queda do segmento, mas a etapa de aspiração é saltada.

Para finalizar, os autores questionam também o fato do *R* sofrer o cancelamento apenas em coda:

Sem dúvida, o apagamento torna a sílaba aberta, simplificando, assim, a estrutura silábica e alcançando o padrão ideal CV. Todas as consoantes que travam sílaba – r, s, l – podem ser canceladas no português do Brasil. Em *onset* o apagamento conduz ao padrão V e à possibilidade de encadeamento de várias vogais, o que não é, de um modo geral, desejável nas línguas.

(CALLOU, LEITE & MORAES, 1996, p. 488)

Ainda que os róticos se comportem de formas diferentes no português europeu (doravante PE) e no PB, o processo de apagamento desse segmento em posição de coda também é identificado no PE, porém com índices inferiores. Em Mateus e Rodrigues (2003), as autoras estão interessadas em verificar o processo de supressão do *R* no discurso oral, com base em dois *corpora* diferentes: quatro programas de rádio e televisão retirados do projeto REDIP⁴ e amostras de fala espontânea de falantes nativos de Lisboa e Braga (CPE-Var⁵). Como mencionado durante a exposição dos trabalhos anteriores, o *R* em posição de coda silábica no PB pode ser realizado de diferentes maneiras, enquanto isso, de acordo com Mateus e Rodrigues, no PE esse segmento é tradicionalmente apresentado sem variação, realizado sempre como uma vibrante coronal. No entanto, as autoras afirmam que, assim como no PB, em discurso oral e informal, no PE pode ocorrer também a supressão do *R*, desde que o contexto subsequente seja de consoante.

Das 2328 palavras coletadas do REDIP, 13% foram pronunciadas sem o *R*, enquanto 87% foram realizadas com a presença do rótico. Pensando na hipótese deste ser um processo sensível à classe morfológica, foram separados os dados de verbo e não-verbo. Entretanto, os resultados foram muito diferentes do que estamos

⁴ O REDIP (Rede de Difusão Internacional do Português: rádio) trata-se de um *corpus* de língua oral e escrita constituído a partir de amostras diversificadas de três meios de comunicação: rádio, televisão e imprensa. (iltec.pt/?action=concord)

⁵ O CPE-Var (*Corpus* de Português Europeu – Variação) foi realizado entre 1996 e 1997 com a seguinte estrutura: discurso formal inicial, leitura de palavras e frases isoladas, leitura de texto e discurso informal sem tema específico.

acostumados a ver nos estudos do PB: os índices de apagamento foram exatamente os mesmos, 12% em nomes e em verbos⁶. Uma variável que parece influenciar diretamente no processo de apagamento é o contexto segmental subsequente. O rótico é cancelado com mais frequência (64%) quando antecede uma consoante obstruinte (oclusiva e fricativa). Quando seguido de vogal ou pausa, o *R* raramente sofre cancelamento.

Do segundo *corpus* utilizado, amostras do CPE-Var, foram coletadas 3500 ocorrências de *R* em coda final apenas nos momentos de discurso informal. Concluiu-se que a variação nesse contexto se deve mais a fatores de ordem linguística e não sociais, visto que os resultados obtidos para as cidades de Braga e Lisboa foram muito semelhantes (31.3% e 33.4 de apagamento, respectivamente). Notemos que os índices são bem superiores aos encontrados na primeira análise das autoras, provavelmente por esta corresponder a entrevistas espontâneas e que mais se aproximam ao vernáculo dos falantes. Enquanto isso, no *corpus* REDIP, as amostras de fala têm um grau maior de monitoramento. As autoras concluem reconhecendo a atuação de fatores linguísticos para a aplicação do processo de apagamento do *R* e que ainda não é possível afirmar que “*estamos perante uma mudança em curso no português europeu*” (MATEUS & RODRIGUES, 2003, p. 9).

Outro importante estudo que aborda o comportamento do *R* no PE é o de Brandão, Motta e Cunha (2003), no qual as autoras realizam um estudo contrastivo entre *R* em final de vocábulo no PE – dados de Lisboa – e no PB – dados do Rio de Janeiro. O objetivo principal é o de identificar em qual das duas variedades se encontram os maiores índices de apagamento, ainda que se parta da hipótese desse processo ser mais frequente no PB. O *corpus* utilizado como base foi o VARPORT⁷ e foram selecionados 12 inquéritos, realizados apenas com informantes do sexo masculino, de níveis de escolaridade elementar e superior e distribuídos em três faixas etárias.

As autoras chegaram a resultados opostos para as variedades brasileira e europeia no que se refere ao apagamento: 26% de cancelamento e 74% de manutenção no PE e 78% de cancelamento e 22% de manutenção no PB. A seguir serão apresentados brevemente os resultados de acordo com as variáveis linguísticas e sociais consideradas para esse estudo. Com relação ao nível de escolaridade dos informantes,

⁶ Nesta etapa, as autoras excluíram os itens que não são nomes nem verbos (melhor, pior, por).

⁷ (www.lettras.ufrj.br/varport/corpus.htm)

essa variável só se mostrou relevante para a variedade brasileira (.36 de apagamento em falantes com nível superior completo e .62 em falante somente com nível elementar). Já a respeito da variável faixa etária, essa se mostrou significativa tanto no PB como no PE. “*Nas duas variedades nacionais, o cancelamento do (R) constitui uma inovação, que, no caso do PB, já se encontra bastante disseminada*” (BRANDÃO, MOTTA & CUNHA, 2003, p. 168). Os informantes da faixa etária número 1 apresentaram os maiores índices de apagamento (.65 no PE e .58 no PB). No PE, inclusive, essa foi a variável mais relevante para o processo de cancelamento. Por outro lado, no PB, a variável apontada em primeiro lugar foi a tonicidade da sílaba em que o *R* se encontra – o fenômeno do apagamento ocorreu com mais frequência em vocábulos tônicos (.67) do que em vocábulo sátonos (.01).

A respeito da classe morfológica do vocábulo, no PE não se repete o comportamento já observado no PB em trabalhos anteriores. A classe dos verbos e dos nomes apresentaram um comportamento quase idêntico, o que levou as autoras a reunir ambas as classes. Nestas o peso relativo para o apagamento foi de apenas .39, enquanto em expressões cristalizadas (*vamos dizer e por exemplo*), quantificadores (*qualquer*) e nos vocábulos *maior/melhor/pior/menor* o peso foi superior a .65. No PB, o comportamento já esperado se confirmou – o apagamento em formas verbais finitas foi categórico, em verbos no infinitivo apresentou peso relativo de .64 e em nomes um peso de .17. Brandão, Motta e Cunha concluem o estudo admitindo a tendência do PB a cancelar o (R) em contexto de coda com o objetivo de simplificar a estrutura silábica e buscar o padrão CV, enquanto no PE a tendência seria a de manter a estrutura CVC.

Outro importante estudo que deve ser revisitado é o de Callou, Serra e Cunha (2015) sobre o processo de mudança em curso do apagamento do *R* em coda silábica final e medial nas capitais do Nordeste. Além de tratar de um trabalho realizado com base em amostras de fala recente – gravadas nos anos 2000 –, as autoras fizeram uso do mesmo *corpus* que utilizaremos para esta dissertação, as entrevistas do Projeto ALiB. Apresentaremos aqui apenas os resultados relativos ao apagamento em coda final.

Os resultados encontrados pelas autoras apontam para um processo de mudança em direção ao apagamento do rótico na região Nordeste do Brasil na categoria dos verbos e dos não-verbos, ainda que os percentuais sejam diferenciados considerando as médias das capitais. Enquanto nos verbos o apagamento já atinge, nos anos 2000, 94% de apagamento, em não-verbos o índice de apagamento é de 72%. Das nove capitais

estudadas, apenas Aracaju e Teresina apresentaram um índice de apagamento em coda final de verbos inferior a 90%, o que levou as autoras a chegarem à seguinte conclusão: “A regra se configura como semi-categórica, sem apresentar, praticamente, restrições de natureza estrutural e/ou social.” (CALLOU, SERRA & CUNHA, 2015).

Em contexto de coda final de não-verbos, a distribuição de apagamento não se mostrou tão uniforme. As autoras separaram as cidades em três grupos: (i) lugares onde o processo atua de forma semelhante em verbos e não-verbos – João Pessoa, Salvador, Maceió e Fortaleza –, (ii) lugares onde o processo é muito frequente em verbos e um pouco menos frequente em não-verbos – Natal, Recife e São Luís e (iii) lugares onde os índices de apagamento em geral são mais baixos, comparados aos das demais localidades, e em não-verbos o processo de apagamento ainda está a meio termo – Aracaju e Teresina. Em quase todas as cidades, exceto João Pessoa, a variável dimensão do vocábulo se mostrou significativa para o processo de apagamento, que foi menos frequente em monossílabos. As autoras realizaram ainda uma tabulação cruzada entre as variáveis sociais gênero e faixa etária: os resultados indicam que os informantes mais jovens – do sexo feminino e masculino – são os precursores da mudança. Em seção dedicada exclusivamente ao comportamento das duas capitais que apresentaram os menores índices de apagamento, Aracaju foi apontada como a localidade em que ocorre uma maior manutenção do *R* nos monossílabos (90%).

1.1 Os róticos no Sul do Brasil

Após essa breve descrição de alguns importantes trabalhos sobre o *R* no português, passaremos agora aos estudos específicos da região Sul, foco principal desta dissertação. O primeiro trabalho revisitado será a Tese de Monaretto (1997) que tem como principal finalidade investigar o comportamento fonético e fonológico dos sons do *R*⁸ na fala das capitais da região Sul – Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC) e Curitiba (PR). A pronúncia foi estudada com relação a quatro variantes: vibrante anterior, vibrante posterior, tepe e retroflexo. Deixou-se de lado a variante “zero fonético”, restringida apenas ao contexto final de palavra em formas infinitivas. Ainda que a autora não analise o fenômeno de apagamento variável do *R*, seu estudo se mostra relevante para esta dissertação na medida em que aponta a variável preferida em diferentes localidades da região Sul, no final da década de 80. Além disso, a autora se

⁸ Designados pela autora neste trabalho com o nome de Vibrante.

propõe a analisar a interferência de fatores linguísticos e sociais no comportamento da vibrante e discutir teoricamente seu estatuto. Monaretto parte das hipóteses de que as variáveis mais significativas são a posição do *R* na sílaba e a etnia do falante e de que a variante preferida na região Sul do país, em posição de coda, é o tepe.

A autora dá início a seu estudo reunindo diferentes trabalhos que debatem a questão do estatuto fonológico da vibrante e apresenta as duas hipóteses principais que mencionamos no princípio desta seção. Assim como em trabalho anterior (MONARETTO, 1992), Monaretto assume a posição da existência de apenas um fonema na subjacência, representado pelo r-fraco, e busca evidências para sustentar tal interpretação. O *corpus* utilizado faz parte do banco de dados do projeto VARSUL⁹ e está composto por 36 entrevistas – doze de cada capital. A autora optou por realizar uma análise quaternária considerando cada uma das variantes de *R* encontradas no *corpus* e postulou algumas variáveis independentes. As variáveis linguísticas foram a posição na sílaba, o contexto precedente, o contexto seguinte, o acento e a velocidade de fala e as sociais – foco de interesse da Teoria da Variação e da Mudança (LABOV, 1962) – são o sexo, a faixa etária, a escolaridade e a localidade de origem do informante.

Após uma análise computacional realizada com a ajuda do VARBRUL, foram registradas 3994 ocorrências da vibrante e chegou-se ao seguinte resultado englobando as três capitais: o tepe é a variante mais utilizada (40%), seguida pela vibrante posterior¹⁰ (39%) e pela vibrante anterior (16%). A variante retroflexa aparece como a menos utilizada nessas localidades (5%). Em análise individual de cada cidade, o tepe foi a variante predominante em Porto Alegre (55%) e Curitiba (39%), enquanto em Florianópolis houve uma frequência maior de vibrante posterior (78%). Após a apresentação dos resultados sem levar em consideração nenhuma variável linguística, a autora apresenta os índices de cada variante a depender do contexto em que a vibrante se encontra. Estes resultados confirmaram mais uma vez que a escolha do informante está condicionada à posição da sílaba que o *R* ocupa: em coda a frequência de tepe aumenta (.66), enquanto em ataque o que aumenta é o uso da vibrante posterior (.86). Podemos relacionar esse resultado aos estudos sobre o cancelamento do rótico, nos quais o

⁹ O projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) tem como objetivo principal descrever o português falado e escrito de áreas socioculturalmente representativas do Sul do Brasil (varsul.org.br)

¹⁰ Monaretto (1997) agrupa sobre o rótulo de “vibrante posterior” todas as realizações posteriores, incluindo fricativas e vibrantes. A autora adota uma perspectiva fonológica, por isso o tratamento indistinto como vibrante, independentemente do modo de articulação do segmento.

fenômeno também está condicionado à posição do segmento na sílaba– o apagamento só ocorre em posição de coda silábica, preferencialmente em final de palavra, nunca em posição de ataque.

As variáveis contextos precedente e seguinte, acento e velocidade de fala não interferiam de modo significativo na manifestação da vibrante. Como já esperado, dentre as variáveis sociais, a mais relevante foi o grupo geográfico. Em uma tabulação cruzada entre o grupo geográfico e a posição do *R* na sílaba– variável linguística mais relevante, Monaretto chegou aos seguintes resultados: em POA há um predomínio de tepe, principalmente em posição de coda (52%); em Florianópolis a preferência é pela vibrante posterior, variante que ocorre mais em contexto de coda (61%); Curitiba foi a cidade em que mais se encontrou a variante retroflexa (79%). Além de oferecer uma descrição detalhada dos resultados relativos a cada variável linguística e social postulada, Monaretto compara seus dados com as realizações da vibrante encontradas no projeto de pesquisa do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS). Este projeto conta com 95 diferentes pontos de inquérito no Rio Grande do Sul, 79 em Santa Catarina e 99 no Paraná. Os resultados do ALERS para cada estado da região foram divididos em três grupos: *R* em posição de ataque, *R* em posição de coda medial e *R* em posição de coda final. Como em nosso estudo estamos preocupados apenas com a realização do rótico em contexto de coda final, faz-se necessária a apresentação dos resultados apenas nessa posição. Nas três estados ocorreu maior predominância do tepe: 90% no Rio Grande do Sul, 95% Santa Catarina e 57% no Paraná. Percebe-se que a frequência de tepe no Paraná é bastante inferior, isso ocorre, pois nesse estado o tepe concorre diretamente com a variante retroflexa (42%). Um dos motivos apresentados pela autora para a presença do *R* retroflexo no Paraná é o fato deste estado ser vizinho de São Paulo, cuja fala é marcada pela presença da retroflexa.

Um estudo mais recente sobre os róticos na Região Sul é o de Monaretto e Brescancini (2008), no qual as autoras, além de identificar a variante adotada em cada cidade, abordam também o processo de apagamento do *R* em dados coletados entre 1988 e 1996. Mais uma vez é mencionada a importância do contexto linguístico para esse tipo de estudo. Em posição pré-vocálica ocorre um predomínio da fricativa velar; em grupo consonantal, do tepe e em posição pós-vocálica podem ocorrer as seguintes variantes: tepe, fricativa velar, retroflexa, aspirada e zero fonético. Passando diretamente para os resultados gerais relativos ao processo de cancelamento do rótico,

as autoras encontram um percentual de 24% de apagamento em coda silábica e afirmam que a variação da vibrante ocorre em todas as posições da sílaba, com exceção do apagamento que ocorre exclusivamente em contexto de coda, preferencialmente em final de palavra e em verbos no infinitivo.

Neste estudo há um excelente resumo de trabalhos que analisaram o apagamento do *R* em localidades da região Sul do Brasil. Monguilhot (1997, *apud* BRESCANCINI & MONARETTO, 2008), por exemplo, obteve um índice de apagamento de 71% para as cidades de Santa Catarina presentes no VARSUL, enquanto Monaretto (2000, *apud* BRESCANCINI & MONARETTO, 2008), considerando as três capitais, encontrou apenas 40% de apagamento. Sendo assim, podemos inferir que Florianópolis é a capital que apresenta os maiores índices de apagamento do *R*. Monguilhot (1997), Monaretto (2000) e Pimentel (2003, *apud* BRESCANCINI & MONARETTO, 2008) concluem que há maior probabilidade de apagamento entre os indivíduos com baixo grau de escolaridade e Monaretto (2000) e Pimentel (2003) apontam os mais jovens como os que mais apagam o segmento. Em Monaretto (2000) e Gregis (2002, *apud* BRESCANCINI & MONARETTO, 2008), os fatores que mais influenciaram o processo de apagamento do *R* em verbos foram estar em posição final do vocábulo e pertencer a uma forma de infinitivo. Para os autores não é possível atribuir estigma social ao processo de cancelamento, visto que os pesos relativos dos informantes das classes A e D foram muito semelhantes. Para os não-verbos, apenas as variáveis acento e dimensão do vocábulo foram relevantes: o apagamento tende a ser mais frequente em monossílabos e em sílabas átonas.

Em estudo voltado para a variação do rótico em coda silábica na fala dos florianopolitanos, Monguilhot (2007) aborda o tema a partir da perspectiva da dialetologia pluridimensional – corrente que privilegia as dimensões diastráticas, diafásicas e diatópicas. A autora não aborda a possibilidade de ocorrer o apagamento do rótico nesse contexto silábico. O *corpus* utilizado pertence ao Projeto Piloto Variação (Sócio-Geo) Linguística em Florianópolis e conta com um total de 40 entrevistas realizadas em dez diferentes pontos da cidade – cinco urbanos e cinco rurais – e com informantes de duas faixas etárias – 15-25 anos e 40-60 anos. Uma das hipóteses da autora é a de que os informantes mais velhos e com menor grau de escolarização realizariam com mais frequência o tepe em detrimento da fricativa. Como visto na revisão da tese de Monaretto, a preferência dos falantes em Florianópolis era pela

variante fricativa e quase não há ocorrência de vibrante. Outra hipótese importante é a de que, nas localidades onde há maior preservação da cultura açoriana, haveria maior tendência à realização do tepe. Tal hipótese se baseia no fato do tepe ser a variante típica do PE.

Dentre as 173 ocorrências de *R* em posição de coda silábica, a autora identificou três variantes diferentes: fricativa glotal (60%), fricativa velar (24%) e tepe (16%). Neste estudo, a localidade não influenciou na escolha da variante fricativa e estas também apareceram em todas as faixas etárias e graus de escolaridade. No que diz respeito ao tepe, este ocorreu com mais frequência na fala dos informantes mais velhos e menos escolarizados e o ponto geográfico interferiu de certa forma na escolha dessa variante: nos locais onde a cultura açoriana se encontra mais preservada, há mais ocorrência de tepe – resultados que confirmam as hipóteses iniciais de Monguilhott. Uma vez que a fricativa predomina em detrimento do tepe podemos afirmar que estamos diante de um caso de mudança em progresso de *R* anterior (tepe, apical) para posterior (fricativa velar e glotal). Para finalizar, a autora conclui que a pronúncia posterior não teve origem no falar açoriano e que a pronúncia velar muito provavelmente tem sua origem em outros falares brasileiros, como os do Rio de Janeiro. O tepe é tido na cidade de Florianópolis como a variante mais conservadora, visto que ocorre nas zonas mais rurais, aquelas que conservam traços dos colonizadores, e na fala dos informantes mais velhos.

Costa e Cotovicz (2015), em estudo sobre a produtividade da vibrante múltipla alveolar na cidade de Rebouças, realizam uma análise acústica das realizações do *R* em contexto de ataque e coda silábica. Segundo os autores, a vibrante múltipla alveolar é caracterizada por múltiplos toques do ápice da língua nos alvéolos, enquanto na produção de um tepe o que ocorre é um breve toque do ápice da língua nesse mesmo ponto. A respeito da produtividade da vibrante múltipla, Monaretto (2009) comprova que a região Sul do Brasil é a localidade onde esta variante ainda é produzida: ocorre como variante de maior frequência em Lages (SC) e Blumenau (SC).

Para essa análise foram levados em conta quatro informantes de Rebouças – dois homens e duas mulheres, dois jovens e dois mais velhos – e foi elaborado um grupo de palavras com *R* em contexto de ataque, posição intervocálica e coda. Foram identificadas quatro variantes: tepe, vibrante múltipla alveolar, fricativa velar e aproximante retroflexa. No contexto que nos interessa, posição de coda, foi categórica a

produção da variante retroflexa. Esse resultado confirma o que já foi apontado em trabalhos anteriores sobre o estado do Paraná (CASTRO, 2006; FERRAZ, 2005). Quanto à vibrante múltipla, o estudo de Costa e Cotvitz (2015) comprova que essa ainda é uma variante bastante produtiva em algumas localidades do Paraná em contexto de ataque (43%) e em posição intervocálica (44%).

1.2 O rótico e seu encaixamento na estrutura prosódica

Em trabalhos anteriores, como o de Callou, Leite e Moraes (1996) e outros já mencionados aqui, costumava-se afirmar que o domínio estrito do apagamento do *R* era a sílaba. Entretanto, a partir de estudos que comparam o comportamento do rótico em coda medial e final, evidenciou-se a diferença entre os altos índices de apagamento do rótico em final de vocábulo e os baixos valores de apagamento em seu interior. O processo apresenta maiores índices em final de verbos no infinitivo – *amaR*, *comeR* e *seguiR*, por exemplo, do que em vocábulos nos quais o *R* se apresenta em posição de coda medial, como em *noRte* e *soRvete*. Pensando nisso, a noção do domínio de apagamento ser a sílaba é contestada pela primeira vez em Callou e Serra (2012).

postula-se, pela primeira vez, que o domínio do cancelamento vai além da sílaba e que seu *locus* tem relação, na verdade, com o tipo de fronteira prosódica [...] A possível relação entre o apagamento do *R* e o tipo de fronteira prosódica em que este segmento se encontra auxiliaria no entendimento dos altos índices de apagamento em final de vocábulo em contraste com os baixos valores de apagamento no interior de vocábulo.

(CALLOU & SERRA, 2012, p. 42-43)

Estar em coda silábica é, portanto, condição necessária, mas não parece ser suficiente para a aplicação do processo, visto que o cancelamento é muito mais frequente em posição de coda final. Desta forma, o fenômeno do cancelamento do *R* parece apresentar também uma motivação de natureza prosódica. Por conta disso e na linha de Callou & Serra (2012), Serra & Callou (2013, 2015), nos propusemos a realizar uma análise variacionista não só com variáveis linguísticas e sociais, mas também com uma variável prosódica, com a finalidade de analisar a relação entre o apagamento do *R* e o tipo de fronteira prosódica em que esse segmento está inserido.

Para entender melhor essa relação entre constituintes prosódicos e fenômenos segmentais, tomemos como exemplo a observação dos fenômenos fonológicos de sândi externo (BISOL, 2002; TENANI, 2002, 2004). Em sua tese de doutorado, Tenani (2002) investiga diferentes fenômenos segmentais – vozeamento da fricativa, tapping,

haplologia, degeminação, elisão e ditongação – como objetivo de verificar se os domínios prosódicos são relevantes para a organização segmental da cadeia da fala em unidades maiores do que a palavra no PB. Analisou-se o comportamento de cada um desses processos em quatro contextos prosódicos diferentes: mesmo Φ (sintagma fonológico), entre Φ , entre Is (sintagma entoacional) e entre Us (enunciado fonológico). Os resultados demonstraram que o sândi externo no PB pode ocorrer entre todas as fronteiras prosódicas e que apenas a pausa funciona como um inibidor para a aplicação dos processos. A autora constatou também que a pausa ocorre com mais frequência entre as fronteiras de I e U. O único processo que apresenta um comportamento um pouco diferente é a haplologia: ainda que não seja bloqueada pela presença de uma fronteira prosódica específica, o processo ocorre com menor frequência quando está em fronteiras mais altas da hierarquia prosódica (IE U).

Segundo Nespor e Vogel (1986, 2007), a fala não deve ser considerada meramente uma sequência linear, pois, em realidade, é segmentada em constituintes hierarquicamente organizados, que, apesar de serem interdependentes, mantêm relação entre si. Os constituintes prosódicos não coincidem, necessariamente, com os constituintes morfosintáticos, mantêm portanto uma relação de interdependência. A formação desses constituintes ocorre a partir de informações acessadas em outros componentes da gramática, nomeadamente, o sintático, entretanto os constituintes prosódicos não coincidem, necessariamente, com os constituintes morfosintáticos, mantendo entre si uma relação de interdependência. Isso porque, para a organização de alguns constituintes prosódicos, estão envolvidas regras puramente fonológicas e fatores como a velocidade da fala e o tamanho dos constituintes de uma sentença (em número de sílabas/palavras prosódicas) podem alterar a estrutura fonológica, enquanto a estrutura sintática se manteria a mesma. As principais evidências para uma organização hierárquica em constituintes prosódicos se encontram na observação de processos fonológicos, como as regras de sândi externo, fenômenos rítmicos e tonais/entoacionais (NESPOR; VOGEL, 1986, 2007; FROTA, 2000; BISOL, 2002; TENANI, 2002, 2004; SERRA, 2009, 2010, 2016).

O modelo da Fonologia Prosódica postula os seguintes domínios hierarquicamente organizados: sílaba (σ) < palavra prosódica ($P\omega$) < pé métrico (Σ) < sintagma fonológico (Φ) < sintagma entoacional (IP) < enunciado fonológico (U).

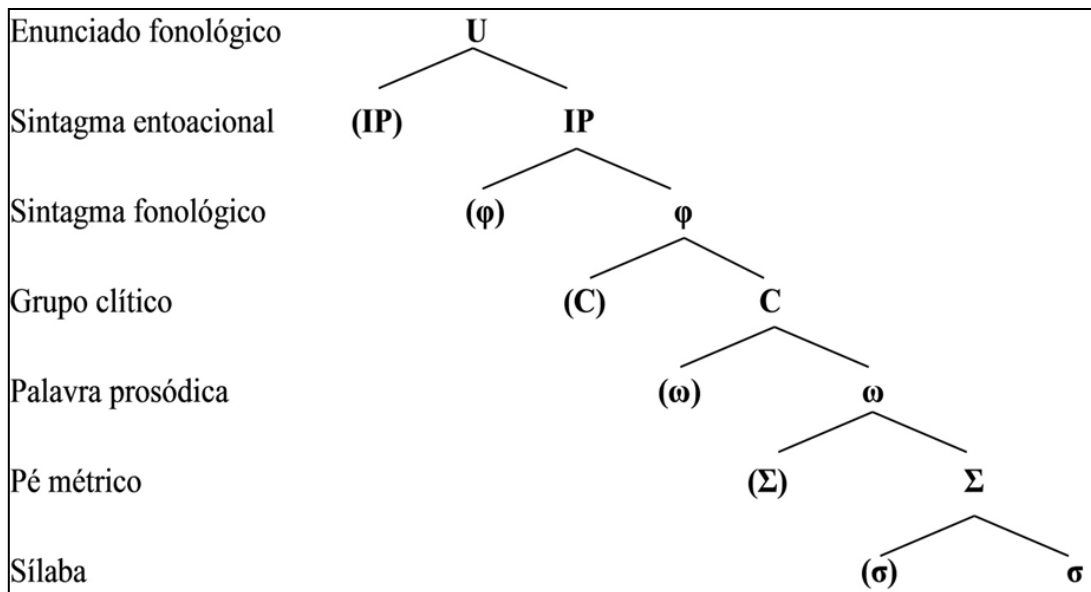


Figura 1. Representação arbórea dos constituintes prosódicos (adaptado de Serra, 2009).

A seguir, através da figura retirada de Callou e Serra (2012), pode-se observar a segmentação prosódica ideal, em constituintes prosódicos, de um enunciado do PB:

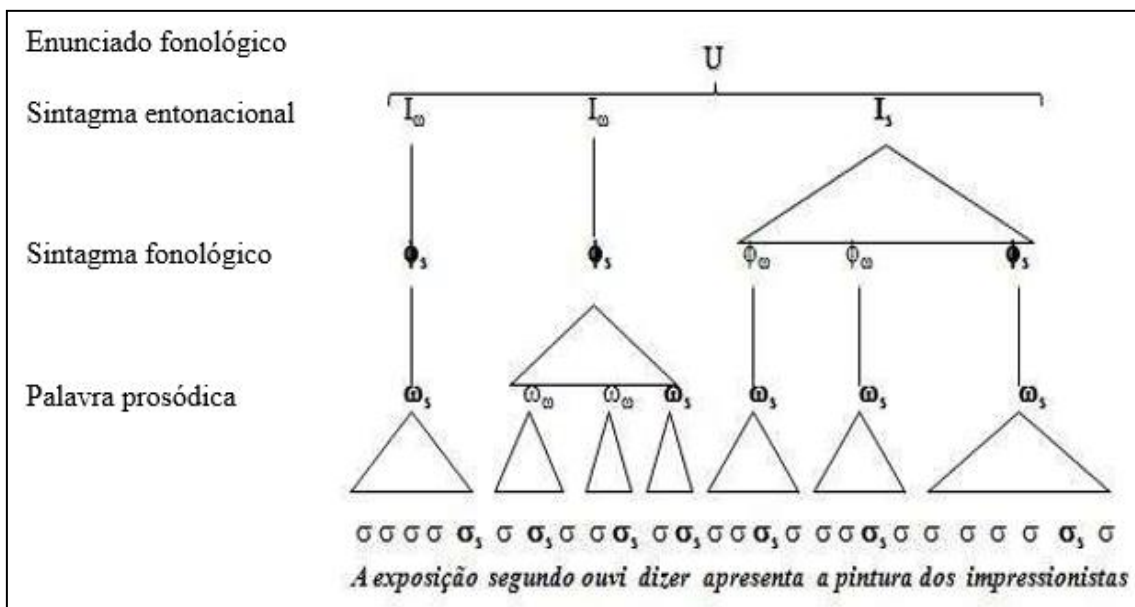


Figura 2. Estrutura Prosódica e relação de proeminência relativa nos domínios prosódicos (CALLOU & SERRA, 2012).

Apesar de a teoria postular sete constituintes prosódicos diferentes, para esta análise, serão observados apenas três: a Palavra Prosódica (Pw), o Sintagma Fonológico (PhP) e o Sintagma Entoacional (IP). Esses domínios mapeiam informações morfossintáticas em constituintes fonológicos, enquanto os constituintes mais baixos (sílabas e pé métrico) comportam para sua formação apenas informações do componente

fonológico. A hipótese relativa ao processo de apagamento do rótico, utilizada pela primeira vez em Callou e Serra (2012) e que leva em conta esse três domínios, é a de que quanto mais alta a fronteira prosódica maior seria a tendência à preservação do *R*, o que poderia explicar a diferença de índices de apagamento em fronteiras internas e externas à própria palavra (CALLOU & SERRA, 2012; SERRA & CALLOU 2013, 2015). Segundo as autoras, os domínios imediatamente superiores ao da palavra prosódica – sintagma fonológico (PhP) e entoacional (IP) – são extremamente importantes para a organização melódica dos enunciados e relevantes para a associação de eventos tonais ao texto de fala em diferentes variedades do português. No PB, o PhP é caracterizado pela ocorrência de um acento tonal em seu elemento mais proeminente e o IP é marcado por um contorno nuclear e uma provável pausa em sua fronteira direita, além de ser o *locus* de alongamentos pré-fronteira.

Os algoritmos de formação dos constituintes Pw, PhP e IP são apresentados por Serra & Callou (2013) tal como se descreve abaixo:

Palavra prosódica (Pw) -- uma palavra prosódica tem um único acento primário e uma palavra prosódica máxima (P_ωmax) tem um único elemento proeminente. Todo elemento com acento de palavra tem de estar incluído numa palavra prosódica (Vigário, 2003).

Sintagma fonológico (PhP/ Φ) – um sintagma fonológico deve ser formado por uma cabeça lexical (núcleos de sintagmas sintáticos cuja natureza é lexical e não funcional) + todos os elementos do lado esquerdo dentro da projeção máxima de Lex + XP complemento do seu lado direito, que contenha apenas uma P_ω (Frota, 2000; Tenani, 2002). Dessa forma, atendendo às condições necessárias, um Φ deve ser constituído por mais do que uma palavra prosódica, formando um único Φ com um complemento não ramificado.

Sintagma entoacional (IP) -- um sintagma entoacional deve conter toda sequência não estruturalmente anexada à oração raiz ou todas as sequências de Φs em uma oração raiz (Nespor & Vogel, 1986/2007). A formação de IP está sujeita a condições de tamanho prosódico: sintagmas longos (em número de sílabas e de palavras prosódicas) tendem a ser divididos, da mesma forma que sintagmas pequenos tendem a formar um único I com um I adjacente, o que leva à formação de sintagmas com tamanhos equilibrados (Frota, 2000; Serra, 2009). (2013:588)

(SERRA & CALLOU, 2013, p. 587-588)

Uma importante variável linguística observada nos estudos sobre o apagamento do *R* é o contexto subsequente. A presença da pausa, que é uma pista igualmente de natureza prosódica, se mostrou um fator que exerce influência na aplicação desse processo, fato que possui relação direta como tipo de fronteira prosódica em que o elemento está inserido: fronteira de sintagma entoacional (IP). Essa relação se deve ao

fato da pausa ser a principal pista, tanto na produção quanto na percepção, da presença de um sintagma entoacional no Português do Brasil (Serra, 2009, 2010). A fronteira de sintagma entoacional é, portanto, um contexto de resistência ao apagamento do rótico, visto que a pausa silenciosa (ou preenchida) que marca essa fronteira prosódica desfavorece a aplicação do processo segmental. A pausa já havia sido apontada como contexto desfavorecedor do apagamento do rótico em Votre (1978), para a fala adulta, e Gomes (2006), para a fala de crianças, só mais recentemente sendo relacionada a um condicionamento que diz respeito ao domínio prosódico do Sintagma Entoacional (Serra & Callou, 2013; Farias & Oliveira, 2014). Em pesquisa recente sobre a aquisição da coda no PE, Jordão (2009) afirma que a posição final de IP propicia, claramente, tanto as estratégias de reconstrução como a realização da coda.

Contamos, portanto, com duas variáveis que podem aferir o papel da estrutura prosódica no processo de apagamento do rótico: o mapeamento ideal das fronteiras de Pw, PhP e IP, a partir dos algoritmos de formação desses constituintes apresentados acima, e o mapeamento real das fronteiras de IP na realização de fala observado pela ocorrência de pausa. Afora nos casos de hesitação, falsos começos e outras disfluências, a pausa demarca, na realização, uma fronteira de IP (SERRA, 2009, 2010).

Atualmente, em variedades como as do Nordeste e a do Rio de Janeiro, em que o apagamento do *R*, em coda final de verbos, já é praticamente categórico, e os índices de realização em coda final de não-verbos são muito baixos (FARIAS & CALLOU 2014; FARIAS & OLIVEIRA, 2013; OLIVEIRA, SANTANA & SERRA, 2014), o tipo de fronteira prosódica já não se mostra um fator atuante e o cancelamento já começa a atingir, inclusive, a coda silábica interna à palavra, com índices crescentes, nessa posição medial. Por apresentarem ainda altos índices de realização do *R*, as cidades da região Sul são ideais para se verificar a atuação das variáveis na aplicação do processo bem como o papel desempenhado pela fronteira prosódica e pela presença da pausa.

Para fins de exemplificação, trazemos um exemplo retirado de nosso *corpus* de como realizamos a segmentação ideal da fala em constituintes prosódicos:

“[Ô]IP [[(douto**R**)Pw] Φ] IP], [(qual dia)Pw (eu)Pw]Φ [(vou)Pw (se~~Ø~~)Pw (liberado)Pw]Φ]IP? [(Ou)Pw (se~~Ø~~)Pw (liberado)Pw] Φ [(daqui)Pw]Φ]IP?

(Caçapava do Sul, Rio Grande do Sul – Informante 1)

No estudo de Callou e Serra (2012), as autoras analisaram o processo de apagamento variável do *R* com base em três amostras de fala culta do PB extraídos do Projeto NURC: dois gravados no Rio de Janeiro – década de 70 e 90 – e um gravado em Salvador – apenas na década de 70. Primeiramente, são apresentados os resultados relativos à análise variacionista na qual a frequência de apagamento na década de 70 era muito superior na cidade de SSA (89%), se comparada com a cidade do RJ (46%). Ao comparar os resultados em cada uma das três faixas etárias contempladas pelo Projeto NURC, as autoras verificaram que em SSA há uma curva de mudança em curso – os índices de apagamento são superiores nos informantes mais jovens – enquanto no RJ há uma curva de estabilidade – os índices de apagamento foram semelhantes nas três faixas. Com relação à variável classe morfológica, mais uma vez, os dados comprovaram que o apagamento é sempre mais frequente na classe dos verbos que na dos não-verbos, sendo essa diferença bem mais significativa na cidade do RJ (RJ na década de 70 – 3% de apagamento em não-verbos e 81% em verbos/ SSA na década de 70 – 78% de apagamento em não-verbos e 97% em verbos).

Passando à análise da variável prosódica, os resultados de Callou e Serra apontam para uma maior retenção do segmento nas fronteiras de Sintagma fonológico (PhP) e Sintagma Entoacional (IP) na cidade do RJ (década de 70) – 64% de apagamento em fronteira de Palavra Prosódica, 31% em Sintagma Fonológico e 39% em Sintagma Entoacional –, enquanto na década de 90 o apagamento já atinge altos índices em todas as fronteiras. Para finalizar, as autoras realizam uma tabulação cruzada entre as variáveis fronteira prosódica e classe morfológica e chegam à conclusão de que na década de 70, no dialeto do Rio de Janeiro, o apagamento em não-verbos só ocorre em fronteira de Palavra Prosódica, nas fronteiras de Sintagma Fonológico e Entoacional a realização é categórica.

A partir das conclusões apresentadas em pesquisas anteriores, fomos capazes de tecer importantes generalizações sobre o comportamento do rótico em coda silábica final, como sua sensibilidade à classe morfológica, ao tamanho do vocábulo e ao contexto subsequente; a possibilidade de encontrar variantes diferentes a depender da localidade estudada, o fato da região Sul do país apresentar índices de realização do *R* superiores aos de outras regiões; e, como visto nesta última seção, a possível relação existente entre o fenômeno de apagamento do rótico e seu encaixamento na estrutura prosódica. Levando em consideração o que foi discutido neste capítulo, e baseando-se

nas pesquisas aqui apresentadas, optamos por utilizar os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968). Os capítulos dois e três estão dedicados à apresentação dessa teoria, assim como à descrição dos passos metodológicos adotados nesta dissertação.

2. APARATO TEÓRICO

Examinar a linguagem a partir do contexto social e investigar a relação entre língua e sociedade tem se tornado cada vez mais indispensável. Dois falantes de uma mesma língua não se expressam do mesmo modo, assim como um mesmo falante não se expressa igual em situações diferentes (CAMACHO, 1978). Existem diversas linhas de pensamento reunidas sobre o rótulo da sociolinguística e que privilegiam as relações entre língua e sociedade. Dentre elas, se encontra a Teoria da Variação e Mudança (TVM), também conhecida como Sociolinguística Quantitativa, que tem como principal objeto de estudo a variação linguística; visa a uma sistematização do comportamento linguístico e prevê que tanto fatores linguísticos quanto extralinguísticos são capazes de influenciar este comportamento. Tem como pressuposto teórico que a língua é um sistema cuja variação é prevista e se estabelece de forma ordenada e sistemática. Nesse aparato teórico, para que uma mudança linguística ocorra, é necessário que antes haja um período de variação entre formas linguísticas que concorram entre si.

A chave para uma concepção racional da mudança linguística – e mais, da própria língua – é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade. [...] desejamos uma teoria da mudança linguística que lide nada menos do que com a maneira como a estrutura linguística de uma comunidade complexa se transforma no curso do tempo, de tal modo que, em certo sentido, tanto a língua quanto a comunidade permanecem as mesmas, mas a língua adquire uma forma diferente. (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968]. Tradução de Marcos Bagno, p. 36-37).

A Teoria da Variação e Mudança surge a partir dos estudos de Labov (1962, 1968, 1972) e Weinreich, Labov e Herzog (1968) com o objetivo de descrever a variação e a mudança linguística dentro de uma comunidade de fala, fazendo uso de um método quantitativo de análise de dados. Esse modelo teórico-metodológico se propôs a romper com correntes anteriores que pensavam a língua como uma estrutura homogênea e a investigar o funcionamento do sistema a partir de sua heterogeneidade. As abordagens estruturalistas e gerativistas pensavam a língua como uma entidade homogênea e consideravam sua relação com a sociedade algo irrelevante. Eram realizadas análises abstratas dos fenômenos linguísticos e por conta disso não parecia haver razão para se preocupar com variação (CAMACHO, 1978). Weinreich, Labov e Herzog criticam a visão de língua proposta nessas teorias e passam a entender a língua como um objeto possuidor de heterogeneidade sistemática. Sua principal preocupação é

estudar a língua em um contexto de produção real, buscando regularidades dentro da variação e tentando estabelecer o conjunto de regras variáveis e os fatores linguísticos que influenciam o falante na escolha por uma ou outra variante (WIEDEMER, 2009). Ainda que a sociolinguística se proponha a investigar a relação entre realidade linguística e realidade social, diferente de outras áreas, como a análise do discurso, suas abordagens implicam em uma autonomia do signo linguístico. Parte-se do princípio de que a língua tem sua própria ordem interna, porém essa não está completamente alheia à estrutura social. Embora possa parecer paradoxal, a língua é ao mesmo tempo autônoma e dependente da estrutura social.

Para a sociolinguística, a língua é heterogênea e por isso comporta formas em variação. A língua abre a possibilidade de utilização de diferentes formas, que devem ter o mesmo significado referencial e podem ser intercambiáveis em um mesmo contexto estrutural. Essas formas são tradicionalmente conhecidas como **variantes**. A cada enunciado que produzimos fazemos escolhas e cada uma dessas escolhas carrega um significado social. Essas escolhas são determinadas por um conjunto complexo de condições e a partir delas revelamos quem realmente somos ou queremos parecer ser. Se utilizarmos como exemplo o fenômeno estudado nesta pesquisa, a variabilidade de produção do rótico em posição de coda final, cada uma das realizações fonéticas do *R* seria considerada uma variante: a vibrante múltipla, o tepe, as fricativas e até mesmo o zero fonético.

Ainda que seja reconhecida a dimensão individual do uso da língua, para a TVM o *locus* do estudo linguístico é a comunidade de fala e não o indivíduo (COELHO, GÖRSKI, SOUZA & MAY, 2015). Labov (1972) enfatiza que é na comunidade linguística que se encontra o sistema variável no qual os falantes têm acesso às formas em variação. O autor define **comunidade linguística** como o conjunto de falantes que compartilham traços linguísticos e normas a respeito do uso de língua e têm alta frequência de comunicação entre si. A depender do fenômeno linguístico estudado pelo pesquisador, pode ser considerada uma comunidade linguística o conjunto de falantes de língua portuguesa, os brasileiros naturais da cidade do Rio de Janeiro ou até mesmo um grupo de *gamers* – jogadores de video games. Cada comunidade atribui diferentes valores às formas variantes e essas operam no eixo das dimensões *prestígio versus estigma*.

Outros conceitos fundamentais relacionados aos estudos que adotam os pressupostos da TVM são os de **regra categórica** e **regra variável**. Enquanto a regra categórica é aquela que sempre se aplica da mesma forma, a regra variável – foco dos estudos variacionistas – é aquela na qual uma comunidade de fala alterna duas ou mais variantes linguísticas. Para Labov (1972), para ser considerada uma regra variável, esta deve apresentar uma frequência expressiva de uso e ser condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Um fenômeno só é considerado variável quando há manutenção de significado e possibilidade de ocorrência em um mesmo contexto, ou seja, diferentes formas de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade.

Dentro da sociolinguística são trabalhadas duas dimensões: linguística e não-linguística. Na primeira importam os níveis de análise e assim os fenômenos se dividem em fonéticos, morfológicos, sintáticos, lexicais e semânticos, enquanto na segunda são isolados os planos espacial – correlação entre forma linguística e espaço geográfico, tradicionalmente conhecido como dialeto –, social – são investigados parâmetros como idade, gênero e grau de escolaridade – e contextual – relação entre o funcionamento linguístico e o processo de comunicação (PAGOTTO, 2006). Cada um desses fatores é tradicionalmente conhecido como **variável ou condicionador** – linguístico e extralinguístico. A existência de tais condicionamentos que explicam a escolha por uma ou outra variante é uma maneira de comprovar a sistematicidade da variação.

Tais significados sociais podem ser entendidos na dimensão espacial do processo de variação [...] podem ser entendidos na dimensão social, quando associados a índices demarcatórios de grupos os mais diversos, tais como classe social, nível de escolaridade, tipo de emprego [...] ou têm ainda a ver com contextos de comunicação, definidos como os lugares em que tais papéis se confrontam. (Pagotto, 2006, p. 58)

O plano espacial está relacionado com o espaço geográfico em que se encontra a comunidade linguística e é o mais abordado dentro dos estudos variacionistas. Se pensarmos na variabilidade de realização do *R*, por exemplo, a variante vibrante alveolar é comumente associada ao estado do Rio Grande do Sul; a retroflexa predomina nas cidades do interior, principalmente nos estados de São Paulo e Paraná; e as fricativas são utilizadas no resto do território brasileiro. Algumas particularidades que influenciam os traços linguísticos dos espaços geográficos são o processo de colonização, o grau de isolamento de tal comunidade – quanto maior o grau de isolamento, maior a chance da região não aderir a eventuais inovações linguísticas – e seu contato com outras línguas. Os traços linguísticos regionais atribuem aos falantes

uma identidade local e geralmente são associados a um determinado valor social dentro da comunidade linguística de um país. Esse valor pode assumir um estatuto positivo ou negativo a depender de processos históricos, sociais e econômicos. Falaremos mais sobre o prestígio e o estigma atribuídos às variantes linguísticas quando apresentarmos os problemas empíricos para uma teoria de mudança.

Visto que a língua não é uma estrutura indiferente à sociedade, determinados rótulos de natureza social tendem a determinar o comportamento linguístico de um falante como, por exemplo, o sexo, a idade, a classe social e o nível de escolarização. Essas dimensões estão diretamente relacionadas com os papéis sociais que os indivíduos desempenham na sociedade. Um jovem de 18 anos do sexo masculino muito provavelmente fará escolhas linguísticas diferentes das de uma senhora de 65 anos de idade. O mesmo ocorre se comparamos a fala de indivíduos que pertencem a uma classe social alta com a fala dos que formam parte da classe trabalhadora. Pesquisas variacionistas demonstram que os papéis atribuídos pelas classes sociais tendem a ser mais significantes do que os de sexo e faixa etária. Outro plano que determina o funcionamento da estrutura linguística é o contexto de enunciação – processo de variação denominado estilístico ou registro. *“Significa que indivíduos de um mesmo grupo social aumentarão ou diminuirão a frequência de uso desta ou daquela forma variante em função do contexto da enunciação”* (Pagotto, 2006).

A dimensão temporal é outro elemento complexo estudado em pesquisas variacionistas. Todos os aspectos até aqui mencionados podem ser investigados em um determinado momento (estudo sincrônico), entretanto é importante ter em mente que as línguas, assim como as sociedades, sofrem mudanças com o decorrer do tempo. As pesquisas dedicadas ao estudo da variação ao longo do tempo (estudo diacrônico) deparam-se com os processos de mudança que ocorreram na estrutura da língua. Weinreich, Labov e Herzog (1968) afirmam que a conjunção entre os estudos sincrônicos e diacrônicos torna possível observar as mudanças no momento em que elas ocorrem. A **mudança linguística** não ocorre de forma uniforme e pontual, ela passa por diferentes estágios e deve ser entendida como um reflexo inevitável da interação linguística. Para a TVM, a mudança linguística é apenas um dos resultados possíveis do processo de variação: quando duas variantes linguísticas competem pelo mesmo lugar no sistema linguístico de uma comunidade, ambas podem manter-se em variação ao longo do tempo ou uma pode sobrepor-se a outra. Quando não se verifica a predominância de uma única variante linguística e as variantes tendem a seguir em

competição por um longo período, dizemos que o fenômeno analisado encontra-se em **variação estável**. Por outro lado, quando o processo de variação chega a uma resolução em favor de uma das variantes, estamos diante de uma **mudança em progresso**. Ainda que os fenômenos de variação e mudança estejam relacionados, é importante lembrar que “*na língua, nem tudo que varia sofre mudança, mas toda mudança pressupõe variação*” (COELHO, GÖRSKI, SOUZA & MAY, 2015, p.73).

Pensando na dificuldade de se descrever dados reais e pertencentes a uma línguaheterogênia que inevitavelmente comporta variação, Weinreich, Labov e Herzog (1968) postulam cinco **problemas empíricos** que condicionam o curso da mudança e devem orientar qualquer pesquisa sociolinguística. No primeiro, conhecido como **problema da restrição**, o linguista deve identificar quais são as mudanças possíveis e quais as condições para que essas mudanças ocorram. É necessário fazer um controle dos fatores condicionantes internos – estruturais – e externos – sociais – que influenciam o fenômeno variável. Somente a partir da busca por generalizações e princípios universais, será possível prever as possíveis direções da mudança. No caso do processo de apagamento do *R*, vimos no capítulo de revisão da literatura que os fatores que mais têm se mostrado relevantes são a origem do falante, a classe morfológica do vocábulo e seu contexto subsequente – pausa, vogal ou consoante. É possível prever que, no português do Brasil, os indivíduos nascidos na região nordeste ou no estado do Rio de Janeiro, por exemplo, optarão com mais frequência pela variante zero fonético e que em formas não verbais e em contexto de pausa haverá maior tendência à realização do segmento.

Segundo Labov (1982), o estudo do **problema do encaixamento** é o que traz maior contribuição para o entendimento das causas e efeitos da variação/mudança. Está relacionado ao fato de que uma mudança linguística não ocorre de maneira isolada dentro do sistema, mas sim encaixada em um conjunto de mudanças. Weinreich, Labov e Herzog (1968) asseguram que ainda que os fenômenos em mudança estejam encaixados no sistema, este não muda inteiramente, segue estruturado, e por conta disso não há dificuldades de entendimento entre os falantes e as condições de comunicação são garantidas. Para ilustrar a discussão levantada por esse problema, tomemos como exemplo o fenômeno do preenchimento do sujeito no PB. Duarte (1993 *apud* Duarte, 2012) afirma que a principal motivação para a tendência ao preenchimento do sujeito foi a mudança no paradigma pronominal do PB. Com o aparecimento de algumas formas e a neutralização de outras, o quadro pronominal do PB sofreu uma redução de

seis para três formas verbais distintas. A autora demonstra que algumas desinências encontradas no início do século XX, com o passar dos anos, caíram em desuso e, já no final do século XX, registram-se apenas três formas verbais distintas: -o; -a e -am. Dessa forma, com a redução estabelecida no quadro pronominal, há a maior necessidade de preencher o sujeito para desfazer uma possível ambiguidade. Sendo assim, fica demonstrado que o preenchimento do sujeito, assim como outros fenômenos em mudança no PB, não se deu de forma isolada, surgiu como consequência de outro processo de mudança. No entanto, é importante frisar que, dentro deste problema, não são tratados apenas os encaixamentos linguísticos, devem ser considerados também os encaixamentos na estrutura social.

O **problema da transição** refere-se à investigação dos estágios intermediários do processo de mudança linguística. A mudança linguística não ocorre de forma abrupta, mas sim de forma gradual: em um primeiro momento, a forma inovadora se atualiza em um determinado contexto e, progressivamente, atinge outros em um determinado intervalo de tempo.

A troca de uma forma linguística por outra pode ocorrer entre grupos de faixas etárias diferentes e entre comunidades diferentes, e o caminho através do qual uma forma é substituída por outra depende de prestígio, pressão estrutural e/ou utilidade funcional. [...] as formas antigas não são abruptamente substituídas pelas novas, mas há fases intermediárias em que as variantes de um fenômeno variável coexistem e concorrem, diminuindo aos poucos o uso de uma variante em relação à outra, até que a mudança se complete. (COELHO, GÖRSKI, SOUZA & MAY, 2015, p. 84)

Usemos novamente como exemplo a mudança de sujeito nulo para sujeito preenchido no PB: o preenchimento iniciou-se nos contextos de primeira e segunda pessoa, por estes carregarem os traços [+humano] e [+específico], e progressivamente alcançou outros contextos, terminando com o preenchimento de posições não argumentais. Recentes estudos que observam tanto a fala quanto a escrita do português brasileiro apontam que, cada vez mais, a variedade brasileira do português se distancia desse parâmetro de [+sujeito nulo].

O problema da **avaliação** diz respeito à consciência do falante com relação às formas em variação/mudança. Quando uma ou mais formas se encontram em variação, o falante tende a atribuir valores – positivos e negativos – a cada uma delas. Quando uma forma inovadora é prestigiada dentro de uma sociedade é mais fácil que ocorra a mudança, porém, quando a forma inovadora sofre estigma social, ela poderá ser rejeitada, o que desfavorecerá o processo de mudança. É inegável que algumas variantes

são estigmatizadas e outras mais aceitas nessa sociedade. Há uma enorme discussão a respeito do que pode ou não influenciar para que determinado fenômeno variável seja estigmatizado, mas acredita-se que todas as formas “mal vistas” estão associadas às camadas economicamente mais baixas e menos favorecidas primordialmente. Para ilustrar a avaliação pela qual passam as formas linguísticas, pensemos nos casos de ausência de marca de concordância – verbal e nominal. De acordo com Vieira (2007), este é um fenômeno inegavelmente em variação e estigmatizado por grande parte da sociedade. Casos como “nós sabe” e “os peixe nada” são vistos como “erros” gravíssimos e algumas pessoas costumam descrevê-los como um “assassinato” à língua portuguesa. Aqueles que fazem uso dessas e outras variantes de pouco prestígio em seu cotidiano costumam sofrer preconceito linguístico, visto que as formas linguísticas estão sujeitas a uma hierarquia de valores. No âmbito fonético-fonológico, também encontramos alguns usos linguísticos que sofrem estigma, como o fenômeno do rotacismo – troca do fonema /l/ pelo R – em que o falante pronuncia “framengo” e “fruminense” no lugar de “flamengo” e “fluminense”.

Em seu início, o processo de cancelamento do *Rem* posição de coda silábica final também era considerado um marcador social. Em “*A estratificação social do (r) nas lojas de departamento na cidade de Nova York*” – trabalho desenvolvido em 1962 –, Labov investiga a variabilidade de realização da consoante *R* na fala de vendedores de três diferentes lojas de departamento em Nova York. As lojas selecionadas foram a Saks Fifth Avenue de classe média alta, a Macy’s de classe média baixa e a S. Klein voltada para a classe operária. Ao final da pesquisa, o autor concluiu que o *R* era preservado com mais frequência nas lojas de classe média/alta, enquanto nas lojas de classe baixa, ocorria mais apagamento. Com base em seus resultados, podemos inferir que o fenômeno de apagamento do *R* carregava estigma social no inglês americano, ao menos na década de 60. A respeito do português, sabemos que nas peças de Gil Vicente do século XVI, esse mesmo fenômeno era utilizado para caracterizar a fala de escravos (CALLOU, 1987). No entanto, como vimos nas resenhas de pesquisas linguísticas recentes, esse processo de espalhou por todas as classes sociais e níveis de escolarização e, atualmente, não parece carregar o peso do estigma social, pelo menos na sociedade brasileira. Quando a aplicação de um fenômeno começa na fala dos indivíduos de classe social mais baixa, e menos escolarizados, como o apagamento do *R*, dizemos que, em termos labovianos, estamos diante de uma **mudança de baixo para cima**. São denominadas **mudanças de cima para baixo** aquelas introduzidas por falantes pertencentes a classes dominantes.

Para finalizar, o problema da **implementação** é a questão central de uma teoria de mudança, visto que se preocupa com o momento em que uma determinada mudança se estabelece no sistema e reflete a inter-relação entre todos os demais problemas. É provável que explicações consistentes sobre como uma mudança se origina e se implementa em diferentes contextos estruturais e sociais só possam ser oferecidas quando essa de fato estiver completa. Weinreich, Labov e Herzog (1968) estão preocupados em responder à seguinte questão: por que as mudanças ocorrem numa determinada língua e época e não em outras línguas ou, até mesmo, em uma mesma língua em outras épocas?

Em termos metodológicos, a difusão das mudanças em curso pode ser analisada sob duas perspectivas: **em tempo aparente** e **em tempo real**. No primeiro caso, compara-se a fala de diferentes grupos etários dentro de uma perspectiva sincrônica: algumas variantes predominam na fala dos mais jovens e outras na fala dos mais velhos. Analisa-se o presente com o objetivo de olhar para o passado e ainda prever o futuro. Neste tipo de estudo, pressupõe-se que as pessoas preservam os traços linguísticos adquiridos entre seus anos de formação e a puberdade. Para Labov (1982), esse tipo de análise é apenas uma hipótese da realidade linguística e é normalmente interpretada como um indicativo da mudança. Já a investigação em **tempo real** está associada ao aspecto diacrônico da língua; o comportamento linguístico é investigado em diferentes períodos – geralmente com um espaço de tempo de uma ou duas décadas. O pesquisador é obrigado a “voltar no tempo” e obter dados da época que deseja estudar e isso pode ser realizado de duas formas diferentes: através do retorno a uma comunidade já analisada depois de um determinado período de tempo ou ainda através de um encontro com os mesmos informantes que fizeram parte do primeiro estudo.

Visto que priorizam a relação entre a estrutura linguística e a social, os trabalhos sociolinguísticos preocupam-se especialmente com as etapas metodológicas. Geralmente, as pesquisas são realizadas a partir de gravações de amostras de fala realizadas com o auxílio de um gravador. Como o objetivo principal é registrar a fala em contexto de produção real, a presença do gravador gera o que Labov (1972) denomina “paradoxo do observador”. Tanto a presença de um gravador como a de um entrevistador provocam um desconforto nos informantes, o que pode alterar as condições de comunicação. Cada pesquisa definirá o melhor aparato metodológico a ser utilizado, porém o ideal é que o grau de interferência do entrevistador seja o menor possível e que o falante saiba que futuramente será objeto de uma análise linguística. No

caso dos estudos que adotam a Teoria da Variação e Mudança, são realizadas análises estatísticas para medir a frequência e a probabilidade de ocorrência de cada variante.

Como vimos, a sociolinguística oferece modelos determinados para a análise da variação e da mudança linguística. Durante a análise e interpretação dos dados desta pesquisa será utilizado o arcabouço teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa laboviana, também conhecido como teoria da variação e mudança. Com base em trabalhos anteriores, testaremos a influência de variáveis linguísticas e extralinguísticas que atuam no processo do apagamento variável do *R* nas diferentes comunidades linguísticas escolhidas. Realizaremos um estudo em tempo aparente com falantes de duas faixas etárias diferentes, visto que todas as entrevistas aqui analisadas foram gravadas no mesmo período de tempo (primeira década do século XXI), uma análise quantitativa dos dados e interpretações dos resultados encontrados. A seguir, apresenta-se uma descrição detalhada dos passos metodológicos seguidos, assim como do *corpus* utilizado.

3. CORPUS E METODOLOGIA

Durante a pesquisa foram seguidas as etapas básicas de um estudo pautado na Teoria da Variação e Mudança. A seleção das amostras de fala espontânea se deu de acordo com as seguintes etapas: (i) escolha dos seis municípios –Criciúma e Lages (SC), Caçapava do Sul e Santa Maria (RS) e Campo Mourão e Guarapuava (PR) – de acordo com a disponibilidade do *corpus* e a posição geográfica;(ii) audição e transcrição de cada uma das 24 entrevistas¹¹; (iii) levantamento das ocorrências do rótico em posição de coda final e identificação do tipo de realização –ou a supressão – de cada elemento; (iv) segmentação dos trechos de fala espontânea em constituintes prosódicos;(v) codificação dos dados encontrados de acordo com as variáveis e análise estatística com o recurso do pacote de programas *GoldVarbX* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005) e (vi) sistematização e interpretação dos resultados obtidos. Nesta seção, descreveremos como se deram cada uma dessas etapas e falaremos brevemente sobre a constituição do *corpus* utilizado.

O fato das localidades da região Sul apresentarem ainda hoje altos índices de realização do rótico em coda final nas formas não verbais – o que não é regra em outras localidades do país, para esse mesmo contexto fonológico – motivou a escolha das amostras analisadas. Os municípios dessa região são ideais para se verificar a atuação das variáveis na aplicação do processo de diversificação de pronúncia do rótico bem como o papel desempenhado pela fronteira prosódica nos casos de cancelamento do segmento. Em cidades como as do Rio de Janeiro e as da região Nordeste, os índices de apagamento já são tão elevados que dificilmente algum fator linguístico ou extralinguístico bloquearia a aplicação do processo de apagamento (CALLOU, SERRA & CUNHA, 2015). Como observamos na seção de revisão bibliográfica, as análises já empreendidas foram realizadas, em sua grande maioria, com base na fala das capitais e, primordialmente, utilizando apenas indivíduos mais escolarizados (com ensino superior completo) como informantes. Com o intuito de oferecer um contributo inovador, optamos por investigar a distribuição das formas variantes do rótico e a aplicação do processo de cancelamento em cidades do interior, analisando apenas a fala de indivíduos com baixo grau de escolaridade. Para isso, utilizamos amostras de fala pertencentes ao

¹¹Agradeço aos colegas de pesquisa Mário Alves, Paula Karoline e Sérgio Henrique da Silva pelo auxílio na tarefa de transcrição das entrevistas.

corpus do projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) (COMITÊ NACIONAL DO ALIB, 2001).

A pesquisa realizada nesta dissertação faz parte de um projeto maior (Projeto ALiB) que investiga diferentes características do português no território brasileiro. O projeto se encontra na etapa de descrição e análise dos pontos do interior inqueridos, visto que a descrição e a análise de diversos fenômenos, incluindo do apagamento do rótico, já foram realizadas para as capitais brasileiras. A equipe do Rio de Janeiro é responsável pela transcrição, descrição e análise dos pontos do interior da região Sul e da região nordeste.

3.1 Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

Falou-se pela primeira vez na possibilidade de se produzir um atlas linguístico brasileiro em 1952 e Antenor Nascentes dá o primeiro passo concreto ao publicar as *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil* (1958, 1961, apud CARDOSO, 2013). No entanto, a realidade nacional passou por muitas mudanças nos 50 anos seguintes e alterações na configuração demográfica, nos processos de migração e nos meios de comunicação afetaram também a realidade linguística brasileira. A elaboração de um atlas linguístico do Brasil atual parte da necessidade de identificar, registrar e catalogar essa nova realidade do país. A elaboração dos atlas linguísticos segue a perspectiva da Dialetoлогия – ramo da linguística voltado para questões diatópicas. Os estudos dessa área contribuem diretamente para o conhecimento da história do povoamento brasileiro e a criação dos atlas. Além de fornecer a descrição da realidade linguística de um território, ajuda na tarefa de difundir um ensino mais adequado à pluriculturalidade do país.

O projeto do Atlas linguístico do Brasil, que conjuga grupos de trabalho por todo o país liderados pelas professoras Suzana Cardoso (UFBA) e Jacyra Mota (UFBA), iniciou-se nos últimos anos do século XX e, como outros atlas atuais, contempla fatores diatópicos, parâmetros diagenérico, diageracional, diastrático, diafásico e diarreferencial. Com a pretensão de elaborar um mapa de terceira geração¹², o projeto ALiB reuni informações linguísticas cartográficas, estudos e comentários das cartas e

¹² Segundo Cardoso et al (2013), os Atlas de terceira geração “procuram unir aos dados já tradicionalmente tidos como objeto a figurar nas cartas informações de natureza acústico-oral que permitem o acesso direto à voz do próprio informante em perfeita sincronização com a indicação do ponto da rede onde se situa o falante, ou de exibição, via internet, de cartas e localização dos pontos de inquérito e respectivas ocorrências registradas.”

oferece acesso a dados vivos. As bases do projeto do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) estão fundamentadas nos pressupostos da Geografia Pluridimensional e têm como objetivos principais

Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas, diastráticas e diageracionais (fônicas, inclusive prosódicas, morfossintáticas, léxico-semânticas) consideradas na perspectiva da Geolinguística Pluridimensional.

Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos e das demais áreas dos estudos linguísticos), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, etc.) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto para o ensino fundamental e básico, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil. (CARDOSO et al, 2013, p. 32)

A respeito da questão metodológica, os estudos geolinguísticos atuais não devem investigar exclusivamente a variação diatópica, devem preocupar-se também com outros tipos de variação como as de gênero, a geracional e a estrática. Houve então um estudo aprofundado de número e perfil de informantes assim como a preparação do questionário linguístico que seria utilizado. Ao total, o *corpus* do ALiB está constituído por dados de 250 localidades e de 1100 informantes, distribuídos pelas cinco regiões do Brasil. Em estados que apresentam uma densidade demográfica baixa, foram propostos poucos pontos a serem estudados, já em estados com maior densidade demográfica, mais pontos foram estabelecidos. Um dos critérios mais importantes para a seleção dos pontos foi a importância da localidade para o estado, por conta disso todas as capitais do Brasil, exceto o Distrito Federal e Palmas, entraram para a rede de pontos. Em cada ponto do atlas foram inquiridos quatro informantes – exceto nas capitais, onde foram inquiridos oito informantes – que se caracterizam pelo seguinte perfil: mulher da faixa etária 1 (18-30 anos), homem da faixa etária 1, mulher da faixa etária 3 (50- 65 anos) e homem da faixa etária 3. Em todas as localidades, esses indivíduos possuem baixo grau de escolaridade – alfabetizado tendo cursado até no máximo o atual 7º ano do Ensino Fundamental – e, apenas nas capitais, são incluídos também quatro informantes com nível de escolarização universitário. Como é comum em trabalhos dessa natureza, os 1100 informantes deveriam ser naturais da localidade estudada, não tendo passado mais de 1/3 da vida fora dela, e ter pais nascidos preferencialmente na mesma região.

Para a constituição de um corpus dessa proporção, foi necessária uma pesquisa de campo na qual os pesquisadores-documentadores, previamente treinados, foram pessoalmente a cada ponto selecionar os informantes e aplicar o questionário. Elaborado pelos membros do Comitê nacional, o *corpus* do projeto ALiB é composto por uma vasta gama de questionários divididos em: (i) questionário semântico-lexical (QSL); (ii) questionário morfossintático (QMS); e questionário fonético-fonológico (QFF), que inclui também questões para a realização de uma análise prosódica. Somam-se também questões de pragmática, de natureza metalinguística, sugestões para temas de discursos semidirigidos, que correspondem a trechos de fala espontânea, e um texto para leitura.

O QSL está constituído de 202 perguntas, distribuídas em diferentes áreas semânticas (acidentes geográficos, corpo humano, ciclos da vida e etc.) e tem como objetivo “documentar o registro coloquial do falante, buscando as formas de emprego mais geral na localidade, sem priorizar regionalismos, arcaísmos ou linguagens especiais de grupo” (CARDOSO et al, 2013, p. 42). Seguem alguns exemplos de perguntas que compõem o QSL e as respostas esperadas.

- “O vento que vai virando em roda e levanta a poeira, folhas e outras coisas leves?” REDOMOINHO
- “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas. Que nomes dão a essa faixa?” ARCO-ÍRIS
- “Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?” AMA DE LEITE

No QFF são apresentadas 159 questões nas quais as respostas esperadas possibilitam a investigação de diferentes fenômenos fonético-fonológicos, como a realização aberta ou fechada das vogais médias em posição pretônica, a neutralização entre vogais médias e altas, a redução dos ditongos *ei*, *ai*, *ou*, a nasalização vocálica e as realizações do *R* em diferentes posições. Seguem alguns exemplos de opções de pergunta e as respostas esperadas.

- “Quando se compra uma TV, um ventilador, um sapato, ele vem da loja dentro do quê?” CAIXA
- “Para que a porta não fique aberta, se diz: Fulano, _____ a porta” FECHE
- “Para limpar o chão, o que é que é preciso fazer?” VARRE

Ainda dentro do QFF, há uma seção dedicada à análise de algumas características prosódicas. O inquiridor apresenta um determinado contexto e incentiva

o informante a realizar algumas frases interrogativas, afirmativas e imperativas. Seguem exemplos de alguns dos contextos utilizados.

- “Se você quer oferecer uma bebida a um amigo, e quer saber se ele prefere vinho ou cerveja, como é que você se dirige a ele e pergunta?” INTERROGATIVA
- “Você quer dizer a algumas pessoas que estão presentes que você está muito aborrecido com o que aconteceu. Como é que você diz?” AFIRMATIVA
- “Como é que uma mãe diz ao filho para que ele saia da chuva?” IMPERATIVA

Para o QMS foram elaboradas 49 perguntas com o intuito de apurar características do PB, tais como: gênero de algumas palavras; casos de concordância nominal e verbal; uso dos pronomes nós/a gente e tu/você; ausência ou presença do artigo com nome próprio; e o uso de alguns tempos verbais. Seguem alguns exemplos de perguntas que levem ao uso da estrutura analisada.

- “Quando se vê um amigo com uma mala e se quer saber para onde ele vai, como é que se pergunta?” TU/VOCE
- “Uma mulher que nasce no Brasil é brasileira. E a que nasce na Alemanha é o quê?” FEMININO
- “O que você faz durante o dia?” PRESENTE DO INDICATIVO

São feitas ainda algumas poucas perguntas metalinguísticas sobre a língua portuguesa como, por exemplo, se existem diferenças na fala de pessoas que vivem em estados diferentes e se as pessoas falavam de outra forma no passado e algumas questões pragmáticas. A parte de discursos semidirigidos das gravações são as que mais nos interessam, pois é o momento em que os informantes tendem a falar por mais tempo, o que gera um maior número de dados. É o trecho no qual aparece a fala mais distensa, possibilitando a formulação de enunciados maiores e mais completos, o que é uma condição para a delimitação das fronteiras prosódicas realizadas. São quatro tópicos introduzidos pelos inquiridores: relatar um acontecimento marcante em sua vida; quais os programas de televisão que o informante mais assiste e por quê; falar um pouco sobre o seu trabalho; e contar um caso de seu conhecimento que tenha acontecido a um amigo.

Para a nossa análise, utilizamos 24 entrevistas, quatro de cada um dos seis municípios escolhidos – dois de cada estado da região Sul. Dentro do projeto ALiB, os estados do Paraná e do Rio Grande do Sul contam com 17 pontos analisados cada e Santa Catarina com dez. Nossa escolha pelos municípios de Guarapuava (ponto 219,

gravado em 2003), Campo Mourão (ponto 212 gravado em 2003), Caçapava do Sul (ponto 246, gravado em 2010), Santa Maria (ponto 242, gravado em 2005 e 2011), Lages (ponto 231, gravado em 2007) e Criciúma (ponto 233, gravado em 2008 e 2009) se deu primeiro de acordo com a sua disponibilidade no *corpus*, visto que não tivemos acesso às entrevistas de todos os pontos inqueridos, e depois pensando na localização geográfica da localidade – relativamente distante da capital. Foram excluídos os municípios onde parte dos indivíduos vive em situação de bilinguismo português-espanhol. Os quatro inqueritos de cada município são classificados da seguinte forma:

Caçapava inf. 1 (homem jovem)	Caçapava inf. 2 (mulher jovem)	Caçapava inf. 3 (homem mais velho)	Caçapava inf. 4 (mulher mais velha)
Santa Maria inf. 1 (homem jovem)	Santa Maria inf. 2 (mulher jovem)	Santa Maria inf. 3 (homem mais velho)	Santa Maria inf. 4 (mulher mais velha)
Criciúma inf. 1 (homem jovem)	Criciúma inf. 2 (mulher jovem)	Criciúma inf. 3 (homem mais velho)	Criciúma inf. 4 (mulher mais velha)
Lages inf. 1 (homem jovem)	Lages inf. 2 (mulher jovem)	Lages inf. 3 (homem mais velho)	Lages inf. 4 (mulher mais velha)
Campo Mourão inf. 1 (homem jovem)	Campo Mourão inf. 2 (mulher jovem)	Campo Mourão inf. 3 (homem mais velho)	Campo Mourão inf. 4 (mulher mais velha)
Guarapuava inf. 1 (homem jovem)	Guarapuava inf. 2 (mulher jovem)	Guarapuava inf. 3 (homem mais velho)	Guarapuava inf. 4 (mulher mais velha)

Tabela 1. Código e perfil dos informantes utilizados na amostra.

As cartas do projeto ALiB se propõem a apontar tendências e foram desenvolvidas com base na dialetologia, mas também em comunhão com a sociolinguística. Como o objetivo central desta dissertação é descrever o comportamento variável do *R* em posição de coda final nos municípios do interior da região Sul, comentaremos agora os resultados cartográficos relativos ao comportamento desse segmento nas capitais Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre, com o qual o comportamento dos municípios interioranos pode ser cotejado. As cartas relativas ao rótico em coda externa são as F04 C1, F04 C2, F04 C3 e F04 C4 do 2º volume do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al, 2014). É importante lembrar que, para chegar a esses resultados, os pesquisadores consideraram apenas a pronúncia dos informantes em palavras-alvo específicas. Os vocábulos analisados, os quais eram respostas das perguntas do questionário fonético-fonológico (QFF), foram os nomes *colher*, *liquidificador*, *calor* e *mulher*; e os verbos *varrer*, *botar*, *montar*, *trabalhar*, *rasgar*, *beijar*, *encontrar*, *perguntar* e *sair*. Os resultados cartográficos oferecidos pelo Atlas

são apresentados em cinco faixas percentuais: 1 a 25%; 26 a 50%; 51 a 75%; 76 a 99% e 100% - resultado categórico.

Na carta F04 C1 são expostos os resultados de presença *versus* ausência do *R*, em nomes, nas capitais do Brasil. Curitiba e Porto Alegre apresentaram o mesmo comportamento, atingindo um percentual entre 76-99% de realização do rótico e apenas de 1-25% de apagamento. No entanto, o município de Florianópolis se comportou de forma um pouco diferente, liderando o processo de apagamento – 26-50% de apagamento contra 51-75% de realização. A carta F04 C2 diz respeito também ao apagamento do *Rem coda* externa, porém agora em formas verbais. Novamente Porto Alegre e Curitiba se comportaram de forma semelhante, ambos atingindo um percentual de 26-50% de realização e 51-75% de apagamento. Florianópolis mais uma vez apresentou o percentual de cancelamento mais elevado: 76-99% de apagamento contra 1-25% de realização.

Excluindo os dados em que ocorre o processo de apagamento, a carta F04 C3 está dedicada às realizações fricativas e vibrantes do *R* em coda externa, em nomes. Enquanto as capitais do Paraná e do Rio Grande do Sul apresentaram apenas realizações de vibrante retroflexa e tepe (Curitiba: 26-50% de vibrante retroflexa e 51-75% de tepe/ Porto Alegre: 1-25% de retroflexa e 76%-99% de tepe), em Florianópolis encontrou-se exclusivamente realizações fricativas (51-75% de glotal e 26-50% de velar). A última carta, de código F04 C4, também está dedicada às realizações fricativas e vibrantes, porém em formas verbais. Em Curitiba, o resultado encontrado foi de 26-50% de variantes retroflexas e 51-75% de tepe, mais uma vez não houve ocorrência de fricativas nesse município; em Florianópolis, 1-25% de tepe, 26-50% de fricativa velar e 26-50% de fricativa glotal; e em Porto Alegre, 1-25% de fricativa glotal, 1-25% de fricativa velar, 1-25% de retroflexa e 76-99% de tepe.

A partir desses resultados, podemos concluir que, dentre as capitais da região Sul, Florianópolis é a que apresenta um comportamento diferenciado (mais inovador), enquanto Curitiba e Porto Alegre se assemelham no que se refere ao fenômeno do apagamento do rótico. A respeito do tipo de realização, os falantes de Curitiba preferem a variante retroflexa, os de Porto Alegre, o tepe, e os de Florianópolis utilizam com alta frequência as variantes fricativas. Os resultados cartográficos aqui apresentados, em conjunto com os já descritos na seção de revisão da bibliografia, serão utilizados em uma comparação com os dados do interior analisados nesta dissertação. Buscamos com isso responder a algumas questões como: indivíduos naturais de municípios do interior

se comportam linguisticamente da mesma forma que os residentes das capitais? As localidades de Santa Catarina apresentarão o comportamento mais diferenciado? As realizações fricativas são uma característica específica da ilha de Florianópolis?

A seguir, seguem as quatro cartas do Atlas Linguístico do Brasil que acabamos de descrever.

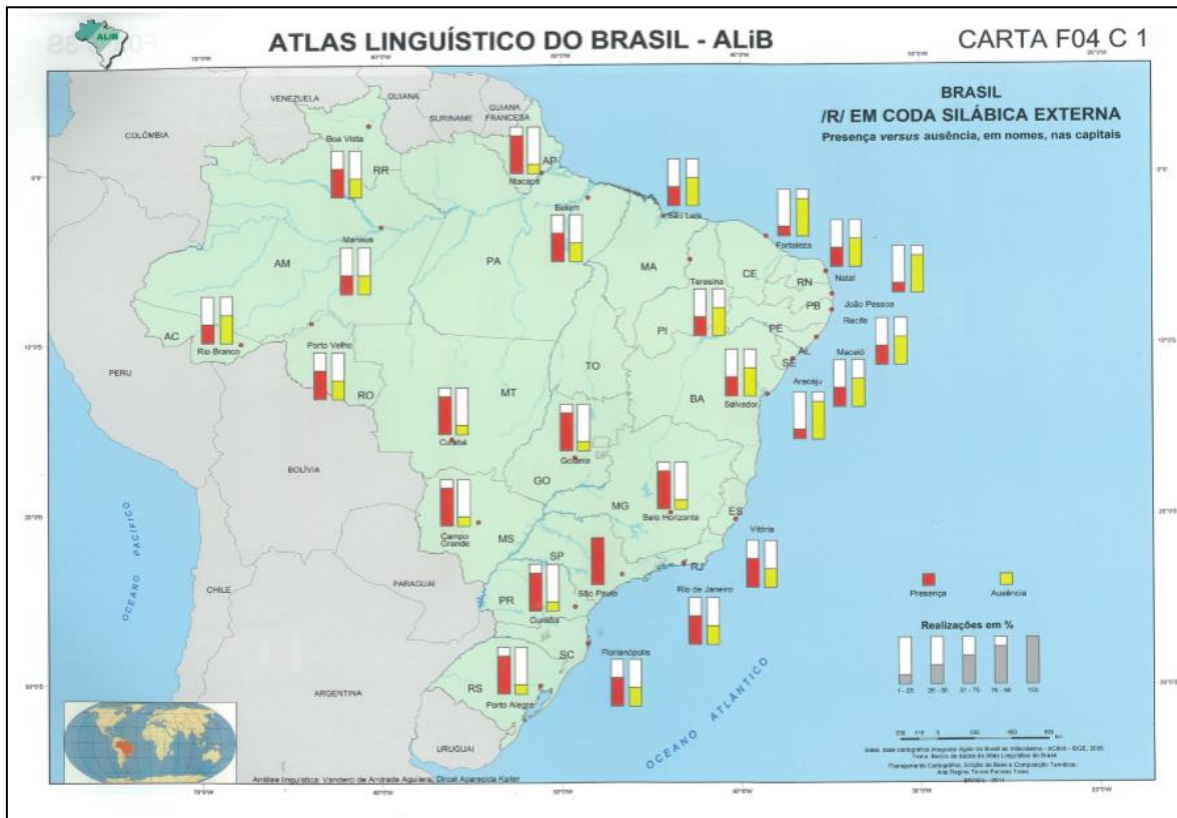


Figura x: Carta F04 C1 do ALiB “/R/ em coda silábica externa. Presença versus ausência, em nomes, nas capitais”

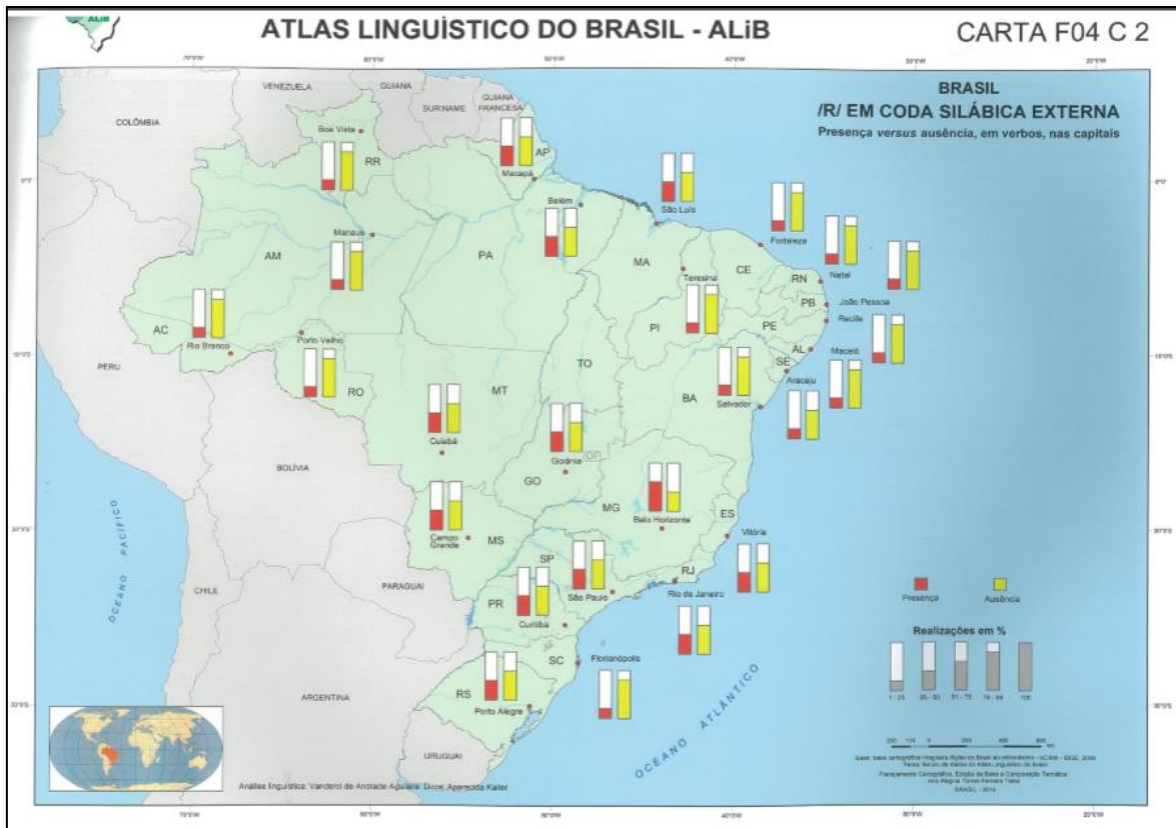


Figura 3. Carta F04 C2 do ALiB “/R/ em coda silábica externa. Presença versus ausência, em verbos, nas capitais”.

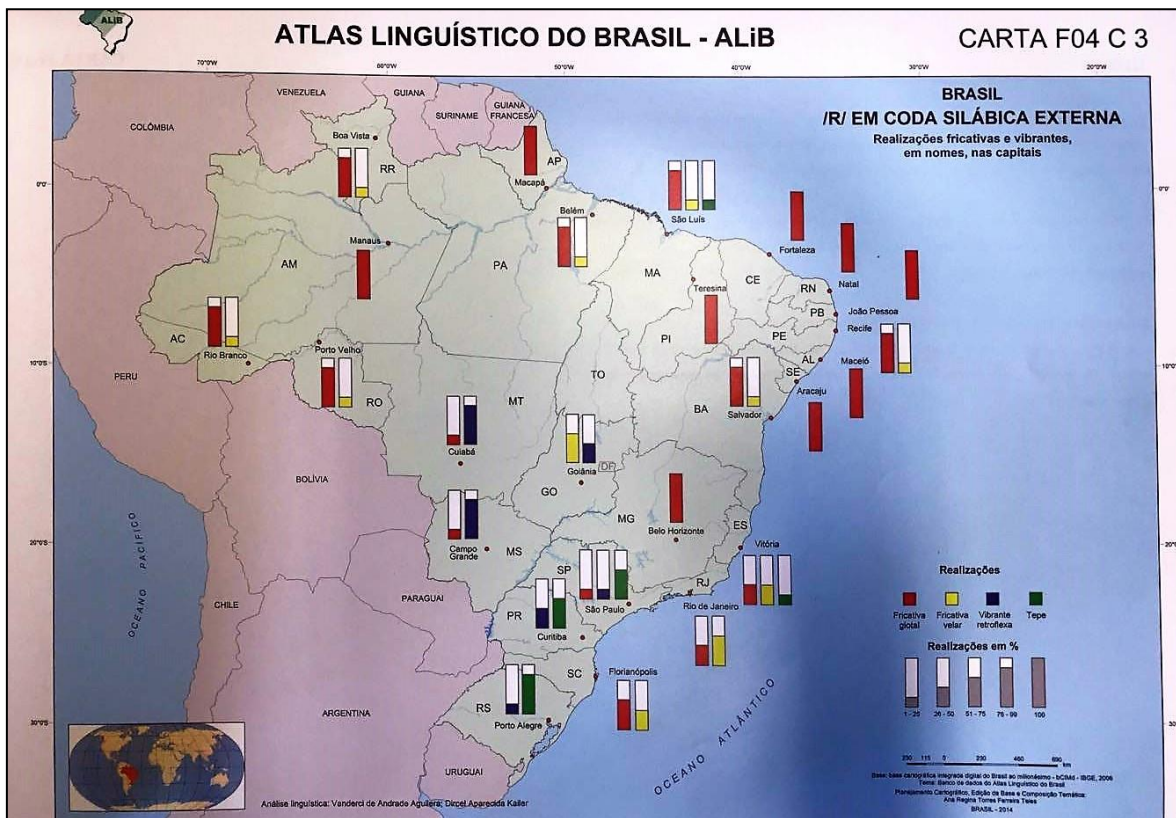


Figura 4. Carta F04 C3 do ALiB “/R/ em coda silábica externa. Realizações fricativas e vibrantes, em nomes, nas capitais”

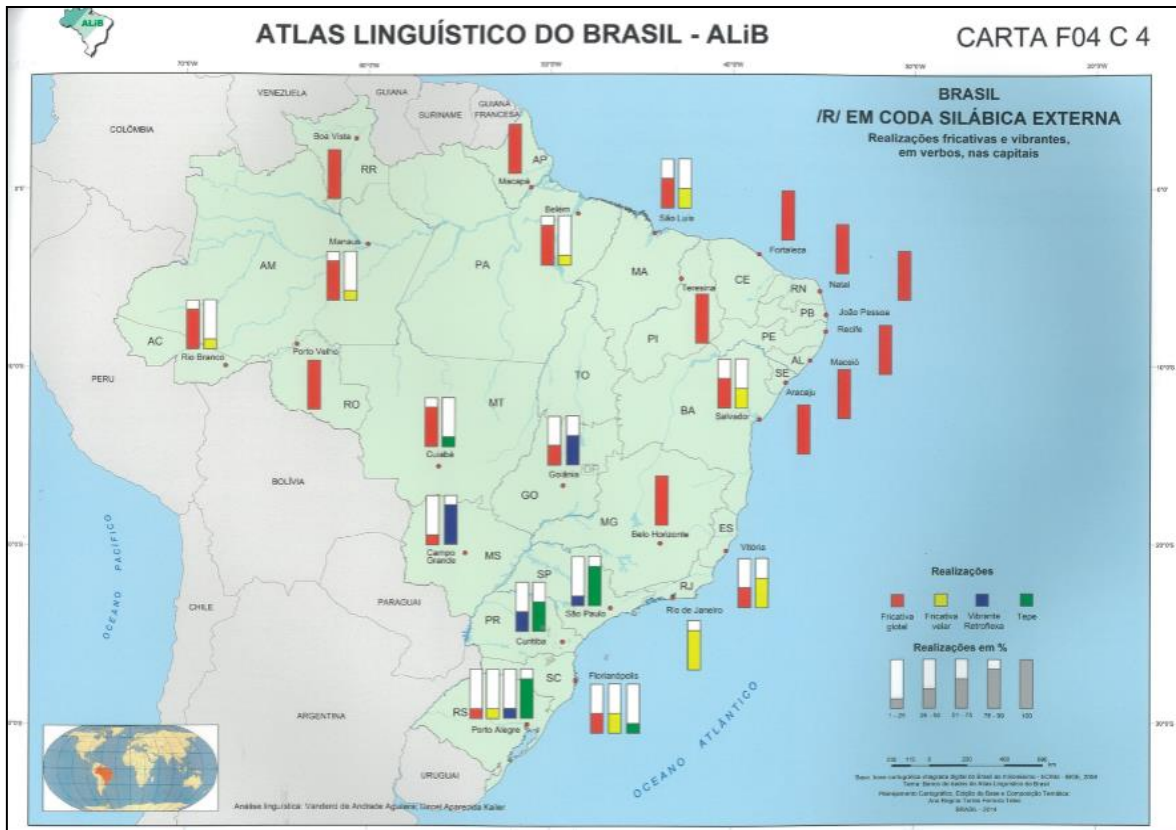


Figura 5. Carta F04 C2 do ALiB “/R/ em coda silábica externa. Realizações fricativas e vibrantes, em verbos, nas capitais”.

3.2 Apresentação das localidades

Com uma área territorial aproximada de 576.774 km², a região sul do Brasil caracteriza-se como a menor do país e faz fronteira com o Uruguai, o Paraguai, a Argentina e com os estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul. Formada pelos estados Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Curitiba, trata-se de uma região cujos índices sociais estão acima da média e o IDH é o mais alto do país. Os seis municípios que forneceram os dados de nossa análise estão localizados ao longo desse território, que pode ser conferido através do mapa da figura X. A seguir, serão apresentados breves retrospectos dessas localidades, realizados com base em informações coletadas no *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE)¹³ e nas páginas oficiais das prefeituras de cada cidade¹⁴.

¹³ www.ibge.gov.br

¹⁴ www.cacapava.rs.gov.br
www.santamaria.rs.gov.br
campomourao.atende.net
www.guarapuava.pr.gov.br
www.criciuma.sc.gov.br



Mapa 1. Mapa da região sul do Brasil. (CARDOSO et al, 2014)

3.2.1 Caçapava do Sul e Santa Maria (Rio Grande do Sul)



Mapa 2. Mapa com os municípios do Rio Grande do Sul. (Fonte: viagemdeferias.com/mapa/rio-grande-do-sul/)

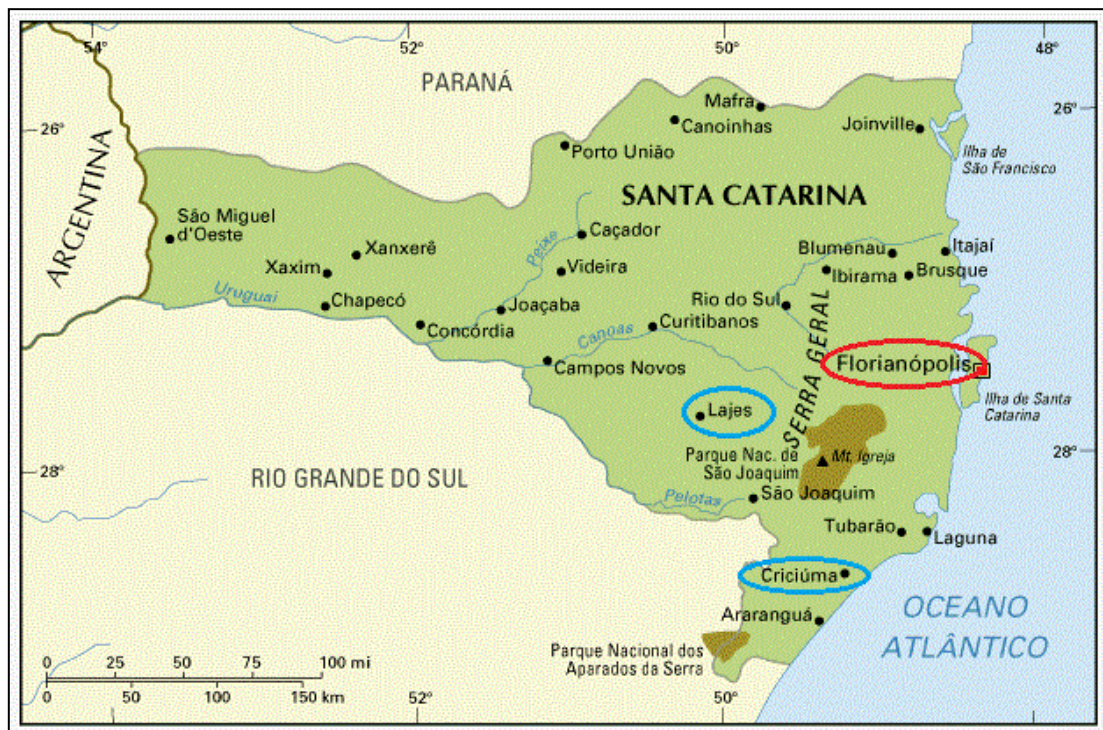
O mapa anterior ilustra o estado do Rio Grande do Sul e seus municípios, incluindo Caçapava do Sul, Santa Maria e a capital Porto Alegre – destacados em vermelho. A cidade de Caçapava do Sul – uma das mais antigas do Rio Grande do Sul – pertence ao Sudeste Rio-grandense e está localizada a 260 km da capital do estado, enquanto Santa Maria está localizado na Zona da Campanha e se encontra a uma distância de 290 km de Porto Alegre.

Até o século XVIII, o território que atualmente corresponde ao município de Caçapava do Sul era povoado pelos índios Charruas. Nessa mesma época, especificamente no ano de 1777, foi criado ali um acampamento militar conhecido como “Paragem de Cassapava”. Caçapava estabeleceu-se como vila em 25 de outubro de 1831, sendo posteriormente elevada à categoria de cidade em 09 de dezembro de 1885. Por conta de sua localização geográfica estratégica nos Pampas, passou por diferentes guerras e revoluções e tornou-se a segunda capital Farroupilha Rio-grandense. Atualmente, a economia do município é baseada nos setores da agricultura, pecuária e mineração e sua produção de calcário equivale a 80% do que é produzido no estado do Rio Grande do Sul. Segundo dados do IBGE, o PIB per capita da cidade é de 19.191,46 e seu IDH, 0,704. Caçapava do Sul, conhecida como a capital da geodiversidade e do turismo de aventura no Rio Grande do Sul, possui uma área total de 3.047,120 km² e, de acordo com os dados do IBGE (2010), abriga uma população de apenas 33.690 habitantes e estima-se que esse número tenha aumentado para 34.634 no ano de 2017. Em termos educacionais, segundo os resultados gerais do Censo Demográfico de 2010, dos 26.639 habitantes contabilizados, 17.056 não possuem nenhuma instrução ou possuem apenas o ensino fundamental incompleto; 5.141 possuem ensino fundamental completo; 5.411 concluíram o ensino médio; e apenas 1.955 possuem um curso superior completo. A taxa de escolarização dos indivíduos entre 6 e 14 anos é de 99%.

Os primeiros habitantes registrados na região do que se conhece hoje como o município de Santa Maria foram os índios Minuanos e Tapes. Em março de 1787, com a chegada de uma comissão vinda da Espanha e de Portugal, levantou-se no território um acampamento que permaneceu ali até setembro de 1801. Em outubro deste ano, a comissão partiu em direção a Porto Alegre e Santa Maria passou a ser um povoado propriamente dito e, com a revolução Farroupilha, entre os anos de 1835 e 1845, chegaram os imigrantes alemães. Sua emancipação Política chegou apenas em 17 de

maio de 1858. Atualmente, para a economia do município são importantes os setores terciários, com destaque para o comércio, os serviços públicos – como os da Universidade Federal de Santa Maria. O fluxo monetário de Santa Maria depende primordialmente do serviço público e a cidade se destaca por ser a segunda no Rio Grande do Sul em número de pessoas ricas. Com uma área de 1.781,757 km², é a quinta cidade mais populosa do estado do Rio Grande do Sul: contava com uma população de 261.031 habitantes em 2010, de acordo com o censo do IBGE, e estima-se que esse número tenha crescido para 278.445 no ano de 2017. Considerada uma cidade universitária, graças à Universidade Federal de Santa Maria, apresentava em 2014 um PIB per capita de 9.926,72 e um IDH de 0,784. No que diz respeito à educação, de acordo com o censo demográfico de 2010, a taxa de escolarização de indivíduos entre 6 a 14 anos de idade era de 98,1%. Dentre os 229.504 recenseados, 85.798 não possuem instrução formal ou possuem apenas o ensino fundamental incompleto; 42.134 possuem ensino fundamental completo; 67.880 completaram o ensino médio; e 32.994 são formados em algum curso superior.

3.2.2 Criciúma e Lages (Santa Catarina)



Mapa 3. Mapa com os municípios de Santa Catarina.
(Fonte: viagemdeferias.com/mapa/santa-catarina/)

Acima podemos observar o mapa do estado de Santa Catarina no qual foram destacados os municípios de Lages, Criciúma e sua capital Florianópolis. O primeiro

está localizado na região serrana do estado, a 224 km da capital, e o segundo, no extremo sul catarinense, a 200 km de Florianópolis. Em extensão territorial, Lages, com 2.631,504 Km², é o maior município de Santa Catarina, enquanto Criciúma está restringido a uma área de 190,97 km².

Fundada em 6 de janeiro de 1880, Criciúma, além de ser a quinta maior cidade do estado em extensão (235,701 km²), é considerada um polo industrial em diversos setores. O processo de colonização teve início com a chegada de famílias imigrantes do norte da Itália que se dedicaram a desbravar e construir casas e estradas pela região. A partir de 1890 chegam também os imigrantes poloneses, alemães e descendentes de portugueses. O território hoje conhecido como município de Criciúma formava parte do distrito de Araranguá, elevado a essa categoria no ano de 1892. Foi apenas em 4 de novembro de 1925 que houve o desmembramento de Araranguá e o estabelecimento de Criciúma como município. Desde então, sua principal atividade econômica é a produção de cerâmica, porém também se destaca nos setores metalúrgicos, na exploração de carvão, na produção de jeans e na construção civil. Atualmente, Criciúma é o maior produtor nacional de cerâmicas do Brasil e o segundo maior a nível mundial. De acordo com o censo de 2010 (IBGE), a cidade de Criciúma possuía uma população de 192.308 habitantes e a estimativa para 2017 era de 211.369. Segundo dados do Atlas do Brasil de 2013, está entre os cem municípios com melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) no Brasil – calculado em 0.788 e, de acordo com os números do IBGE, possui um Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* de 31.665,76. Com relação ao nível de instrução da população, segundo o Censo Demográfico de 2010, dentre os 167.414 recenseados, 68.427 se encaixam na categoria “sem instrução ou fundamental incompleto” em Criciúma; 34.070 possuem o ensino fundamental completo e o médio incompleto; 44.477 possuem o médio completo; e apenas 19.512 pessoas possuem um curso superior completo. A taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 98,5%.

Lages—initialmente batizada como Nossa Senhora dos Prazeres dos Campos das Lajens – foi fundada em 22 de novembro de 1766 (104 anos antes de Criciúma) pelo bandeirante paulista Antônio Correia Pinto de Macedo e, inicialmente, servia de estalagem para a rota comercial entre o Rio Grande do Sul e São Paulo. Era uma vila pertencente à capitania de São Paulo e foi transferida para a capitania de Santa Catarina apenas em 9 de setembro de 1820, por D. João VI. No ano de 1860, foi elevada à categoria de cidade. Em seus primeiros 100 anos, durante a campanha abolicionista e a forte imigração europeia no sul do Brasil, Lages era habitada basicamente por caboclos,

misturas de portugueses antigos, paulistas, índios e alguns negros. Entre os anos de 1950 e 1960, a extração de madeira se tornou a principal atividade econômica da cidade, que se tornou um polo de imigração de descendentes italianos. Na década de 70, a cidade começou a enfrentar problemas como falta de investimento, abandono da cidade por parte da população e aumento na taxa de desemprego, o que culminou, na década de 80, no desmembramento dos distritos de Correia Pinto e Otacílio Costa. Atualmente, Lages é considerada um dos principais polos em desenvolvimento do estado de Santa Catarina e possui uma área de 2.631,504 km². Segundo o IBGE, no ano de 2010, contava com uma população de 156.727 habitantes distribuídos em 73 bairros e esperava-se que a população chegasse a 158.508 em 2017. Dados do IBGE (2014) atribuem a Lages um IDH de 0,770 e um PIB *per capita* de 26.792,76. Com relação à educação, os dados do Censo Demográfico de 2010 apontam que, dos 134.278 recenseados, 59.675 habitantes de Lages não possuem nenhuma instrução ou possuem apenas o ensino fundamental incompleto; 26.228 possuem ensino fundamental completo; 33.123, ensino médio completo; e somente 14.220 possuem formação em curso superior. A taxa de escolarização de indivíduos entre 6 e 14 anos é de 97,3%.

3.2.3 Guarapuava e Campo Mourão (Paraná)



Mapa 4. Mapa com os municípios do Paraná.
(Fonte: viagemdeferias.com/mapa/parana/)

Os municípios de Campo Mourão e Guarapuava, assim como a capital do estado Curitiba, podem ser observados acima no mapa ilustrativo do Paraná. O primeiro faz parte do Centro Ocidental Paranaense e está localizado a uma distância de 477 km da capital, enquanto o segundo está localizado no Centro-Sul Paranaense, a uma distância de 252 km.

Localizado no alto do Terceiro Planalto Paranaense, Guarapuava é um dos municípios mais frios do Paraná e faz parte de um entroncamento ferroviário, conhecido como corredor do Mercosul, entre os municípios de Foz do Iguaçu e Curitiba. Inicialmente, Guarapuava se referia aos campos gerais descobertos no ano de 1770 e foi povoada a partir da construção do Fortim Atalaia que abrigou as tropas e os familiares de uma expedição comandada por Diogo Pinto de Azevedo Portugal. A cidade surgiu oficialmente como freguesia de Nossa Senhora de Belém em 9 de dezembro de 1819, passando à vila pertencente à província de São Paulo em 17 de julho de 1852 e sendo elevada à categoria de cidade apenas em 1871. Atualmente, Guarapuava possui uma economia diversificada, com destaque para os setores agrícola, madeireiro e de produção de grãos, especialmente milho. Os dados do IBGE apontam um PIB *per capita* de 25.640,55 no ano de 2014 e um IDH de 0,731. Em questão de população, é conhecida por sua diversidade étnica, possuindo quilombos, reservas indígenas, além de imigrantes e descendentes de portugueses, espanhóis, italianos, poloneses e alemães. O município conta com uma área de 3.178,649 km² e já foi considerado um dos maiores municípios do Brasil em extensão territorial. Apesar de haver perdido grande parte de seu território, ainda hoje é a maior cidade por área do estado do Paraná. Segundo o IBGE, contava com uma população de 167.328 habitantes em 2010, com uma estimativa de 180.364 para 2017. Com relação à educação, apresentou uma taxa de escolarização de indivíduos de 6 a 14 anos de 97,1%. De acordo com o Censo demográfico de 2010 realizado pelo IBGE, dos 94.238 habitantes contabilizados, 50.092 não possuem nenhuma instrução formal ou possuem apenas o ensino fundamental incompleto; 13.840 possuem apenas o ensino fundamental completo; 19.515 concluíram o ensino médio; e 10.655 têm formação universitária.

Município predominantemente agrícola, Campo Mourão emancipou-se política e economicamente, consolidando-se como cidade, apenas em 10 de outubro de 1947. Entretanto, sua história tem início no século XVI com a chegada de jesuítas espanhóis e bandeirantes paulistas que denominaram “Campos do Mourão” o território descampado entre os rios Ivaí e Piquiri. A região teve um desenvolvimento lento, contando somente

com pequenas povoações, registrando uma nova fase de povoamento apenas em 1903. Até 1943 Campo Mourão pertencia ao município de Guarapuava, passou então a ser um distrito de Pitanga e ganhou *status* de município apenas em 1947. Como mencionado, a economia de Campo Mourão é baseada nas atividades agrícolas, tendo a soja e o milho como produtos principais. O agronegócio é responsável pelo fortalecimento da economia e a transformação de grão, assim como a produção de carne e frango são importantes geradores de emprego, o que faz de Campo Mourão um dos primeiros municípios do interior do estado na geração de empregos. Em 2009, foi apontada como a 4ª cidade do interior mais desenvolvida em educação, saúde, emprego e renda. Com uma extensão territorial de 757,875 km², segundo os dados do IBGE, Campo Mourão apresentou um PIB *per capita* de 30.734,6 em 2014 e um IDH de 0,757 em 2010. Sua população em 2010 era 87.194 habitantes, com uma estimativa de 94.153 para o ano de 2017. Em termos educacionais, possuía uma taxa de escolarização de 6 e 14 anos de 98,2% em 2010. Dos 52.177 habitantes recenseados, 24.878 não possuem instrução ou possuem o ensino fundamental incompleto; 7.888 possuem ensino fundamental completo; 12.157 concluíram o ensino médio; e 7.236 têm curso superior completo.

A partir do quadro abaixo é possível comparar as principais informações de cada um dos seis municípios comentados anteriormente.

Município	Área	População (2017)	Taxa de escolarização de 6 a 14 anos	IDH
Criciúma	235,701 km ²	211.369	98,5%	0,788
Lages	2.631,504 km ²	158.508	97,3%	0,770
Caçapava do Sul	3.047,113 km ²	34.634	99%	0,704
Santa Maria	1.781,757 km ²	278.445	98,1%	0,784
Guarapuava	3.178,649 km ²	180.364	97,1%	0,731
Campo Mourão	757,875 km ²	94.153	98,2 %	0,757

Tabela 2. Informações sobre os municípios de Criciúma, Lages, Caçapava do Sul, Santa Maria, Guarapuava e Campo Mourão.

3.3 Recolha e tratamento dos dados

Após a escolha das localidades, iniciou-se a etapa de transcrição ortográfica de cada uma das 24 entrevistas. Já com os arquivos de texto prontos, foram destacados os

vocábulos com a presença de *R* em posição de coda final. Em seguida, as entrevistas foram ouvidas, com o acompanhamento da transcrição, e as ocorrências de *R* foram analisadas. Primeiramente, era sinalizada a presença (h) ou ausência (0) do segmento e, caso houvesse realização, era inserido também um símbolo específico para cada variante empregada. Ainda que tenha sido realizada a transcrição da entrevista na íntegra, para a coleta de dados, só foram considerados os trechos com maior fluxo de fala, descartamos respostas constituídas por apenas um ou dois vocábulos. Além desses casos, também não se considerou a parte de leitura, visto que nosso objetivo é analisar a fala mais espontânea possível. Foram excluídos ainda os casos seguidos por um vocábulo iniciado por rótico, como em “*pra fazer reboco*”, e os dados da preposição “*por*”. Esse item lexical já havia sido descartado anteriormente em trabalhos relativos ao apagamento do rótico, como os de Brandão, Mota e Cunha (2003) e Callou & Serra (2012), por tratar-se de uma preposição muito frequente, e que não recebe acento, o que facilitaria a realização do *R* como ataque inicial do vocábulo subsequente iniciado por vogal. Após o levantamento dos dados, realizou-se a segmentação prosódica dos enunciados que apresentavam o *R* em posição de coda com o objetivo de determinar em qual das três fronteiras analisadas – palavra prosódica, sintagma fonológico e sintagma entoacional – o segmento estava inserido.

A importância da variável linguística classe morfológica é frequentemente apontada em trabalhos sobre o apagamento do rótico, comprovando que o processo atua de forma diferente em verbos e não-verbos. Optamos então por analisar separadamente os dados de cada categoria, com o objetivo de obter uma visão mais clara da distribuição do processo.

Seguindo a metodologia de pesquisa variacionista, a etapa seguinte consistiu na codificação dos 3099 dados – 2419 de verbos e 680 de não-verbos – e, posteriormente, os arquivos gerados foram submetidos ao pacote de programas do *GoldVarbX* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). Com o auxílio deste programa, temos acesso a informações como o índice de aplicação da regra variável, os valores percentuais e os pesos relativos de cada variante analisada e a relevância das variáveis linguísticas e extralinguísticas na aplicação do fenômeno. A última etapa consistiu na análise e interpretação dos resultados obtidos nas rodadas estatísticas. A seguir serão apresentadas as variáveis linguísticas e sociais escolhidas para a análise desenvolvida, de acordo com as hipóteses estabelecidas para a influência que cada uma pode ter para a aplicação da regra variável cancelamento do rótico.

3.4 Variáveis e hipóteses

De acordo com os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística, as formas em variação são denominadas variantes linguísticas – diferentes formas de se dizer a mesma coisa – e o conjunto dessas variantes é conhecido como “variável linguística” (TARALLO, 1997). No entanto, as variáveis podem ser de dois tipos diferentes: dependentes e independentes. O primeiro refere-se ao fenômeno específico estudado, em nosso caso, a regra variável de apagamento do rótico em posição de coda silábica final. Nossa variável dependente tem como variantes a presença e a ausência do *R*, o que configura nossa análise como binária. Neste caso não importará o tipo de realização do *R*, pois, como vimos na seção “revisitando o rótico”, há uma neutralização entre as realizações em posição de coda, não havendo distinção de significado. Após a delimitação da variável analisada e suas duas possíveis variantes (apagamento *versus* realização), identificamos as diferentes realizações fonéticas do rótico, quando este era pronunciado, empregadas pelos informantes: tepe, aproximante retroflexa, vibrante múltipla e fricativa (velar e glotal, esta também conhecida como aspiração), a fim de verificar sua distribuição nas diferentes amostras. Optamos por colocar sobre o mesmo rótulo as realizações fricativas, visto que essas ocorrem raríssimas vezes nas localidades estudadas. A seguir são apresentados exemplos com cada uma das variantes do rótico empregadas¹⁵.

- [ɾ] – tepe, também conhecido como vibrante anterior simples
(1) “Que aqui é escorredor” (Caçapava do Sul, inf. 1)
- [ɻ] – aproximante retroflexa
(2) “Verão...faz calor.” (Guarapuava, inf. 1)
- [r] – vibrante múltipla
(3) “Nascente, sol nascente. Amanhecer.” (Lages, inf. 4)
- [x] e [h] – Fricativas velar e glotal
(4) “Eu sou armador.” (Guarapuava, inf. 1)
(5) “Aí eu queria coisinha melhor.” (Criciúma, inf. 4)

¹⁵ Os áudios de todos os exemplos mencionados nesta dissertação – do exemplo (1) ao (25) – estão disponíveis no CD (anexo 5).

- [ø] – apagamento do rótico

(6) “**Morar** não, mas **passar** algum tempo já sim.” (Guarapuava, inf. 1)

Como discutido na seção dedicada à Teoria da Variação e da Mudança, o uso de variantes linguísticas é condicionado por fatores linguísticos e/ou extralinguísticos e cada um desses fatores constitui o que nós conhecemos como variáveis independentes. A seleção das variáveis utilizadas durante nossa análise foi realizada com base nos resultados de pesquisas anteriores sobre o comportamento do rótico em posição de coda silábica final.

3.4.1 Variáveis linguísticas

a) **Classe morfológica** – verbos (*colocar*)/ não-verbos (*senhor*)

Pesquisas anteriores sobre o comportamento do rótico em coda silábica final no PB têm demonstrado que os índices de apagamento em formas verbais são sempre superiores aos índices de apagamento em não-verbos, independente da localidade estudada (CALLOU, LEITE & MORAES, 1996; HORA & MONARETTO, 2003; MONARETTO, 1997). Segundo Callou (1987, p. 140-141), “*a característica morfofonêmica do segmento afeta a distribuição das variantes. A realização Ø é mais alta quando representa a marca de infinitivo*”. O acento de palavra recai na sílaba final dos verbos no infinitivo e no subjuntivo, mesma sílaba em que se encontra o *R* em coda (querer; quiser). Também em não-verbos, por conta do peso silábico acarretado pela rima ramificada, a sílaba que recebe o acento de palavra é quase sempre a que contém a coda silábica, como em *melhor, cantor, devagar*. Ainda está por ser respondida a questão sobre o tipo de informação morfológica acessada em processos como este de cancelamento do rótico em final de palavra.

Por conta desses resultados, pesquisas recentes têm optado por separar os dados em dois grandes grupos – verbos e não-verbos – e realizar análises separadas do comportamento do *R* em cada um deles (FARIAS & OLIVEIRA, 2013; XAVIER, 2016; SANTANA, 2017). Como já mencionado, adotamos para a presente análise esse mesmo procedimento metodológico: os dados de verbos e não-verbos – estão incluídos nesse grupo substantivos, adjetivos, preposição e advérbio – foram codificados em diferentes arquivos e então submetidos ao programa *GoldVarbX*.

b) Dimensão do vocábulo – monossílabos (*ter*)/ palavras de duas sílabas ou mais (*arrumar*)

Essa variável faz referência à importância do tamanho do vocábulo para a aplicação da regra de apagamento do *R*. A partir da hipótese da saliência fônica, busca-se verificar se, em vocábulos menores, nos quais o rótico apresenta maior saliência fônica, há maior probabilidade de preservação do segmento. Segundo Scherre (1992, p. 301), "as formas mais salientes, e por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes". Trata-se de um grupo de fator frequentemente apontado pela literatura como relevante para o fenômeno aqui estudado e a hipótese mencionada acima já foi confirmada em diversos trabalhos. Decidimos separar em nossa análise apenas os monossílabos e juntar em um único grupo as palavras de duas ou mais sílabas.

c) Contexto fonético antecedente (qualidade da vogal) – [i] (*ir*) / [e] (*vencer*) / [ɛ] (*mulher*) / [a] (*trabalhar*) / [ɔ] (*maior*) / [o] (*matador*) / [u] (*abajur*)

Investigaremos a influência da vogal que antecede o *R* na aplicação do processo de cancelamento do segmento. Para isso, consideraremos individualmente as sete vogais orais do português, a fim de encontrar generalizações quanto aos traços das vogais – arredondamento, altura, ponto de articulação – e a interferência que esses exercem na realização ou apagamento do rótico. Ainda que esta não seja uma variável obrigatória em trabalhos que investigam esse fenômeno, os resultados de Callou (1987) e Brandão, Mota & Cunha (2003) apontaram que a presença de vogais com traço [+arredondado] – ɔ, o, u – aumenta a probabilidade de realização do segmento, enquanto vogais de traço [-arredondado] – a, ɛ, e, i – estimulariam o cancelamento do *R*.

d) Contexto subsequente

Consoante: (7) “Oh senhor, o senhor derrubou alguma coisa aí.” (Santa Maria, inf. 3)

Vogal: (8) “O mar aqui né, a água azul.” (Guarapuava, inf. 4)

Pausa: (9) “Tu vai sair em algum lugar?” (Criciúma, inf. 3)

Com essa variável independente, nosso objetivo é o de analisar se o contexto imediatamente subsequente ao *R* influenciaria de alguma forma seu comportamento. Formulou-se a hipótese de que diante de pausa o cancelamento do *R* ocorre com menor frequência. A presença da pausa exerce influência no processo de apagamento (como

um inibidor), pois possui relação direta com o tipo de fronteira prosódica em que o elemento está inserido. Essa relação se deve ao fato da pausa ser a principal pista, tanto na produção quanto na percepção, da presença de um sintagma entoacional (IP) no Português do Brasil (SERRA, 2009 e 2010). Trabalhos recentes apontam a presença de pausa silenciosa, assim como a fronteira de sintagma entoacional (IP), como um contexto de resistência ao processo de apagamento do rótico (MATHEUS & RODRIGUES, 2003; CALLOU & SERRA, 2012; FARIAS & OLIVEIRA, 2013; SERRA & CALLOU, 2015). Quando seguido de vogal, existe uma grande probabilidade do *R*, em coda final, sofrer ressilabificação, passando à posição de ataque da sílaba seguinte. Ainda que trabalhos recentes excluam os dados de *R* seguidos de vogal por conta desta possibilidade, depois da análise de uma rodada preliminar, optamos por manter esses dados, visto que os resultados com ou sem eles foram muito similares.

e) Fronteira prosódica

Palavra prosódica ($P\omega$): “[Eu]I, [pra falar bem a verdade]I, [estou evitando [comeR] Pw pão] Φ de manha cedo] Φ I, [né]I.” (Campo Mourão, inf. 3)

Sintagma fonológico (PhP/Φ): “[Oh senhor]I! [[O senhoR] Φ [perdeu sua carteira] Φ [aqui] Φ I.” (Lages, inf. 1)

Sintagma entoacional (IP): “[Para mim fazeR.] I” (Lages, inf. 2)

A hipótese do fenômeno de cancelamento do rótico em coda estar relacionada ao tipo de fronteira em que o elemento se insere foi levantada pela primeira vez em Callou e Serra (2012). Segundo as autoras, quanto mais alta a fronteira prosódica maior seria a tendência à preservação do *R*, o que tornaria a fronteira de sintagma entoacional o contexto ideal para a realização do segmento.

f) Modo verbal – Verbo no infinitivo (*querer*)/ verbo não-infinitivo (*quiser, quer*)

Investigaremos ainda, apenas para o grupo dos verbos, se o modo verbal – infinitivo ou indicativo e subjuntivo – influenciaria de alguma forma no comportamento do rótico em posição de coda final e na aplicação do fenômeno de apagamento.

3.4.2 Variáveis extralinguísticas (sociais)¹⁶

A estrutura linguística está ela mesma encaixada no contexto mais amplo da comunidade de fala, de tal modo que variações sociais e geográficas são elementos intrínsecos da estrutura. Na explicação da mudança linguística, é possível alegar que os fatores sociais pesam sobre o sistema como um todo; [...] a tarefa do linguista não é tanto demonstrar a motivação social de uma mudança quanto determinar o grau de correlação social que existe e mostrar como ela pesa sobre o sistema linguístico abstrato. (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968]. Tradução de Marcos Bagno, p. 123)

a) Sexo do informante – feminino/ masculino

Esta variável social é um importante objeto de estudo de pesquisas sociolinguísticas. Isso ocorre, pois, do ponto de vista social, homens e mulheres assumem papéis diferentes, o que os leva a interagir de maneira distinta em cada situação comunicativa. Segundo Labov (1972), existiria uma postura expressiva mais apropriada para cada um dos sexos e, em geral, as mulheres se adaptam com mais facilidade às mudanças linguísticas do que os homens, o que as colocaria muitas vezes uma geração à frente. Callou (1987) mostra, com base na pesquisa de outros autores, que a fala das mulheres apresenta algumas vezes traços arcaizantes e outras vezes traços inovadores. Para aquela época, a autora chega à conclusão de que

[...] a geografia linguística, de base rural, vê a fala das mulheres como conservadora, enquanto a dialectologia urbana, pelo menos a dos grandes centros, a vê como inovadora. A explicação para isso estaria talvez no fato de que num grande centro urbano, a mulher passou a atuar de forma diferente dentro do contexto social, assumindo um papel economicamente mais ativo. (CALLOU, 1987, p. 31)

b) Idade do informante – faixa etária 1/ faixa etária 2

Com essa variável, buscamos verificar se a faixa etária influenciaria na atuação do fenômeno de apagamento do rótico, visto que, em trabalhos anteriores, já é atestado que as mudanças linguísticas não são abruptas e, geralmente, tendem a começar na fala dos indivíduos mais jovens. Dessa forma, parte-se da hipótese de que os informantes da geração mais jovem – de 18 a 30 anos (faixa 1) – apresentam um comportamento linguístico mais inovador, enquanto os mais velhos - entre 50 a 65 anos (faixa 2) – tendem a ser mais conservadores, preservando com mais frequência o segmento¹⁷.

¹⁶O nível de escolaridade do informante tem se mostrado uma das variáveis sociais mais relevantes para alguns fenômenos em variação. No entanto, esse fator não será contemplado em nossa análise, pois, como já mencionado, todos os informantes do ALiB – exceto os das capitais – possuem a mesma escolarização.

¹⁷O *corpus* do ALiB não apresenta uma faixa etária intermediária que englobe os falantes entre 30 e 50 anos.

“[...] a mudança linguística não é absolutamente mecânica e regular a curto prazo. Em qualquer estado real da língua, costumam coexistir formas de diversos estágios de evolução, apesar do fato de que a longo prazo – normalmente no espaço de várias gerações – a mudança quase sempre acaba afetando todos os itens lexicais e todas as estruturas de um determinado tipo. (MOLLICA & BRAGA, 2013, p.43)”

C) Área geográfica do informante– Criciúma (SC)/ Lages (SC)/ Caçapava do Sul (RS)/ Santa Maria (RS)/ Guarapuava (PR)/ Campo Mourão (PR)

Analisando as diferentes pesquisas sobre a variabilidade do rótico em posição de coda silábica, torna-se evidente que este fenômeno comporta-se de forma diferente à depender da localidade. Vimos que os índices de apagamento são superiores nos municípios da região Nordeste e que até mesmo o tipo de realização muda de estado para estado. Através dessa variável, seremos capazes de responder se o *R* segue o mesmo comportamento em todos os estados da região Sul e, até mesmo, se existe diferença entre dois municípios do mesmo estado. Como veremos a seguir, primeiramente realizou-se uma leitura dos dados contemplando as seis cidades para a obtenção de resultados gerais sobre o comportamento *R* na região Sul. Em seguida, após a variável área geográfica do informante ser apontada como relevante para o processo de apagamento, realizaram-se rodadas individuais de cada município.

Neste capítulo foram descritos os passos metodológicos seguidos durante a análise variacionista, apresentou-se a constituição do *corpus* adotado, realizou-se uma breve contextualização político-geográfica das localidades investigadas e foram discutidas as variáveis linguísticas e sociais testadas, assim como suas hipóteses. A partir disso, no próximo capítulo, daremos início à análise dos dados coletados e discutiremos os resultados encontrados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão descritos e interpretados os resultados advindos da análise estatística/probabilística dos dados, à luz da Sociolinguística Quantitativa. Primeiramente, apresentaremos os resultados obtidos através de uma primeira rodada na qual foram agrupados os dados referentes aos seis municípios escolhidos. Além dos percentuais de apagamento e realização, apresentaremos também a frequência de uso de cada variante do *R* em contexto de coda final na região Sul do Brasil. Em seguida, serão descritos separadamente os resultados relativos a cada município, mencionando sempre os percentuais de aplicação do fenômeno de apagamento, as variantes preferidas e as variáveis linguísticas e extralinguísticas que se mostraram relevantes. Tanto os dados gerais; como os específicos de cada município; foram analisados segundo a classe gramatical do vocábulo – sendo realizadas rodadas independentes – e, por conta disso, os resultados de verbos e não-verbos serão apresentados em momentos diferentes. Como já mencionado (Cf. Capítulo 1), essa decisão metodológica foi tomada, pois diversas pesquisas anteriores apontam que o apagamento do rótico é sensível à classe morfológica do vocábulo (CALLOU, 1987; HORA & MONARETTO, 2003; SERRA & CALLOU, 2013; FARIAS & OLIVEIRA, 2014; OLIVEIRA, SANTANA & SERRA, 2014; CALLOU, SERRA & CUNHA, 2015). Por último, sistematizaremos os resultados mais relevantes e realizaremos uma comparação com os já encontrados em trabalhos anteriores, principalmente com os apresentados em Santana (2017), visto que a autora analisou as capitais da região Sul com base no mesmo *corpus* adotado nesta pesquisa.

4.1 Uma visão geral dos resultados

Ao total foram coletados 3099 dados de *R* em coda final, sendo 2419 em formas verbais e 680 em formais não verbais. Como já era esperado, o percentual geral de apagamento, contemplando os seis municípios, foi bastante elevado na categoria dos verbos (92%) e relativamente baixo na de não-verbos (11%). Analisando a diferença entre os números de realização e apagamento em ambos os contextos, podemos afirmar que a classe morfológica ainda exerce grande influência no fenômeno do cancelamento do *R*, ao menos na região Sul do país. Enquanto em verbos o processo de mudança já se encontra em um estágio bastante avançado – porém não concluído, visto que alguns contextos ainda parecem propiciar a realização do segmento –, em não-verbos o

processo ainda está em fase inicial, alcançando índices muito baixos. Esses resultados podem ser observados nos gráficos a seguir (Gráficos 1 e 2).

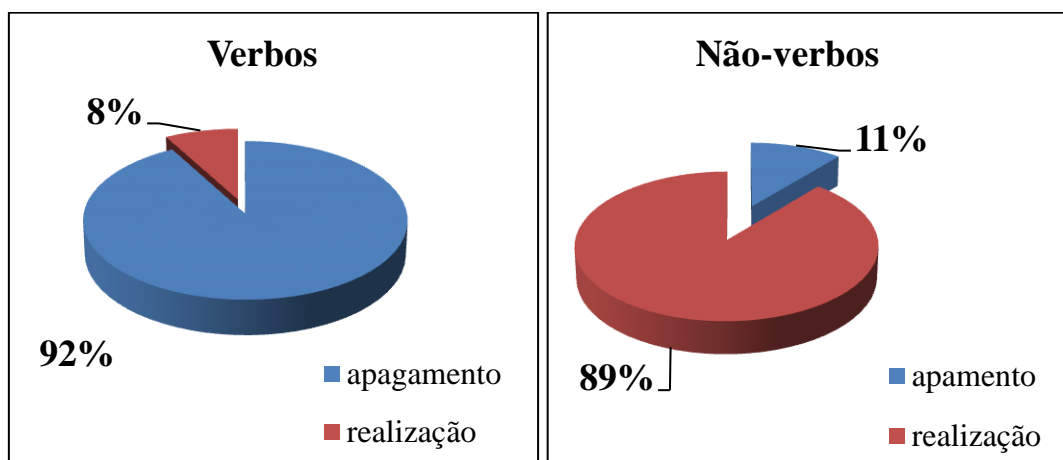


Gráfico 1. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos na Região Sul (interiores).

Gráfico 2. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos na Região Sul (interiores).

Em estudo com base em dados coletados entre 1988 e 1996, Monaretto e Brescancini (2008) encontram um percentual de 40% de apagamento do *R* em posição de coda silábica final nas três capitais da região Sul do Brasil. As autoras não realizam análises independentes para verbos e não-verbos, o que dificulta a comparação com os dados apresentados aqui, porém asseguram que o apagamento se dá preferencialmente em final de verbos. Santana (2017), em trabalho sobre o comportamento do rótico com dados do ALiB, encontra, para as mesmas capitais, 89% de apagamento em verbos e 19% de apagamento em não-verbos. De forma geral, os resultados das capitais são similares aos encontrados aqui para as cidades do interior – levando em consideração o fato de existir uma diferença grande entre os índices de apagamento nas duas categorias morfológicas –, entretanto o percentual de apagamento em não-verbos foi inferior no interior (11% vs 19%).

Em nossos dados, em ambos os casos – verbos e não-verbos – a área de origem do informante foi a segunda variável selecionada durante as rodadas, ficando atrás apenas do fator estrutural vogal antecedente. Nas Tabelas 1 e 2, são apresentados os pesos relativos para o apagamento de cada um dos municípios nas rodadas gerais (verbos e não-verbos), no nível de seleção. Por esse motivo, optamos por realizar as rodadas individuais e verificar separadamente as variáveis que atuam no processo de

cancelamento do *R* e as variantes preferidas em cada localidade. O fato da variável referente à região de origem do falante ser sempre selecionada também nos revela a atuação diferenciada do fenômeno de cancelamento pelas áreas da região Sul, o que vai ao encontro das tendências reveladas pelo ALiB (Cartas F04 C1, F04 C2, F04 C3 e F04 C4) e do que apontam os trabalhos de Monaretto (1997, 2000, 2002) sobre a própria diversidade linguística do Sul do país.

Localidade	oco/total	%	P.R.
Santa Maria (RS)	271/284	95%	.58
Caçapava do Sul (RS)	479/535	89%	.43
Criciúma (SC)	447/462	97%	.75
Lages (SC)	201/230	87%	.28
Campo Mourão (PR)	332/370	90%	.33
Guarapuava (PR)	507/538	94%	.51

Tabela 3. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos a depender da área geográfica do informante.

Localidade	oco/total	%	P.R.
Santa Maria (RS)	15/92	16%	.70
Caçapava do Sul (RS)	13/157	8%	.51
Criciúma (SC)	25/113	22%	.79
Lages (SC)	5/81	6%	.28
Campo Mourão (PR)	3/114	3%	.16
Guarapuava (PR)	13/123	11%	.46

Tabela 4. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos a depender da área geográfica do informante.

Deixando temporariamente de lado os casos em que ocorreu a supressão do segmento e focalizando apenas os de realização, falaremos agora sobre variantes do rótico encontradas. Como visto acima, em apenas 8% das formas verbais coletadas na região Sul; os falantes optaram pela realização do *R* – esses 8% correspondem a 182 ocorrências de *R* realizados. Foram identificados os quatro tipos de realização postulados na seção “variáveis e hipóteses” do capítulo anterior, e essa distribuição

pode ser observada a seguir, no Gráfico 3. A realização predominante nos vocábulos verbais foi o tepe, realizado 94 vezes, o que corresponde a 52% do total de róticos realizados. Em seguida, aparece a aproximante retroflexa, também com um percentual bastante elevado (42%) – variante realizada em 76 dados. Enquanto isso, a vibrante múltipla e as realizações fricativas foram realizadas em poucas ocasiões, tendo a primeira alcançado um percentual de 5%, correspondente a 9 dados, e a segunda apenas 1% correspondendo a três aparições.

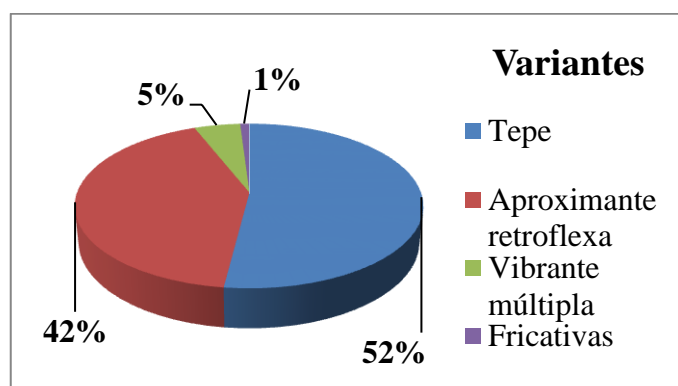


Gráfico 3. Realizações do R em coda final de verbos na Região Sul.

Em não-verbos – categoria com um número bastante superior de ocorrências de realização do rótico – essa distribuição se deu de forma um pouco diferente, ainda que tenham aparecido novamente as quatro variantes esperadas (Gráfico 4). Dentre os 680 dados de formas não verbais, 89% foram realizados, o que corresponde a um total de 606 ocorrências de R em coda final. A variante vibrante múltipla e as realizações fricativas uma vez mais foram minoria, alcançando um índice aproximado de 4% e 1% respectivamente – correspondente a 21 e 4 dados apenas. A diferença está na distribuição da aproximante retroflexa e do tepe: nos não-verbos a primeira variante se destacou, alcançando um percentual de realização de 58% (354 dados), enquanto a segunda apareceu na segunda posição com um percentual de 37% (226 dados).

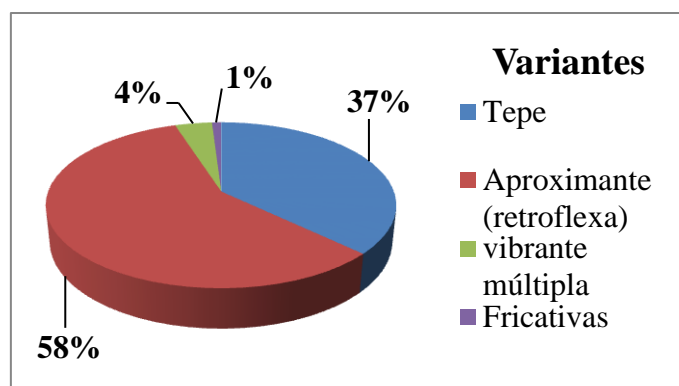


Gráfico 4. Realizações do R em coda final de não-verbos na Região Sul.

Os trabalhos de Monaretto (1997, 2000 e 2002) apontam o tepe como a realização mais produtiva em posição de coda final, agrupadas as três capitais da região Sul do Brasil (64%), e uma baixa frequência de aproximante retroflexa (8%). Individualmente, as cidades de Porto Alegre e de Curitiba apresentaram um predomínio de tepe, enquanto a de Florianópolis, de vibrante posterior¹⁸. Cabe ressaltar que a variante aproximante retroflexa, com baixo índice nos dados da autora, tem seu uso praticamente restrito à cidade de Curitiba. Nos dados de Santana (2017), coletados a partir de entrevistas realizadas com falantes curitibanos, há um predomínio de tepe (64%) em verbos e também em não verbos (43%), uma frequência mediana de fricativas (11% de velar e 14% de glotal em verbos e 20% de velar e 13% de glotal em não verbos) e um baixo índice de aproximante retroflexa – 16% em não-verbos e apenas 8% em verbos.

A partir desses resultados, podemos identificar algumas diferenças significativas entre o comportamento dos falantes da capital e do interior. Visto que a presença de fricativas em nossos dados é muito baixa, podemos afirmar que a preferência da capital de Santa Catarina por essa variante – preferência apontada em Monaretto (1997) e Santana (2017) – não se repete nas cidades do interior estudadas (Criciúma e Lages). Além disso, o uso da realização retroflexa cresce substancialmente nas cidades do interior, chegando a ser a variante predominante nos dados de não verbos, o que difere da baixa frequência dessa variante na capital.

¹⁸Como mencionada em nota anterior, Monaretto (1997) agrupa sobre o rótulo de “vibrante posterior” todas as realizações posteriores, independente do modo de articulação.

4.2 O R em Verbos

Analisaremos agora os resultados relativos ao comportamento do rótico na coda externa dos verbos em cada um dos seis municípios investigados. Nos vocábulos dessa classe morfológica, a preferência é pelo apagamento, com as realizações aparecendo com baixa frequência em todas as localidades. De forma geral, os municípios apresentaram índices de apagamento semelhantes, não sendo possível estabelecer uma correlação por Estado. O município que apresentou o maior percentual de apagamento foi Criciúma (97%), localizado no Estado de Santa Catarina e, curiosamente, o que apresentou o menor percentual de apagamento foi Lages (87%), outro município de Santa Catarina.

Como a preferência na classe morfológica dos verbos é pelo apagamento, com uma baixa frequência de realização, optamos por realizar um levantamento dos vocábulos verbais em que foi observada a realização do *R*¹⁹. Ainda que a lista de verbos seja composta por 68 itens lexicais diferentes, os vocábulos “*pôr*” (16 ocorrências com *R*), “*for*” (18 ocorrências com *R*), “*ser*” (15 ocorrências com *R*) e “*supor*” (18 ocorrências com *R*) se destacam, visto que foram pronunciados com *R* em mais ocasiões. É importante observar que três dos quatro verbos destacados são monossílabos – “*pôr*”, “*for*” e “*ser*” – e que três são precedidos pela vogal [o] – “*pôr*”, “*for*” e “*supor*”. Como veremos ao longo deste capítulo, os monossílabos e as vogais de traço [+arred] são apontados como condicionamentos fundamentais para que haja a preservação do *R* em posição de coda final.

¹⁹ Esse levantamento pode ser conferido no Anexo 1.

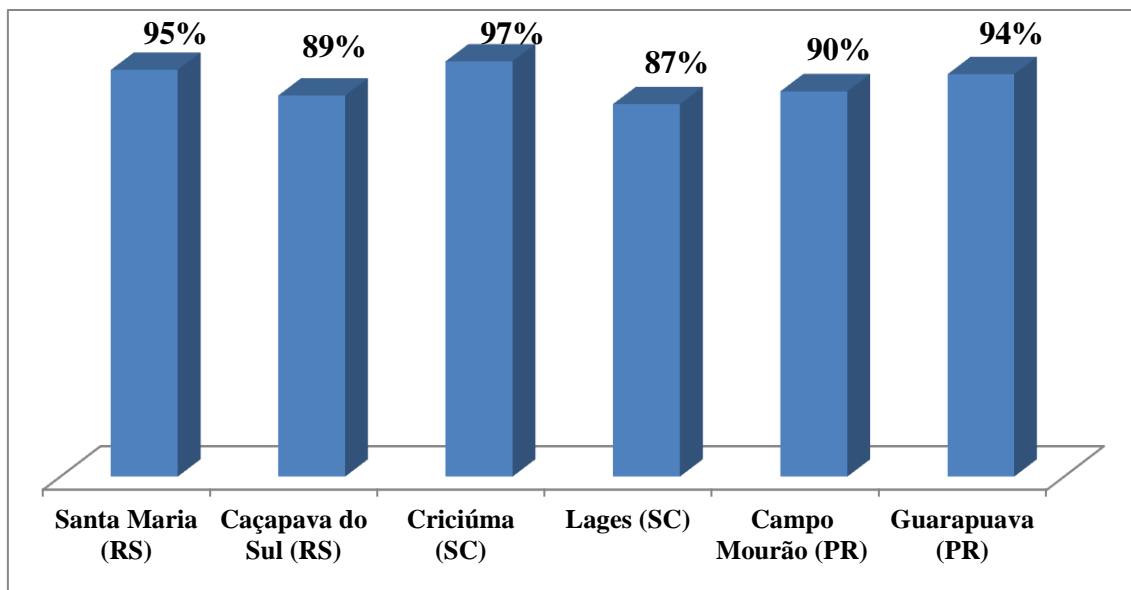


Gráfico 5. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos nos seis municípios investigados.

A apresentação e a discussão dos resultados começam pelas cidades do Rio Grande do Sul (Caçapava do Sul e Santa Maria), seguidas pelas cidades do estado de Santa Catarina (Criciúma e Lages) e, por fim, pelas cidades do Paraná (Guarapuava e Campo Mourão).

4.2.1 Município de Caçapava do Sul (RS)

No município de Caçapava do Sul foram coletadas 535 ocorrências de *R* em coda silábica externa de verbos e, como visto no Gráfico 5, o percentual de apagamento desse segmento foi de 89%. O percentual de realização de apenas 11% corresponde a um total de 56 dados, os quais podem ser divididos em quatro grupos a depender do tipo de realização do rótico (Gráfico 6). No município de Caçapava há, nos vocábulos verbais, uma clara preferência pela variante tepe (41 dados - 73%) e uma baixa frequência da aproximante retroflexa (11 dados - 20%). Aparecem também, com um número muito baixo de dados, a variante vibrante múltipla (3 dados - 5%) e as realizações fricativas (1 dado - 2%).

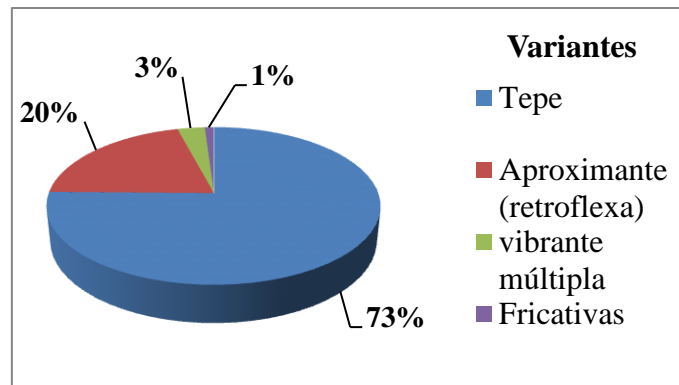


Gráfico 6. Realizações do *R* em coda final de verbos no município de Caçapava do Sul.

Na rodada de dados referente às ocorrências de *R* em verbos no município de Caçapava do Sul, foi selecionada apenas a variável vogal antecedente. Enquanto a presença da vogal [o] antes do segmento rótico favorece a manutenção do segmento, as demais vogais apresentam um peso relativo para o apagamento bastante superior, sendo as vogais [e] e [ɛ] as mais significativas para a aplicação desse processo (Tabela 5). Durante a revisão da literatura, vimos que as vogais de traço mais arredondado já haviam sido apontadas como contextos favorecedores da realização do rótico. Assim como observamos em nossos dados, em Brandão, Motta e Cunha (2003), os pesos relativos para o apagamento do *R* foram superiores quando esse segmento se encontrava depois de uma vogal de traço [-arred] ([ɛ] - .83/ [i] - .63/ [e] - .53/ [a] - .53/ [ɔ] - .39/ [o] - .23/ [u] - .03) (p.170).

Contexto antecedente	Oco/total	%	P.R.
[i]	54/57	95%	.56
[e]	151/156	97%	.68
[ɛ]	25/26	96%	.64
[a]	246/263	93%	.51
[o]	3/33	9%	.007

Tabela 5. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos, em Caçapava do Sul, a depender da vogal antecedente (*input* geral .89).

Exemplos:

(13) “Ah ele sempre diz moço o... depende... se é, se **fo/R/** jovem é, o moço senão o cara, o cara.” (Caçapava do Sul, inf. 2)

(14) “Pra limpar o chão tem que se~~o~~ com...com a vassoura.” (Caçapava do Sul, inf. 3)

4.2.2 Município de Santa Maria (RS)

Em Santa Maria foram recolhidos 284 dados de *R* em posição de coda silábica final de verbos e foi registrado um percentual de apagamento de 95% (*Input* geral .95). Diferente de Caçapava do Sul, os 5% de realização – correspondente a apenas 13 dados – estão divididos apenas em três grupos: não foi identificada nenhuma realização fricativa do rótico na classe gramatical dos verbos nesse município (Gráfico 7). Novamente houve uma predominância da variante tepe (9 dados - 69%), um baixo percentual de aproximante retroflexa (3 dados - 23%) e apenas uma realização da vibrante múltipla (8%). É importante salientar, que por conta do escasso número de dados, a única realização da vibrante múltipla corresponde a 8% do total de realizações. Para determinar as realizações mais adotadas serão mais relevantes os percentuais em não-verbos, visto que nessa classe morfológica a manutenção do segmento é mais frequente, logo teremos um quadro mais nítido das preferências de realização.

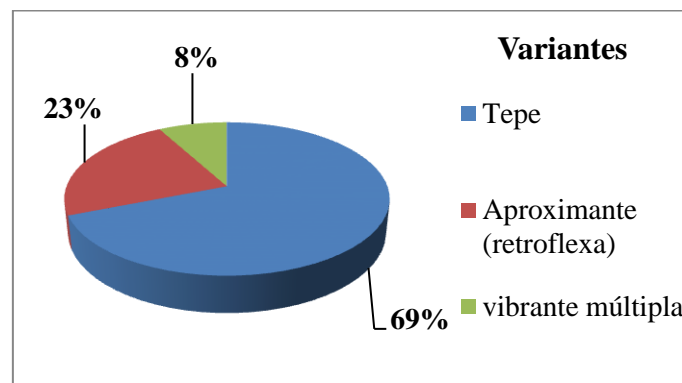


Gráfico 7. Realizações do *R* em coda final de verbos no município de Santa Maria.

Assim como ocorreu em Caçapava do Sul, após a rodada dos dados de verbos em Santa Maria, apenas o fator vogal antecedente foi selecionado como relevante para a aplicação do processo de apagamento. A vogal [o], de traço [+arred], favoreceu a realização do segmento, enquanto o apagamento foi categórico com a presença do [ε]. A vogal [i] apresentou o maior peso relativo para o apagamento, seguido da vogal [e] e [a].

Contexto antecedente	Oco/total	%	P.R.
[i]	43/44	98%	.64
[e]	75/78	96%	.51
[ɛ]	19/19	100%	-
[a]	133/139	96%	.48
[o]	1/4	25%	.01

Tabela 6. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos, em Santa Maria, a depender do vogal antecedente (*input* geral .95).

Exemplos:

(15) “**Pô/R/** a água.” (Santa Maria, inf. 4)

(16) “Oh G, tu **queØ** café puro ou café com leite?” (Santa Maria, inf. 1)

Outra variável que deve ser mencionada para a classe dos verbos em Santa Maria é o modo verbal. Durante a primeira rodada do *GoldVarbX*, ocorreu *knockout*²⁰ com os verbos em forma finita: em todos os casos em que fazia parte de um verbo no subjuntivo ou no indicativo, o apagamento do *R* foi categórico. Por outro lado, a supressão do segmento com verbos no infinitivo foi de 95%. Isso pode ser devido ao fato das formas finitas representarem apenas 6% (17 dados) do total de ocorrências de *R* em verbos no município de Santa Maria.

Modo Verbal	Oco/total	%
Verbos no Infinitivo	254/267	95%
Formas finitas	17/17	100%

Tabela 7. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos, em Santa Maria, a depender do modo verbal.

²⁰Os *knockouts* se referem aos casos categóricos, ou seja, em determinado contexto houve 100% de apagamento ou de realização.

4.2.3 Município de Criciúma (SC)

Como pode ser observado no gráfico 5, o município de Criciúma apresentou o maior percentual de apagamento na classe morfológica dos verbos: foram coletadas 462 ocorrências de *R* em contexto de coda silábica externa, com um cancelamento do segmento quase categórico (97% - 447 dados). Restou apenas um percentual de realização de 3%, o que se resume a 15 dados de *R* pronunciados. Diferentemente do que vimos para as cidades do Rio Grande do Sul, no município de Criciúma, localizado em Santa Catarina, ocorre uma predominância da variante aproximante retroflexa (67% - 10 dados) e uma baixa frequência de tepe (26% - 4 dados). Houve ainda uma única ocorrência de realização fricativa, não sendo identificado nenhum caso de vibrante múltipla (Gráfico 8).

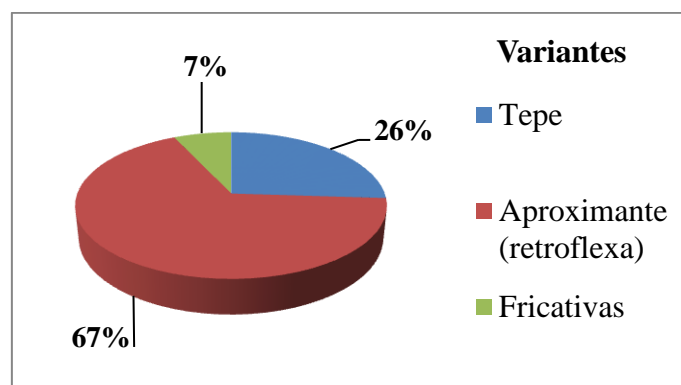


Gráfico 8. Realizações do *R* em coda final de verbos no município de Criciúma.

Ainda que o índice de apagamento tenha sido bastante elevado, três variáveis foram selecionadas como significativas para a aplicação do processo de apagamento do *R* em verbos no município de Criciúma: vogal antecedente, faixa etária do informante e contexto subsequente. Novamente a vogal [o] aparece como a que mais favorece a realização do rótico, enquanto o apagamento foi categórico em vocábulos com a vogal [i] e apresentou o maior peso relativo quando antecedido pelas vogais [a] e [e] (Tabela 8).

Contexto antecedente	Oco/total	%	P.R.
[i]	62/62	100%	-
[e]	105/108	97%	.53
[ɛ]	17/19	90%	.15
[a]	256/261	98%	.56
[o]	7/12	58%	.01

Tabela 8. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos, em Criciúma, a depender da vogal antecedente (*input* geral 97).

A variável social faixa etária do informante também fornece uma informação relevante com relação ao apagamento em verbos nessa localidade: contrariando nossa hipótese inicial – construída com base em trabalhos anteriores sobre o cancelamento do *R* e outros fenômenos variáveis – os indivíduos mais velhos foram os que apresentaram o maior percentual de apagamento (Tabela 9), ainda que os números já sejam bastante altos em ambas as faixas etárias. Para dados da década de 70, Callou (1987) encontra o índice de apagamento mais elevado na fala dos jovens (83%) – faixa etária 1, entre 25-36 anos – e o menor índice na fala dos indivíduos da faixa intermediária (36%) – faixa 2, entre 36-50.

Faixa etária	Oco/total	%	P.R.
Faixa 1	158/168	94%	.25
Faixa 2	289/294	98%	.65

Tabela 9. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos, em Criciúma, a depender da faixa etária (*input* geral 97).

O último condicionamento relevante para a aplicação do apagamento foi o contexto subsequente, com a presença da pausa como um elemento que favorece a manutenção do rótico. O contexto de consoante foi o que apresentou o maior índice de apagamento, seguido imediatamente pelo contexto de vogal (tabela 10). Esse resultado vai ao encontro de uma de nossas hipóteses iniciais de a pausa funcionar como um inibidor para o processo de apagamento, o que, como já mencionado, possui relação

com o tipo de fronteira prosódica em que o *R* se encontra. A pausa é um fenômeno acústico/prosódico tradicionalmente associado à presença de uma fronteira de Sintagma Entoacional (IP) tanto na fala espontânea quanto na leitura (Serra, 2009). Analisando os resultados relativos à fronteira prosódica, vemos que os números podem corroborar a hipótese da fronteira de IP funcionar como um contexto de resistência ao cancelamento, ainda que essa variável não tenha sido selecionada pelo programa (Tabela 11). No entanto, devemos considerar que o percentual de apagamento em fronteira de IP é somente ligeiramente menor e que essa variável não foi selecionada pelo *GoldVarbX*.

Contexto subsequente	Oco/total	%	P.R.
Pausa	121/131	92%	.24
Vogal	164/166	99%	.59
Consoante	162/165	98%	.63

Tabela 10. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos, em Criciúma, a depender do contexto subsequente (*input* geral 97).

Exemplos:

(17) “Brincar de galinha quer **pô/R/**.” (Criciúma, inf. 3)

(18) “Começou a **saiØ** o sol.” (Criciúma, inf. 1)

(19) “Não vai **saiØ** de casa hoje?” (Criciúma, inf. 4)

Fronteira prosódica	Oco/total	%
Sintagma entoacional	157/167	94%
Sintagma fonológico	133/134	99%
Palavra prosódica	157/161	98%

Tabela 11. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos, em Criciúma, a depender da fronteira prosódica.

4.2.4 Município de Lages (SC)

Nas entrevistas de Lages foram coletados 230 dados de *R* em coda final de verbos e, como já mencionado, essa foi a localidade que apresentou o menor percentual de apagamento nessa categoria (87%). O índice de realização de 13% corresponde a 29 ocorrências de *R* realizadas como quatro variantes diferentes: Lages difere do município anterior de Santa Catarina, Criciúma, e se assemelha às cidades do Rio Grande do Sul, empregando com mais frequência a variante *tepe* (69% - 20 dados). As demais realizações aparecem com baixos percentuais, lideradas pela vibrante múltipla (17% - 5 dados), seguida da aproximante retroflexa (10% - 3 dados) e da realização fricativa (4% - 1 dado).

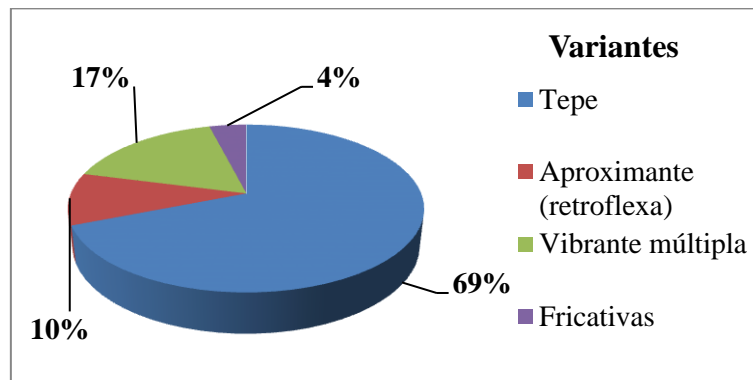


Gráfico 9. Realizações do *R* em coda final de verbos no município de Lages.

Dentre as análises dos seis municípios investigados, a rodada dos dados de verbos em Lages foi a única que não apontou a variável vogal antecedente como significativa para a aplicação do processo de apagamento do rótico. Entretanto, observando os resultados da primeira rodada, nota-se que houve *Knockout* em uma vogal: o apagamento foi categórico quando o segmento sucedia a vogal [ɛ] e o menor percentual de apagamento ocorreu novamente na vogal [o] (Tabela 12).

Vogal antecedente	Oco/total	%
[i]	23/27	85%
[e]	48/56	86%
[ɛ]	8/8	100%
[a]	119/135	89%
[o]	2/4	50%

Tabela 12. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos, em Lages, a depender da vogal antecedente.

Foram selecionadas duas outras variáveis, uma social e uma linguística: a faixa etária do informante e o contexto subsequente. A respeito da idade, o resultado foi oposto ao que havíamos visto para o município de Criciúma: desta vez, os indivíduos mais jovens lideraram o processo de apagamento, com 97% e .78 de P.R., enquanto os mais velhos apresentaram o comportamento mais conservador (80% e apenas .27 de P.R.) (Tabela 13). Ainda assim, ambas as faixas etárias apresentam altos índices de apagamento – sempre acima dos 50% –, confirmando o que já havia sido observado: na região Sul, em formas verbais, a preferência é sempre pelo apagamento. O contexto subsequente, segundo e último fator condicionante, confirmou a informação apresentada na rodada de Criciúma: a pausa aparece pela segunda vez como contexto que mais inibe a aplicação do processo de apagamento, com a presença de uma consoante favorecendo a supressão do *R* (Tabela 14).

Faixa etária	Oco/total	%	P.R.
Faixa 1	98/101	97%	.78
Faixa 2	103/129	80%	.27

Tabela 13. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos, em Lages, a depender da faixa etária (*input* geral .87).

Contexto subsequente	Oco/total	%	P.R.
Pausa	34/44	77%	.28
Vogal	86/98	88%	.49
Consoante	81/88	92%	.63

Tabela 14. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos, em Lages, a depender do contexto subsequente (*input* geral 87).

4.2.5 Município de Guarapuava (PR)

Na cidade de Guarapuava foram coletadas 538 ocorrências de *R* em coda silábica externa, com um índice de apagamento de 94%. Os 6% de realização correspondem a 31 dados e, pela primeira vez, foram identificadas apenas duas variantes diferentes. A preferência dos guarapuavanos é por utilizar a aproximante retroflexa (65% - 20 dados), ainda que empreguem com uma baixa frequência o tepe (35% - 11). As realizações fricativas e a vibrante múltipla não apareceram nenhuma vez durante as quatro entrevistas realizadas nessa localidade (Gráfico 10).

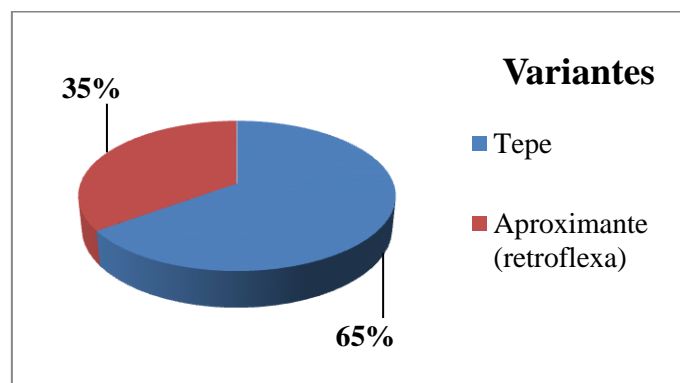


Gráfico 10. Realizações do *R* em coda final de verbos no município de Guarapuava.

Para o município de Guarapuava, localizado no estado do Paraná, apenas a variável vogal antecedente se mostrou relevante para a classe dos verbos, influenciando o fenômeno de apagamento. Esta é a quarta rodada em que esse fator condicionante é selecionado e, assim como nos casos anteriores, a vogal [o] de traço [+arred] é a que favorece a manutenção do *R*, com um peso relativo para o apagamento de apenas .004. No outro extremo, temos a presença das vogais [ɛ] (apagamento categórico), [a] (.62 de P.R.) e [i] (.51 de P.R.) que compartilham o traço [-arred] (Tabela 15).

Vogal antecedente	Oco/total	%	P.R.
[i]	48/50	96%	.51
[e]	139/150	93%	.35
[ɛ]	21/21	100%	-
[a]	298/306	97%	.62
[o]	1/11	9%	.004

Tabela 15. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos, em Guarapuava, a depender do vogal antecedente (*input* geral .94).

4.2.6 Município de Campo Mourão (PR)

O número de ocorrências de *R*, em coda final de verbos, contabilizadas em Campo Mourão foi de 370, com um percentual de apagamento de 90%. Os 38 dados, que correspondem aos 10% de realização, se dividem apenas entre as variantes aproximante retroflexa e tepe. A primeira foi predominante na fala dos indivíduos mourãoenses (76% - 29 dados) – assim como ocorreu em Guarapuava, outra cidade do Paraná – e o tepe apareceu apenas nove vezes, o que corresponde a um percentual de 24% (Gráfico 11). Novamente, não foram encontradas ocorrências de fricativas ou da vibrante múltipla. Em Santana (2017), a autora encontra para Curitiba, capital do Paraná, um resultado oposto ao que encontramos para as duas cidades do interior: enquanto a variante predominante nos verbos dessa localidade é o tepe (75%), o índice de realização da aproximante retroflexa foi de apenas 13%.

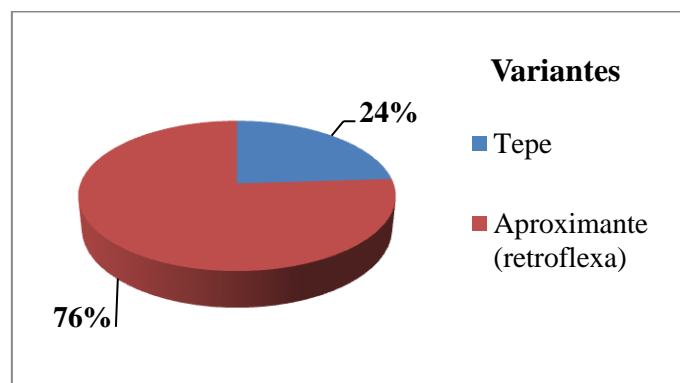


Gráfico 11. Realizações do *R* em coda final de verbos no município de Campo Mourão.

Dentre as rodadas realizadas com os dados de formas verbais, a do município de Campo Mourão foi a que apresentou o maior número de variáveis selecionadas, sendo duas variáveis sociais e duas estruturais: dimensão do vocábulo, faixa etária, sexo e vogal antecedente, nessa ordem de seleção. Pela primeira vez foi selecionado o fator condicionante relativo ao número de sílabas do vocábulo, e o resultado encontrado foi ao encontro de nossa hipótese inicial – já comprovada em trabalhos anteriores – de haver maior retenção do segmento em palavras mais curtas. Enquanto os monossílabos apresentaram um peso relativo de apagamento de .23, as palavras de duas ou mais sílabas tiveram o peso relativo de .58 (Tabela 16). Como discutido no capítulo de metodologia, isso possivelmente se deve ao fato de o *R* ser mais saliente em vocábulos menores e menos saliente foneticamente em vocábulos com maior número de sílabas, o que levaria mais facilmente à supressão do segmento.

Dimensão do vocábulo	Oco/total	%	P.R.
Monossílabos	60/79	76%	.23
2 sílabas ou +	272/291	94%	.58

Tabela 16. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos, em Campo Mourão, a depender da dimensão do vocábulo (*input* geral .90).

Exemplos:

(20) “Ele vai **te/R/** alta hoje.” (Campo Mourão, inf. 2)

(21) “Vai **passseaØ** lá, outros, **assistiØ** futebol, né?” (Campo Mourão, inf. 3)

A segunda variável selecionada foi a faixa etária do informante e o comportamento dos indivíduos em Campo Mourão foi semelhante ao encontrado na cidade de Lages e oposto ao de Criciúma: os mais jovens optaram mais frequentemente pela variante inovadora – o apagamento do *R* – (.81 de P.R.), enquanto os mais velhos tiveram um índice superior de manutenção do segmento (.29 de P.R.) (Tabela 17).

A próxima variável selecionada foi o sexo do informante, que apareceu pela primeira vez como fator relevante para o processo de cancelamento do rótico em verbos. No caso específico do município de Campo Mourão, os homens optaram com mais frequência por não realizar o *R*, enquanto as mulheres apresentaram um índice superior

de realização do segmento (Tabela 18). Assim como mencionado anteriormente para a variável faixa etária, ainda que as mulheres tenham realizado o *R* com uma frequência maior, o índice de apagamento é alto (88%), comprovando que a preferência, para ambos os sexos, nesta localidade é a variante zero fonético.

Faixa etária	Oco/total	%	P.R.
Faixa 1	135/142	95%	.81
Faixa 2	197/228	86%	.29

Tabela 17. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos, em Campo Mourão, a depender da faixa etária (*input* geral .90).

Sexo	Oco/total	%	P.R.
Feminino	148/168	88%	.32
Masculino	184/202	91%	.65

Tabela 18. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos, em Campo Mourão, a depender do sexo (*input* geral .90).

A quarta e última variável selecionada foi o vogal antecedente, confirmando mais uma vez o resultado apresentado para as demais cidades: a vogal [o], de traço mais [+arred], apresentou um baixo índice de apagamento (20%); o apagamento em vocábulos que continham a vogal [ε] foi categórico; e o segundo maior percentual de apagamento do *R* ocorreu quando o segmento era precedido da vogal [a] (94%). Como o traço [+arred] se mostrou um inibidor da aplicação do processo de apagamento, sempre com percentuais de apagamento inferiores a 50%, podemos afirmar que em verbos, ao menos nesse contexto, a preferência é pela realização do *R* e não por seu apagamento.

Contexto antecedente	Oco/total	%	P.R.
[i]	25/29	86%	.46
[e]	94/111	85%	.45
[ɛ]	17/17	100%	-
[a]	195/208	94%	.55
[o]	1/5	20%	.03

Tabela 19. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos, em Campo Mourão, a depender da vogal antecedente (*input* geral .90).

Após o fim da descrição dos resultados relativos ao comportamento do rótico em posição de coda final em verbos, daremos início à descrição dos resultados em não-verbos, seguindo a mesma ordem de municípios.

4.3 O *R* em não-verbos

Passaremos agora aos resultados relativos ao comportamento do rótico em coda externa de não-verbos, descrevendo os resultados encontrados em cada município.

Vimos anteriormente que, para essa categoria, a preferência é pela realização do segmento – independentemente da variante empregada – e os índices de cancelamento ainda são baixos. Novamente não foi possível estabelecer uma correlação por estado, entretanto, diferentemente do que ocorreu na classe dos verbos, desta vez os índices de apagamento por município não foram tão semelhantes. A partir do Gráfico 12, observa-se que, enquanto os municípios de Campo Mourão (PR) e Lages (SC) apresentaram os menores percentuais de apagamento em não-verbos, apenas 3% e 6% respectivamente, Criciúma (SC) apresentou o índice mais elevado (22%), seguido de Santa Maria (RS) (16%). Sendo assim, pudemos constatar que, ainda que pertençam a estados diferentes, Criciúma e Santa Maria se assemelham no que diz respeito ao fenômeno de apagamento do rótico, visto que são os municípios com os maiores percentuais de apagamento na classe de verbos e não-verbos.

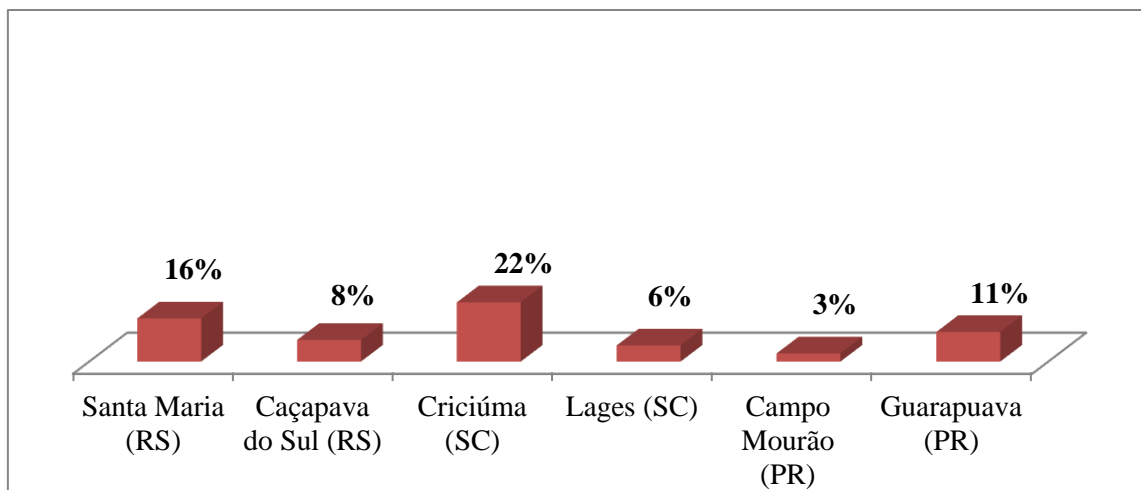


Gráfico 12. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos nos seis municípios investigados.

Assim como feito com os vocábulos verbais, optamos por realizar um levantamento dos dados de não-verbo, porém, neste caso, listamos apenas os casos em que houve o cancelamento do *R*, visto que a preferência nessa categoria é pela realização do segmento²¹. Desta vez, a lista é composta por 32 itens lexicais diferentes e apenas os vocábulos “mulher” (13 ocorrências de apagamento do *R*) e “qualquer” (12 ocorrências de apagamento do *R*) se destacam. Ambas as palavras são dissílabas, além de apresentarem a vogal [ɛ] antes do rótico, contextos selecionados nas rodadas estatísticas como significativos para o apagamento do *R*.

4.3.1 Município de Caçapava do Sul (RS)

A partir das entrevistas do município de Caçapava do Sul, para a classe dos não-verbos, foram coletadas 157 ocorrências de *R* em coda silábica externa e observou-se um percentual de apagamento de 8%, o que corresponde a 13 dados. O percentual de realização de 92% se deve a um total de 144 ocorrências de *R* efetivamente realizados e dentre elas foram identificadas três variantes diferentes (Gráfico 13). Nessa localidade há, em vocábulos não verbais, uma clara preferência pela variante *tepe*, que alcança um percentual de 83% (119 dados), e uma baixa frequência da aproximante retroflexa (11% - 16 dados) e da vibrante múltipla (6% - 9 dados). Não foi encontrada nenhuma realização fricativa em vocábulos não-verbais, no município de Caçapava do Sul. A

²¹ Esse levantamento pode ser conferido no anexo 2.

preferência pelo tepe, que já havia sido apontada na análise dos resultados relativos às formas verbais, fica agora confirmada, a partir de um conjunto maior de dados pertencentes à classe dos não-verbos.

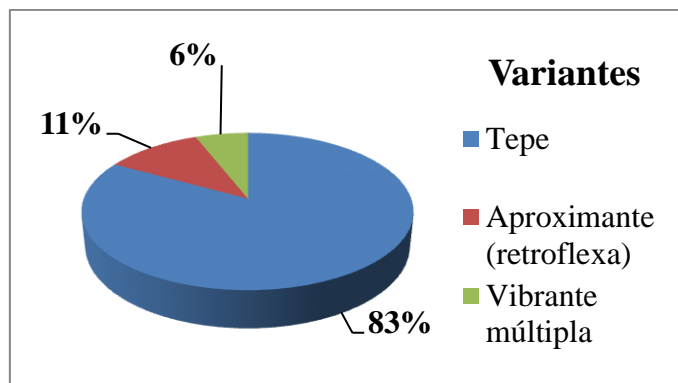


Gráfico 13. Realizações do R em coda final de não-verbos no município de Caçapava do Sul.

Após a rodada de dados referente às ocorrências de R em não-verbos nessa localidade, apenas a variável vogal antecedente foi selecionada como relevante para a aplicação do processo de apagamento. Como ocorreu com todas as rodadas de verbo, a presença de uma vogal de traço [-arred] favoreceu a supressão do segmento, enquanto a presença de uma vogal com traço [+arred] funcionou como um inibidor para a aplicação deste mesmo processo (Tabela 20). Os menores pesos relativos para o apagamento ocorreram com as vogais [o] (.35) e [ɔ] (.33) e os maiores, com as vogais [ɛ] (.92) e [e] (.85). Veremos mais adiante, na descrição dos resultados relativos às demais localidades, que para os não-verbos a variável vogal antecedente foi selecionada como relevante em todas as rodadas.

Vogal antecedente	Oco/total	%	P.R.
[e]	1/4	25%	.85
[ɛ]	5/13	39%	.92
[a]	4/35	11%	.69
[o]	2/67	3%	.35
[ɔ]	1/36	3%	.33

Tabela 20. Distribuição de apagamento do R em coda final de não-verbos, em Caçapava do Sul, a depender do vogal antecedente (*input* geral .08).

Exemplos:

(22) “**Maio/R/** que sanga é o rio.” (Caçapava do Sul, inf. 4)

(23) “Falam muito “bah”, **qualqueØ** coisa eles “bah”.” (Caçapava do Sul, inf. 1)

Outro fator relevante para a aplicação do fenômeno de cancelamento do rótico nesse contexto foi a dimensão do vocábulo: o apagamento ocorreu exclusivamente em palavras de duas ou mais sílabas (10%); em monossílabos, a realização do segmento foi categórica (Tabela 21). Observa-se, no entanto, que o índice de apagamento mesmo em vocábulos de maior dimensão ainda é baixo, o que confirma a preferência dos falantes de Caçapava do Sul pela realização do rótico quando este se encontra em um vocábulo não-verbal.

Dimensão do vocábulo	Oco/total	%
Monossílabos	0/21	0%
2 sílabas ou +	13/136	10%

Tabela 21. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos, em Caçapava do Sul, a depender da dimensão do vocábulo.

4.3.2 Município de Santa Maria (RS)

No município de Santa Maria, foram encontradas 92 ocorrências de *R* em posição de coda final de não-verbos e um índice de apagamento de 16% (15 dados). Dentre os 84% de realização do segmento, correspondente a 77 dados, foram identificadas quatro diferentes variantes do rótico (Gráfico 14). Diferentemente do resultado encontrado em Caçapava do Sul – outra cidade localizada no Rio Grande do Sul – e até mesmo do resultado apresentado por Santa Maria para a classe morfológica dos verbos, houve neste caso um equilíbrio entre o uso da variante tepe e da aproximante retroflexa, com a última apresentando um percentual um pouco superior de aparições (46% - 35 dados e 52% - 40 dados, respectivamente). Foram encontradas também realizações únicas de vibrante múltipla (1%) e de realização fricativa (1%).

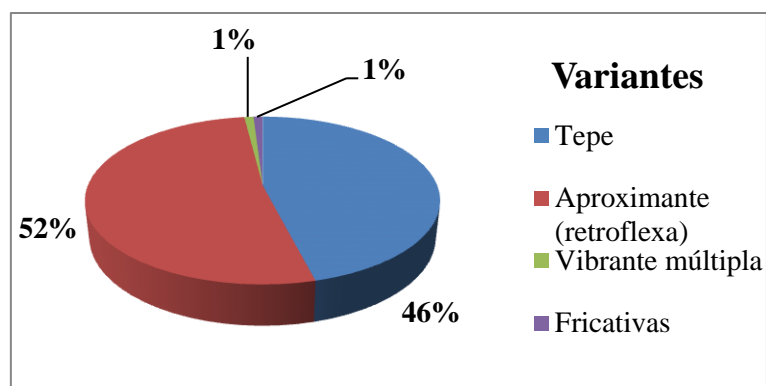


Gráfico 14. Realizações do *R* em coda final de não-verbos no município de Santa Maria.

Na rodada dos dados de Santa Maria, duas variáveis foram apontadas como relevantes para o processo de apagamento do *R*: a vogal antecedente e o tipo de fronteira prosódica. A respeito da vogal, uma vez mais as vogais de traço [+arred] aparecem como contextos favorecedores da realização do rótico, enquanto as vogais de traço [-arred] propiciam a supressão do segmento (Tabela 22). Os maiores pesos relativos foram encontrados quando o *R* estava precedido das vogais [e] (.93) e da vogal [ɛ] (.62), enquanto isso, quando acompanhado das vogais [u] (apenas uma realização) e [o], a realização do segmento foi categórica.

Vogal antecedente	Oco/total	%	P.R.
[e]	5/7	71%	.93
[ɛ]	3/11	27%	.62
[a]	2/18	11%	.36
[o]	5/34	15%	.41
[ɔ]	0/21	0%	-
[u]	0/1	0%	-

Tabela 22. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos, em Santa Maria, a depender da vogal antecedente (*input* geral .16).

O tipo de fronteira prosódica foi a segunda variável selecionada como relevante para a aplicação do processo de apagamento: a probabilidade de apagamento em fronteira de sintagma fonológico é maior (.63 de P.R) do que nas fronteiras de sintagma entoacional e de palavra prosódica, nas quais o apagamento atingiu pesos relativos de

.43 e .34, respectivamente (Tabela 23), desfavorecendo, portanto, a aplicação da regra variável.

Contexto antecedente	Oco/total	%	P.R.
Sintagma entoacional	6/40	15%	.43
Sintagma fonológico	7/38	18%	.63
Palavra prosódica	2/14	14%	.34

Tabela 23. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos, em Santa Maria, a depender da fronteira prosódica (*input* geral .16).

Novamente o fator dimensão do vocábulo se mostrou relevante para o fenômeno de apagamento: durante a primeira rodada de dados, ocorreu *knockout* nos vocábulos monossilábicos, visto que a realização do *R* foi categórica. O apagamento ocorreu exclusivamente em palavras com duas sílabas ou mais e o índice de aplicação do fenômeno foi de 18% (Tabela 24). Sendo assim, concluímos que, nas duas cidades do Rio Grande do Sul, o baixo índice de apagamento em não-verbos está restrito apenas a vocábulos de maior dimensão, não atingindo monossílabos.

Dimensão do vocábulo	Oco/total	%
Monossílabos	0/9	0%
2 sílabas ou +	15/83	18%

Tabela 24. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos, em Santa Maria, a depender da dimensão do vocábulo.

4.3.3 Município de Criciúma (SC)

Foram encontradas 113 ocorrências de *R* em coda silábica final de não-verbos no município de Criciúma e, como visto no Gráfico 10, esta foi a localidade que apresentou o maior percentual de apagamento (22%), correspondente a 25 dados. Os demais 78% são referentes a 88 dados de *R* realizados como quatro variantes diferentes (Gráfico 13). Assim como vimos nos resultados dos verbos, para os vocábulos não-verbais, os informantes de Criciúma também utilizam com mais frequência a aproximante

retroflexa (66% - 58 dados). Há ainda uma baixa frequência da variante tepe (32% - 28 dados); uma única realização da vibrante múltipla (1%); e uma realização fricativa do rótico (1%).

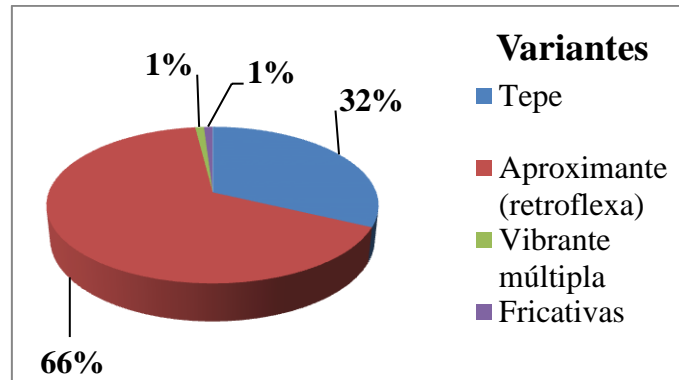


Gráfico 15. Realizações do *R* em coda final de não-verbos no município de Criciúma.

O único fator condicionante apontado como significativo para a aplicação do processo de apagamento no município foi novamente a vogal antecedente. Pela primeira vez, não houve apagamento do *R* quando acompanhado da vogal [ɛ] – de traço [-arred] –, porém os maiores pesos relativos foram encontrados com as vogais [e] (.78) e [a] (.69) – ambas de traço [-arred]. Enquanto isso, a presença das vogais [ɔ] e [o] segue sendo um contexto de resistência à aplicação da regra de apagamento (Tabela 25).

Vogal antecedente	Oco/total	%	P.R.
[e]	2/4	50%	.79
[ɛ]	0/7	0%	-
[a]	14/38	37%	.68
[o]	6/33	18%	.45
[ɔ]	3/31	10%	.28

Tabela 25. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos, em Criciúma, a depender da vogal antecedente (*input* geral .22).

4.3.4 Município de Lages (SC)

Nas amostras de fala do município de Lages foram coletados 81 dados de *R* em posição de coda silábica final, sendo registrado um índice de 6% de apagamento nesse

contexto, o que corresponde a apenas 5 dados. Nos 76 dados referentes aos 95% de realização, foram identificadas quatro diferentes variantes do rótico: os informantes lageanos empregaram com mais frequência a variante tepe nos vocábulos não-verbais (50% - 38 dados), seguida da realização do *R* como uma aproximante retroflexa (36% - 27 dados). Foram encontradas ainda 10 ocorrências de vibrante múltipla (13%) e apenas uma ocorrência de fricativa (Gráfico 16). A predominância do tepe nesta localidade já havia sido apontada nos resultados relativos às formas verbais, sendo assim podemos afirmar que, no que diz respeito à variante do rótico, os informantes de Lages diferem dos informantes da outra cidade de Santa Catarina, Criciúma, visto que estes preferem a variante aproximante retroflexa, e se assemelham aos informantes das cidades do Rio Grande do Sul que, de forma geral, adotam o tepe.

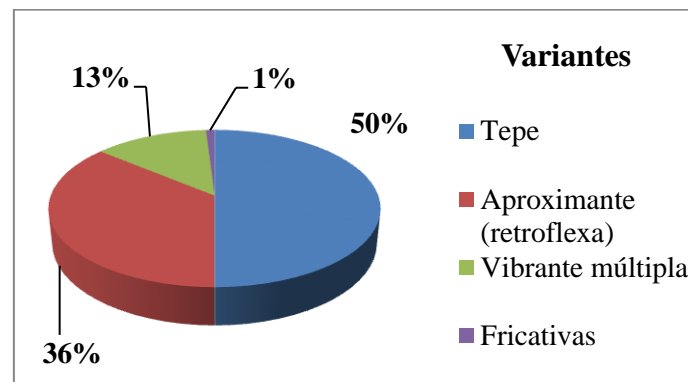


Gráfico 16. Realizações do *R* em coda final de não-verbos no município de Lages.

Ainda que o número de ocorrências de apagamento do *R* tenha sido muito baixo em não-verbos no município de Lages, duas variáveis foram selecionadas como relevantes para a aplicação desse processo: a vogal antecedente e o sexo do informante. Por conta desse número baixo de dados, inevitavelmente ocorreram alguns *Knockouts* em outras variáveis, O que devemos mencionar: os cinco casos de apagamento estão restritos apenas aos vocábulos com duas ou mais sílabas, a realização do segmento foi categórica em monossílabos (Tabela 26); não ocorreu apagamento quando o *R* era sucedido por uma vogal, houve um dado de apagamento em contexto de pausa e quatro com *R* seguido de consoante; e não ocorreu apagamento quando o *R* estava em fronteira de palavra prosódica, havendo quatro casos de apagamento em sintagma fonológico e apenas um dado em fronteira de sintagma entoacional.

Dimensão do vocábulo	Oco/total	%
Monossílabos	0/12	0%
2 sílabas ou +	5/69	7%

Tabela 26. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos, em Lages, a depender da dimensão do vocábulo.

Exemplos:

(24) “A Neusa, a outra dona Neusa, Silvana e a dona Ci. É a dona do **ba/R/** lá.” (Lages, inf. 1)

(25) “Onde é que você vai, **mulheØ**?” (Lages, inf. 3)

A respeito da primeira variável selecionada, os cinco dados de apagamento do *R* ocorreram apenas com as vogais [o] e [ɛ] e, com relação ao sexo, as informantes mulheres foram apontadas como as que apagam o segmento com mais frequência (.90) – em oposição ao sexo masculino (.19) – ainda que a diferença seja de apenas um dado. O baixo número de dados de apagamento levou a uma quantidade grande de *Knockouts* e a seleção do programa trouxe resultados aleatórios e pouco relevantes. Parece que, em contexto de coda final de não-verbos nesta localidade, o que realmente se mostrou significativo foi o fator dimensão do vocábulo, visto que o apagamento ocorre exclusivamente em palavras de maior dimensão.

4.3.5 Município de Guarapuava (PR)

No município de Guarapuava foram coletadas 121 ocorrências de *R* em posição de coda silábica final de não-verbos e, como visto no Gráfico 12, o percentual de apagamento neste contexto foi de 11% (13 dados). O percentual de realização de 89% corresponde a um total de 108 dados, os quais podem ser divididos em três grupos a depender do tipo de realização do rótico (Gráfico 17). Assim como ocorreu com os verbos em Guarapuava, há um predomínio quase absoluto da variante aproximante retroflexa também em não-verbos (93% - 101 dados), poucas ocorrências de tepe (6% - 6 dados) e uma única realização fricativa do rótico. Não foi registrada nenhuma ocorrência de vibrante múltipla em não-verbos nessa localidade.

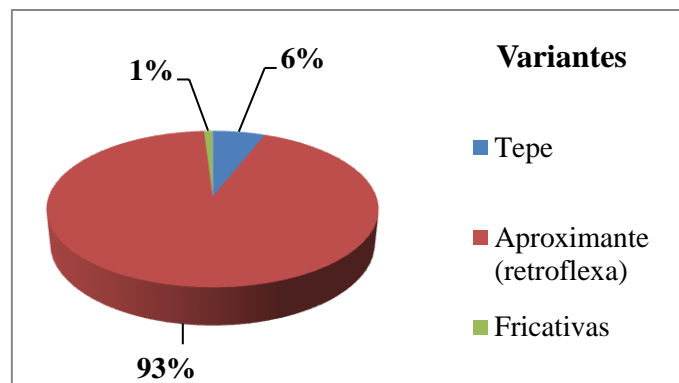


Gráfico 17. Realizações do *R* em coda final de não-verbos no município de Guarapuava.

Após a rodada dos dados de não-verbos em Guarapuava, foram selecionados quatro fatores como significativos para a aplicação do processo de apagamento: vogal antecedente, faixa etária do informante, tipo de fronteira prosódica e sexo do informante. No entanto, antes de descrever os resultados das variáveis selecionadas, é preciso dizer que o fator dimensão do vocábulo, novamente, se mostrou relevante: o apagamento ocorreu exclusivamente em palavras de duas ou mais sílabas, enquanto em vocábulos monossilábicos a realização do *R* foi categórica (Tabela 27).

Dimensão do vocábulo	Oco/total	%
Monossílabos	0/10	0%
2 sílabas ou +	13/111	12%

Tabela 27. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos, em Guarapuava, a depender da dimensão do vocábulo.

Com relação à primeira variável selecionada, não houve cancelamento do *R* quando este era precedido pelas vogais [a], [ɔ] e [u]; os maiores pesos relativos encontrados foram com as vogais [e] (.92) e [ɛ] (.93) e, com a vogal [o], o peso relativo para o apagamento foi de apenas .12. De forma geral, as vogais de traço [+arred] desfavorecem o cancelamento do rótico, enquanto as vogais de traço [-arred] são as que mais propiciam a aplicação deste processo (Tabela 28).

Vogal antecedente	Oco/total	%	P.R.
[e]	1/7	12%	.92
[ɛ]	10/22	45%	.93
[a]	0/24	0%	-
[o]	2/39	5%	.12
[ɔ]	0/27	0%	-
[u]	0/1	0%	-

Tabela 28. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos, em Guarapuava, a depender da vogal antecedente (*input* geral .11).

A segunda variável selecionada foi a faixa etária e, novamente, os informantes mais velhos apresentaram o maior percentual de apagamento. Dos 13 dados de apagamento em não-verbos no município de Guarapuava, apenas um ocorreu na fala de um indivíduo da primeira faixa, os demais dados foram proferidos por falantes mais velhos (Tabela 29).

Faixa etária	Oco/total	%	P.R.
Faixa 1	1/58	2%	.12
Faixa 2	12/63	19%	.86

Tabela 29. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos, em Guarapuava, a depender da faixa etária do informante (*input* geral .11).

Outro fator apontado como relevante nessa localidade foi o tipo de fronteira prosódica em que o elemento está inserido (Tabela 30). O apagamento ocorreu preferencialmente em fronteira de palavra prosódica (.98 de P.R.), com a fronteira de sintagma entoacional funcionando como um inibidor para processo de apagamento (.26 de P.R.). Este é mais um resultado que corrobora a hipótese postulada em Callou e Serra (2012) do apagamento do rótico ser mais frequente em fronteiras mais baixas e da fronteira de sintagma entoacional ser um contexto de preservação do segmento.

Contexto antecedente	Oco/total	%	P.R.
Sintagma entoacional	3/61	5%	.26
Sintagma fonológico	5/41	12%	.41
Palavra prosódica	5/19	26%	.98

Tabela 30. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos, em Guarapuava, a depender da fronteira prosódica (*input* geral .11).

A variável social sexo do informante foi selecionada como último fator significante para o processo de apagamento. Pela segunda vez, as mulheres apresentaram o menor percentual de supressão do segmento, enquanto os homens apagaram o *R* com uma frequência um pouco maior (Tabela 31). Probabilisticamente, as mulheres desfavorecem a aplicação da regra variável e os homens favorecem-na.

Sexo	Oco/total	%	P.R.
Feminino	3/70	4%	.31
Masculino	10/41	20%	.75

Tabela 31. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos, em Guarapuava, a depender do sexo do informante (*input* geral .11).

4.3.6 Município de Campo Mourão (PR)

No município de Campo Mourão, a realização do rótico em posição de coda silábica final de não-verbos é praticamente categórica. Foram coletados 114 dados de *R* nesse contexto, e em apenas aproximadamente 3% desses dados foi registrada a supressão do segmento, o que significa que foram identificados apenas 3 dados de apagamento – como já mencionado, Campo Mourão foi a localidade com o menor percentual de apagamento nesta categoria. Os 97% dos dados que restam (111 ocorrências) foram realizados, quase categoricamente, como uma aproximante retroflexa (99% - 110 dados), sendo identificada apenas uma ocorrência da variante *tepe* (Gráfico 18). Não foram registradas ocorrências de vibrante múltipla ou de fricativas. Visto que esse comportamento se repetiu nos dados de verbos de Campo Mourão, e nos dados de ambas as classes no município de Guarapuava, podemos concluir que a variante aproximante retroflexa predomina nas cidades do interior do Paraná aqui investigadas.

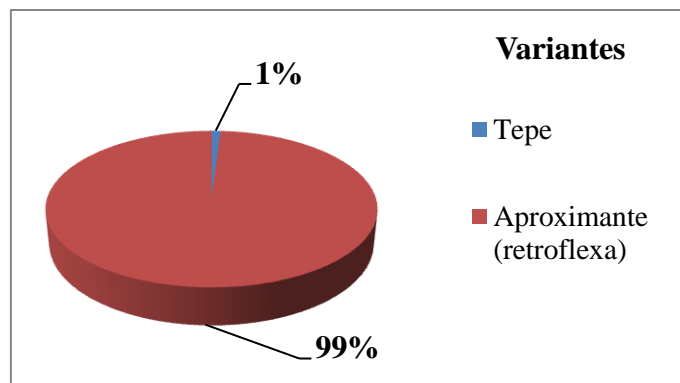


Gráfico 18. Realizações do *R* em coda final de não-verbos no município de Campo Mourão.

Ainda que tenhamos encontrado apenas três dados de apagamento, na rodada do *GoldVarbX* foram selecionadas as variáveis vogal antecedente e faixa etária como significativas para a aplicação desse processo: os homens com o peso relativo mais alto para o apagamento (.97) – mulheres com apenas .27 – e a vogal [ε], de traço [+arred], como a que mais favorece a aplicação do processo (.91 de P.R.). Entretanto, esses resultados não se mostram confiáveis, visto que o número de dados em que o *R* foi cancelado é tão baixo que a diferença de apagamento entre o sexo feminino e o masculino é de apenas 1 ocorrência. A variável que parece fornecer informação relevante para este contexto é a dimensão do vocábulo: novamente os casos de apagamento estão restritos apenas aos vocábulos de duas sílabas ou mais, enquanto a realização em palavras monossilábicas é categórica (Tabela 32).

Dimensão do vocábulo	Oco/total	%
Monossílabos	0/11	0%
2 sílabas ou +	3/103	3%

Tabela 32. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos, em Campo Mourão, a depender da dimensão do vocábulo.

4.4 Tabulação cruzada

Após a análise individual dos dados de verbos e não-verbos em cada um dos seis municípios, decidiu-se observar a atuação de determinados fatores em conjunto, por

meio da tabulação cruzada²². Foram realizados dois diferentes cruzamentos: sexo x faixa etária e contexto subsequente x fronteira prosódica. Primeiramente, foi realizada a junção dos fatores sociais investigados, apenas nas rodadas em que ao menos um dos dois foi apontado como relevante para o processo de apagamento: verbos em Criciúma, verbos em Lages, não-verbos em Lages, não-verbos em Guarapuava, verbos em Campo Mourão e não-verbos em Campo Mourão. Isso foi feito com a intenção de verificar em qual perfil ocorreram os maiores percentuais de apagamento do *R* – (i) homem jovem; (ii) mulher jovem; (iii) homem mais velho; e (iv) mulher mais velha. Os resultados foram dispersos, impossibilitando o estabelecimento de um padrão no que diz respeito ao cruzamento das variáveis sociais. Diferentes perfis foram apontados como mais propensos ao cancelamento em cada cruzamento. No entanto, as mulheres jovens apresentaram os maiores índices de apagamento em três das seis tabulações: verbos e não-verbos de Lages e não-verbos de Campo Mourão. Esses resultados podem ser conferidos nas Tabelas 33, 34 e 35.

Perfil do informante	Oco/total	%
Homem jovem	57/59	97%
Mulher jovem	41/42	98%
Homem mais velho	45/55	82%
Mulher mais velha	58/74	78%

Tabela 33. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos, em Lages, a depender do perfil do informante.

Observa-se que em verbos, no município de Lages, o percentual de apagamento das mulheres jovens (98%) e dos homens jovens é bem semelhante (97%). O que parece importar é a faixa etária, com os informantes mais velhos preservando o *R* com mais frequência. Nos dados de não-verbos, em Lages e Campo Mourão (Tabelas 34 e 35), o apagamento do *R* foi registrado apenas na fala dos homens mais velhos e das mulheres jovens, sendo estas com um índice de apagamento superior.

²² Trata-se de um recurso do programa *GoldVarbX* que permite cruzar fatores distintos pertencentes ao arquivo de condições do programa.

Perfil do informante	Oco/total	%
Homem jovem	0/31	0%
Mulher jovem	3/11	27%
Homem mais velho	2/18	11%
Mulher mais velha	0/21	0%

Tabela 34. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos, em Lages, a depender do perfil do informante.

Perfil do informante	Oco/total	%
Homem jovem	0/9	0%
Mulher jovem	2/17	12%
Homem mais velho	1/69	1%
Mulher mais velha	0/19	0%

Tabela 35. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos, em Campo Mourão, a depender do perfil do informante.

Enquanto isso, foram os homens jovens os que apagaram o *R* com mais frequência nos verbos em Campo Mourão, as mulheres mais velhas, nos verbos em Criciúma, e os homens mais velhos, nos não-verbos de Guarapuava (Tabelas 36, 37 e 38).

Perfil do informante	Oco/total	%
Homem jovem	32/33	97%
Mulher jovem	103/109	94%
Homem mais velho	152/169	90%
Mulher mais velha	45/59	76%

Tabela 36. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos, em Campo Mourão, a depender do perfil do informante.

Perfil do informante	Oco/total	%
Homem jovem	63/64	98%
Mulher jovem	95/104	91%
Homem mais velho	173/178	97%
Mulher mais velha	116/116	100%

Tabela 37. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos, em Criciúma, a depender do perfil do informante.

Perfil do informante	Oco/total	%
Homem jovem	17/17	0%
Mulher jovem	1/41	1%
Homem mais velho	10/34	29%
Mulher mais velha	2/29	7%

Tabela 38. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não-verbos, em Guarapuava, a depender do perfil do informante.

Após uma análise conjunta das variáveis sociais, realizou-se o cruzamento dos fatores contexto subsequente e tipo de fronteira prosódica, pois, como já mencionado, a pausa estaria diretamente relacionada à fronteira de sintagma entoacional (IP). Novamente, as tabulações cruzadas foram realizadas apenas nas rodadas em que uma das duas variáveis havia sido apontada como relevante para a aplicação do fenômeno de pagamento do rótico: não-verbos em Santa Maria e Guarapuava e verbos em Lages e Criciúma. Assim como ocorreu com a análise dos fatores sociais, os resultados foram diferentes em cada cruzamento. Na rodada de verbos em Criciúma, o *R* foi preservado mais frequentemente quando em fronteira de IP e diante de pausa (Tabela 39).

Variáveis	Consoante		Vogal		Pausa	
Palavra prosódica	63/65	97%	87/89	98%	7/7	100%
Sintagma fonológico	69/70	99%	62/62	100%	2/2	100%
Sintagma entoacional	30/30	100%	15/15	100%	112/122	92%

Tabela 39. Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos, em Criciúma, a depender do contexto subsequente e da fronteira prosódica.

4.5 Resumo e discussão geral dos resultados

Nesta seção, será realizada uma síntese dos principais resultados descritos anteriormente e, em seguida, sua comparação com resultados anteriores sobre o comportamento do rótico em posição de coda silábica final na região Sul.

Para começar, foi encontrado, no interior da região Sul do Brasil, um índice de apagamento do *R* de 92% em vocábulos verbais e 11% em não-verbos. Como a variável área de origem do informante foi selecionada como significativa para a aplicação desse processo, foram analisados individualmente os resultados de cada um dos seis municípios. No Estado do Rio Grande do Sul, o índice de apagamento em Santa Maria foi de 95% em verbos e 16% em não-verbos e, em Caçapava do Sul, de 89% em verbos e 8% em não-verbos; em Santa Catarina, o índice de apagamento em Criciúma foi de 97% em verbos e 22% em não-verbos e, em Lages, de 87% em verbos e 6% em não-verbos; por último, no Estado do Paraná, o percentual de apagamento em Campo Mourão foi de 90% em verbos e 3% em não-verbos e, em Guarapuava, de 94% em verbos e 11% em não-verbos (Tabela 40). Enquanto Criciúma e Santa Maria lideraram o processo de apagamento em ambas as classes morfológicas, Campo Mourão e Caçapava do Sul apresentaram os menores percentuais de apagamento.

Localidades	Verbos	Não-verbos
Santa Maria (RS)	95%	16%
Caçapava do Sul (RS)	89%	8%
Criciúma (SC)	97%	22%
Lages (SC)	87%	6%
Campo Mourão (PR)	90%	3%
Guarapuava (PR)	94%	11%
Média geral	92%	11%

Tabela 40. Índices de apagamento do *R*, em verbos e não-verbos, em todas as localidades estudadas.

A respeito das variantes do rótico empregadas no interior da região Sul, verificamos que o tepe e aproximante retroflexa estão em competição, enquanto a vibrante múltipla e as realizações fricativas são pouco usadas. Nas cidades do Rio

Grande do Sul – Santa Maria e Caçapava do Sul – o que predomina é o uso do tepe; o comportamento das cidades de Santa Catarina foi diferenciado, Criciúma utilizando com mais frequência a aproximante retroflexa, enquanto Lages prefere empregar o tepe; no interior do Paraná – Guarapuava e Campo Mourão – a aproximante retroflexa predomina com altos índices de realização (Tabela 41).

Localidades	Verbos	Não-verbos
Santa Maria (RS)	Tepe	Tepe
Caçapava do Sul (RS)	Tepe	Tepe/ aproximante retroflexa
Criciúma (SC)	Aproximante retroflexa	Aproximante retroflexa
Lages (SC)	Tepe	Tepe
Campo Mourão (PR)	Aproximante retroflexa	Aproximante retroflexa
Guarapuava (PR)	Aproximante retroflexa	Aproximante retroflexa

Tabela 41. Variantes do *R* predominantes, em verbos e não-verbos, em todas as localidades estudadas.

Voltando ao apagamento do rótico, diferentes variáveis foram apontadas como significativas para a aplicação desse processo, porém duas se mostraram mais relevantes e apresentaram resultados semelhantes em todas as localidades: vogal antecedente e dimensão do vocábulo. Em 11 das 12 rodadas realizadas com dados de verbos e não-verbos, a vogal antecedente ao *R* em coda influenciou diretamente o processo de apagamento. A presença de vogais com traço [+arred] favoreceu a preservação do segmento – [u], [o] e [ɔ] –, enquanto as vogais de traço [-arred] favoreceram a queda do rótico. Ainda que este resultado comprove o que foi dito anteriormente por autores como Callou (1987) e Brandão, Motta e Cunha (2003), optamos por realizar um levantamento dos itens lexicais que contêm vogais de traço [+arred] com a intenção de verificar se os baixos percentuais de apagamento se devem à ocorrência frequente de um mesmo item e não serem, necessariamente, influenciados pela qualidade da vogal²³.

Após esse levantamento, com relação aos verbos, observou-se que as ocorrências de *R* nesse contexto se restringiram a apenas quatro vocábulos diferentes realizados repetidas vezes: *for* (19 ocorrências), *pôr* (16 ocorrências), *supor* (18

²³No anexo 3, estão listados todos os itens lexicais em que o *R* foi realizado após uma vogal de traço [+arred].

ocorrências) e *repor* (2 ocorrências). Isto ocorre, evidentemente, pois a maior parte dos verbos presentes no *corpus* se encontra no infinitivo – são poucos os casos de verbos no subjuntivo, como “*for*”, ou no indicativo, como “*quer*” – e apenas o verbo ‘por’ e seus derivados apresenta o [o] na última sílaba. Sendo assim, de maneira geral, são poucos os dados de *R*, realizados ou não, em verbos com vogais [+arred].

A respeito dos dois primeiros verbos – *for* e *pôr* – nota-se que ambos são monossílabos, o que poderia funcionar como um inibidor para o apagamento do rótico, visto que a variável dimensão do vocábulo também foi apontada em diversas rodadas como relevante para a aplicação do processo de apagamento. Sendo assim, devemos considerar a possibilidade de outro fator estar envolvido na manutenção do rótico nesses verbos, ou até mesmo desses vocábulos propiciarem a realização do rótico pelo fato de serem relativamente pouco frequentes na fala mais popular.

Com relação aos não-verbos, foram identificados 61 vocábulos diferentes em que o *R* foi realizado após uma vogal de traço [+arred]. Isso nos leva a acreditar que a manutenção do segmento não ocorreu devido à repetição de um item lexical específico.

A segunda variável, a dimensão do vocábulo, se mostrou mais relevante para a aplicação do fenômeno de apagamento do *R* em não-verbos. Este fator foi selecionado apenas em uma das seis rodadas de verbos, porém se mostrou importante em cinco das seis rodadas com dados de não verbos. Em todos os casos, foi confirmada nossa hipótese inicial de, em vocábulos com menor número de sílabas (monossílabos), haver uma maior probabilidade de retenção do segmento. Inclusive, nas cinco rodadas de não-verbos – categoria na qual o processo de apagamento do *R* ainda está em fase inicial, o fato do vocábulo ser um monossílabo bloqueia o fenômeno de apagamento, que fica restrito apenas às palavras de duas sílabas ou mais.

Cabe comentar ainda as variáveis contexto subsequente e fronteira prosódica que, apesar de terem sido apontadas em poucas rodadas, apresentaram sempre o mesmo resultado: o apagamento tende a ser menos frequente em contexto de pausa e é nas fronteiras mais baixas que há maior favorecimento para o apagamento. O recente trabalho de Brandão, Pessanha e Pontes (2017) também aponta a variável contexto subsequente como relevante para a aplicação do processo de cancelamento do rótico. Os autores investigam o fenômeno na variedade africana do Português falada na cidade de São Tomé (República Democrática de São Tomé e Príncipe), também em contexto pós vocálico, e encontram um índice de pagamento de 44,7%; o tepe apareceu como a

variante predominante (52,8%). Assim como no presente trabalho, o rótico foi menos concretizado quando se encontrava diante de uma consoante (P. R. .65) e mais realizado diante de vogal e pausa (P. R. .35 e .36, respectivamente).

Para finalizar, as variáveis sociais – sexo e faixa etária – apresentaram diferentes resultados em cada rodada em que foram selecionadas. A respeito da faixa etária, os mais jovens lideraram o processo de apagamento em três ocasiões, enquanto os mais velhos apagaram o *R* com mais frequência em duas ocasiões. Já com relação ao sexo do informante, os homens foram apontados como os que mais cancelam o rótico em duas rodadas e as mulheres apenas em uma.

4.5.1 A evolução do processo de apagamento do *R*

No capítulo de revisão da literatura, resenhamos alguns dos trabalhos que tratam do comportamento do rótico, principalmente de seu processo de apagamento. A seguir, apresentaremos, por meio da Tabela 42, apenas as principais informações, com o intuito de observar como tem se dado a evolução desse processo ao longo dos anos, em diferentes localidades da região sul. Evidentemente, as pesquisas, além de focalizarem lugares e perfis de informantes diferentes, muitas vezes adotam metodologias diferentes, o que dificulta uma comparação fiel. Apesar disso, buscamos reunir aquelas que compartilham mais traços em comum. Lembremos ainda que grande parte das pesquisas nessa área investigou a fala de indivíduos mais escolarizados e residentes das capitais.

Década/ autor	Pesquisa	Localidade e <i>corpus</i>	Apagamento	Variante
Década de 70	Callou, Leite e Moraes (1996)	- Porto Alegre - Dados do NURC da década de 70 (apenas falantes cultos)	- 37% de apagamento geral em coda final - 49% de apagamento em verbos e 14% em nomes	- Predomínio da vibrante simples (tepe)
Década de 90	Monaretto (2002)	- Capitais da região Sul - Dados do Varsul: gravados entre 1988 e	- 40% de apagamento em coda - 25% em coda medial e	- Tepe e vibrante alveolar

		1996 (falantes mais e menos escolarizados)	65% em coda final - 81% em verbos, 20% em palavras funcionais e 5% em não-verbos - 40% de apagamento em Curitiba, 47% em Porto Alegre e 70% em Florianópolis	
	Silveira (2010)	- Município de Lages - Dados do Varsul gravados entre 1988 e 1996 (falantes mais e menos escolarizados)	- 68% de apagamento em coda final	- Predomínio de tepe
2000 – 2010	Santana (2017)	- Capitais da região Sul - Dados do ALiB gravados no início do século XXI (falantes mais e menos escolarizados)	- 89% de apagamento em verbos e 19% em não-verbos. - CURITIBA: 87% em verbos e 5% em não-verbos - FLORIANÓPOLIS: 94% em verbos e 41% em não-verbos - PORTO ALEGRE: 86% em verbos e 7% em não verbos	- CURITIBA: tepe - FLORIANÓPOLIS: fricativa velar e tepe - PORTO ALEGRE: tepe
	Pesquisa atual	- Interior da região Sul - Dados do ALiB gravados no início do século XXI (falantes mais e menos escolarizados)	- 92% de apagamento em verbos e 11% em não-verbos - SANTA MARIA: 95% em verbos e 16% em não-verbos. - CAÇAPAVA DO SUL: 89% em verbos e 8% em não-verbos	- SANTA MARIA: tepe - CAÇAPAVA DO SUL: tepe -CRICIÚMA: Aproximante retroflexa - LAGES: tepe -CAMPO MOURÃO: Aproximante retroflexa - GUARAPUAVA:

			<ul style="list-style-type: none"> - CRICIÚMA: 97% em verbos e 22% em não-verbos - LAGES: 87% em verbos e 6% em não-verbos. - CAMPO MOURÃO: 90% em verbos e 3% em não-verbos - GUARAPUAVA: 94% em verbos e 11% em não-verbos 	Aproximante retroflexa
--	--	--	--	------------------------

Tabela 42. Evolução do processo de apagamento do *R* desde a década de 70 até os anos 2000.

Com base nos resultados apresentados na Tabela 42, fica evidente que houve uma evolução do processo de apagamento do *R* em verbos na região Sul do Brasil. Em Porto Alegre, na década de 70, esse fenômeno alcança um percentual de aplicação de 49% e, nessa mesma localidade, mais de trinta anos depois, apresenta um índice de 86% de apagamento. Em não-verbos, o fenômeno parece encontrar um contexto de resistência em todas as décadas, apresentando sempre baixos índices de apagamento. No estudo de Callou, Leite e Moraes (1996), os autores chegaram a um percentual de 14% de apagamento nos nomes de Porto Alegre, enquanto Santana (2017) encontrou um índice de apenas 7%. Nos dados de nossa pesquisa, coletados de entrevistas atuais, gravados nos primeiros anos do século XX, também registramos altos índices de apagamento em verbos, nas cidades do interior da região Sul, – entre 87% e 97% – e baixos índices em não-verbos – entre 3% e 22%.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar os dados dos seis municípios e discutir os resultados encontrados, é possível afirmar que, apesar de formarem parte da região Sul – localidade em que o rótico mantém-se ainda como uma vibrante áptico-alveolar – estas cidades já apresentam altos índices de apagamento do *R* em coda final de verbos – pelo menos na fala não-culta. Com base nos resultados da tabela 42, conclui-se que o fenômeno de apagamento do *R* encontra-se em estágio de mudança em progresso em verbos, visto que há um aumento nos índices de aplicação do processo de uma década para outra. Os percentuais de apagamento em coda final acima de 80% em todos os municípios analisados bem como os *input* elevados em todas as rodadas estatísticas mostram a preferência dos informantes pelo zero fonético nesse contexto em oposição à realização do segmento.

Por outro lado, na coda final de não-verbos, os índices de apagamento ainda se mostram pouco expressivos, comprovando que o fenômeno de apagamento ainda se encontra em fase inicial, não sendo registrado um avanço significativo ao longo dos anos. Com índices muito abaixo dos 50% e *input* de aplicação da regra de apagamento sempre baixo, a preferência dos falantes é pela realização do *R* quando o vocábulo for uma forma não-verbal. Ainda que alguns itens lexicais como “mulher” e “qualquer” se repitam na lista de não-verbos em que houve apagamento do *R*, o cancelamento não está restrito a itens lexicais específicos.

Diferentemente do que ocorre nas principais cidades da região Nordeste – localidades em que os índices de apagamento são altos tanto em verbo como em não-verbos –, na região Sul, o fenômeno de apagamento é extremamente sensível à classe morfológica dos vocábulos. Os percentuais de apagamento e realização são opostos se comparados verbos e não-verbos. Enquanto no município de Criciúma (SC) o processo de apagamento está mais avançado – 97% e 22% –, em Lages (SC) e Campo Mourão (PR) são encontrados os menores percentuais de apagamento – 87% e 6%, 90% e 3%, respectivamente. Com base nesses resultados, não é possível realizar uma comparação por estado, visto que estão localizadas em Santa Catarina tanto a cidade com os percentuais mais elevados de apagamento como uma das cidades com os menores percentuais. Trabalhos anteriores dedicados à análise da chamada vibrante na região Sul evidenciam que Santa Catarina se encontra em um estágio mais avançado no processo de apagamento. Em Monaretto (2000), na categoria de não-verbos, a autora encontra 0,8% de apagamento em Florianópolis e 0,4% em Porto Alegre e Curitiba.

A respeito das variantes, vemos que o tepe e a aproximante retroflexa são as mais produtivas na região Sul: enquanto nas cidades do Paraná há um predomínio da variante retroflexa, no Rio Grande do Sul a preferência é pelo tepe e em Santa Catarina há um equilíbrio entre as duas variantes. Observou-se ainda que a frequência de uso da vibrante múltipla é bastante baixa e que a presença de variantes fricativas é quase inexistente. Quanto às variantes, foi possível estabelecer algumas diferenças entre os resultados desta dissertação e os do estudo realizado com dados das capitais (SANTANA, 2017): o uso da aproximante retroflexa cresce substancialmente nas cidades do interior da região Sul e as variantes fricativas, frequentes na fala dos informantes de Florianópolis – 42% de fricativa velar e 10% de glotal nos verbos e 69% de velar e 19% de glotal em não-verbos – desaparecem nas cidades do interior de Santa Catarina.

Para finalizar a retomada dos objetivos traçados na Introdução dessa dissertação, resta falar sobre os fatores condicionantes que favorecem ou não a aplicação do processo de apagamento do *R*. Dentre as variáveis propostas, duas devem ser consideradas como mais relevantes para o processo de apagamento do *R* em coda silábica final: a vogal antecedente e a dimensão do vocábulo. As vogais com traço [+arred] desfavoreceram a aplicação da regra de apagamento do rótico, assim como Callou (1987) e Brandão, Mota & Cunha (2003) apontaram em seus estudos. O apagamento foi mais frequente também em palavras com maior número de sílabas, enquanto em monossílabos houve maior tendência à preservação do segmento. Esse resultado confirma a hipótese da saliência fônica mencionada no capítulo de metodologia e comprovada em diversos trabalhos anteriores. Ainda que não tenham sido apontados para todas as localidades, o contexto de pausa e a presença de uma fronteira de sintagma entoacional (IP) desfavorecem a aplicação do processo de apagamento, indicando que, em certa medida, a estrutura prosódica está em relação com a estrutura segmental.

O principal objetivo desta dissertação foi contribuir para os estudos na área da Fonética e da Fonologia, através de uma análise detalhada do comportamento linguístico dos róticos nos municípios selecionados. Com isso, pretendeu-se expandir o mapeamento dos falares do Sul do Brasil, contemplando as variedades do interior, pouco estudadas em trabalhos anteriores. O *corpus* adotado, além de ser muito atual (entrevistas realizadas durante os primeiros anos deste século XXI), revela o

comportamento linguístico de indivíduos menos escolarizados, o que possibilita uma comparação com as dezenas de estudos anteriores dedicados à fala dos indivíduos mais escolarizados (com nível superior completo).

Em última instância, os resultados desta dissertação dão um contributo à descrição dos falares brasileiros no âmbito do projeto ALiB, mais especificamente avançando na análise das áreas interioranas do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B.; SÂNDALO, M. F. Os róticos revisitados. In: HORA, Dermeval da; COLLISCHONN, Gisela. *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2003, p.144-180.

BISOL, L. A degeminação e a elisão no VARSUL. In: Bisol, L. & Brescancini, C. (org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p.231-250.

BRANDÃO, S. F., MOTA, M. A. E CUNHA, C. S. Um estudo contrastivo entre o português europeu e o português do Brasil: o –R final de vocábulo. In BRANDÃO, S. F. E MOTA, M. A. (Org.). *Análise contrastiva de variedades do português*. Rio de Janeiro, In-Fólio. 2003.

BRANDÃO, S. F.; PESSANHA, D. B. ; PONTES, S. P. ; CORREA, M. O. Róticos na variedade urbana do Português de São Tomé. *Papia Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, 2017.

BRESCANCINI, C.; MONARETTO, V. O. Os róticos no Sul do Brasil: panorama e generalizações. *Signum: Estudos Linguísticos*, Londrina, n.11/2, 2008, p.51-66.

CALLOU, D. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, UFRJ/PROED, 1987.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: Koch, Ingedore Grunfeld Villaça. *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 1996, p. 465-493.

_____. Consonantal weakening Process(es) in Brazilian Portuguese. In: Paradis, C.; Vincent, D.; Deshaies, D.; Laforest, M. (ed.). *Papers in Sociolinguistics*. NWAVE-26 à l'Université Laval. Québec/Canadá, Nota Bene, 2002, 53-62.

CALLOU, D.& SERRA, C. Variação do rótico e estrutura prosódica. *Revista do GELNE*, vol. 14, no Especial, 2012, p. 41-58.

CALLOU, D.; SERRA, C. & CUNHA, C. Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do R no dialeto nordestino. In: HORA, D.& BATTISTI, E. (Org.) *Revista da Abralín*. V. 14, n. 1, 2015.

CAMACHO, R. G. Sociolingüística: parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. v. I: domínios e fronteiras, São Paulo, SP, Cortez Editora, 1978, p. 49-74.

CÂMARA JR, J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro. Organização Simões, 1953.

_____. *Princípios de Lingüística Geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CARDOSO, S. A. M. *Documentos 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Suzana Alice Marcelino Cardoso; Jacyra Andrade Mota; Marcela Moura Torres Paim; Silvana Soares Costa Ribeiro (orgs.) Slavador: Vento Leste. 2003.

CARDOSO, S. et alii. *Atlas linguístico do Brasil*. Cartas linguísticas 1, vol. 2. Londrina EDUEL, 2014.

CASTRO, V. S. *A resistência de traços do dialeto caipira: estudo com base em atlas linguísticos regionais brasileiros*. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2006. 226f.

COELHO, I.; GÖRSKI, E.; SOUZA, C.; MAY, G. *Para Conhecer Sociolingüística*. São Paulo: Contexto, 2015.

COMITÊ NACIONAL DO ALIB (BRASIL). *Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001/ Comitê Nacional do projeto ALiB* – Londrina: Ed. UEL, 2001.

COSTA, L.T. *Abordagem dinâmica do rotacismo*. Tese (Doutorado em Linguística) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. – Curitiba, 2011.

COSTA, L. T. ; COTOVICZ, M. Notícias de uma sobrevivente: a variante rótica vibrante múltipla alveolar em rebouças, PR. web-revista *Sociodialeto*, v. 6, 2015, p. 211-227.

DUARTE, M. Eugênia L. *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito*. 1993.

DUARTE, M. E. L.(org.). *O sujeito em peças de teatro (1983-1992): Estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012.

FARIAS, A. & CALLOU, D. M. I. . A distribuição do processo de apagamento do rótico nas quatro últimas décadas: três capitais em confronto. In: *Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste - GELNE*, 2014, Natal. 25ª Jornada Nacional do GELNE, 2014.

FARIAS, A. & OLIVEIRA, I.C. . Os róticos no Nordeste do Brasil: o apagamento em coda final e medial. Apresentação no II Congresso Internacional da Faculdade de Letras da UFRJ. 2013.

FARIAS, A & OLIVEIRA, I. O apagamento do rótico no português brasileiro e no português europeu: o lido e o dito. In *Anais do IV colóquio brasileiro de prosódia da fala*. 2014.

FERRAZ, I. S. *Características Fonético-acústicas do /r/ retroflexo do português brasileiro: dados de informantes de Pato Branco (PR)*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

FROTA, S. Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation. *New York: Garland Publishing*, 2000.

GOMES, C. A. Aquisição do tipo silábico CV(r) no português brasileiro. *Scripta: Belo Horizonte*. 9. N. 18. 2006, p.11-28.

GREGIS, H. *O apagamento da vibrante pós-vocálica em Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2002.

HORA, D.& MONARETTO, V. N. O. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: HORA, D.& COLLISCHONN, G. (Org). *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: EDUFPB, 2003.

JORDÃO, R. M. *A estrutura prosódica e a emergência de segmentos em coda no PE: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa) Lisboa: Universidade de Lisboa/FLUL. 2009.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York city*. Centre of Applied Linguistic, Washington, 1962.

———. *The reflection of social process in linguistic structures*. In: FISHMAN, J. (ed.) *Readings in the Sociology of Language*. The Hague: Mouton, 1968. p. 240-51.

———. *Sociolinguistic Patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

———. *Building on Empirical Foundations*. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (eds.) *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982.

———. *Principles of linguistic change*. Internal factors. Cambridge, Blackwell. 1994.

LIMA, M. M. de O. *As consoantes róticas no Português Brasileiro com notas sobre as róticas das variedades de Goiânia, Goiatuba e Uberlândia*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, 2013.

LOPEZ, B. *The sound pattern of brazilian portuguese (carioca dialect)*. Tese (Doutorado), University of California. Los Angeles, 1979.

MADDIESON, I. *Patterns of Sounds*. Cambridge University Press, Cambridge. 1984. Paperback reprint 2009.

MATEUS, M. H. M. & RODRIGUES, C. A Vibrante em Coda em Português Europeu. In HORA, D. e COLLISCHONN (org.). *Teoria Linguística Fonologia e Outros Temas*, Ed. Universitária, João Pessoa, 2003, p.181-199.

MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MONARETTO, V. N. O. *A vibrante: representação e análise sociolinguística*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre, UFRGS, 1992.

_____. *Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica*. Tese de doutoramento. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1997.

_____. O. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do sul do Brasil. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.35, 2000, p.275-284.

_____. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: Bisol, L. & Brescancini, C. (Org.) *Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro*. ed. 1, v., Porto Alegre: EDIPUC-RS. 2002, p. 253-268.

_____. Descrição da vibrante do português do sul do Brasil. In: *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. BISOL,L. e COLLISCHONN,G. (org.) Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009

MONGUILHOTT, I. O. S. A vibrante em final de palavra na fala de Santa Catarina. In: *Encontro do círculo de estudos lingüísticos do sul, 2.*, Florianópolis, 1997. Anais do II Celsul, 1997.

_____. A variação na vibrante florianopolitana: um estudo sócio-geolinguístico. *Revista da ABRALIN*, Curitiba, v. 6, n. 1, 2007, p. 147-169.

NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Ministério da Educação e da Cultura/Casa de Rui Barbosa, vol.I, 1958, vol.II, 1961.

NESPOR, M. & VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris. 1986.

_____. *Prosodic Phonology: with a new foreword*. Walter de Gruyter Gmb H & Co., Berlim, 2007.

OLIVEIRA, I., SANTANA, M. & SERRA, C. Apagamento do rótico em coda silábica interna e externa: a região serrana do Rio de Janeiro. In: *Anais da 25ª Jornada Nacional do GELNE*. Congresso do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, 2014.

PAGOTTO, E. G. . Sociolingüística. In: Claudia Castellanos Pfeiffer; José Horta Nunes. (Org.). *Introdução às Ciências da Linguagem - Linguagem, História e Conhecimento*. 1ª ed. Campinas: Pontes, 2006, p. 49-72.

PIMENTEL, R. M. *A variação lingüística do fonema /r/ na posição pósvocálica*. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *GoldvarbX: a variable rule application for Macintosh and Windows*. 2005.

SANTANA, M. *O R em coda silábica final nas três capitais do Sul do Brasil: Variação e Prosódia no corpus do ALiB*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

SCHERRE, M. M. P. *Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português*. 1992.

SELKIRK, E. *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge: M.I.T. Press, 1984

SERRA, C. R. *Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

_____. Fraseamento prosódico e percepção no português do Brasil: para o estudo dos estilos de fala. *Sitientibus* (UEFS), 2010, p. 133-155.

_____. A interface prosódia-sintaxe e o fraseamento prosódico no português do Brasil. *Joss Journal of Speech Science*, v. 5, 2016, p. 47-86.

SERRA, C. & CALLOU, D. A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades. *Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra, APL, 2013, p. 585-594.

_____. Prosodic structure, prominence and /r/-deletion in final coda position: Brazilian Portuguese and European Portuguese contrasted. In: Amedeo De Dominicis, (ed.). *pS-prominenceS: Prominences in Linguistics. Proceedings of the International Conference*.

Department of Human Sciences and Tourism. University of Tuscia. Disucom Press, Viterbo, Italy, 2015.

SILVEIRA, G. *O apagamento da vibrante na fala do Sul do Brasil sob a ótica da palavra*. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2010.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 5 ed. São Paulo: Ática, 1997

TENANI, L.E. *Domínios prosódicos do português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: LEL/UNICAMP, 2002.

TENANI, E. L. (2004) O Bloqueio de sând vocálico em PB e em PE: evidências da frase fonológica. In *Revista Organon*. Porto Alegre v. 18, n 36, p. 17-29, 2004.

VIEIRA, S. R. Concordância verbal. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 85-102.

VIGÁRIO, M. Prosody and sentence disambiguation in European Portuguese. *Catalan Journal of Linguistics*, v. 2, 2003, p. 249-278.

VOTRE, S. *Variação fonológica no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro/PUC. 1978.

XAVIER, K. *A variação do rótico na música popular brasileira: de 1902 a 1960*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2016.

WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. ed. 2. São Paulo: Parábola Editorial. 2006. Original publicado em 1968 (Directions for Historical Linguistics - A Symposium).

WIEDEMER, M. L. Introdução aos conceitos básicos da sociolinguística. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009.

Endereços eletrônicos:

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Disponível em:
<<https://www.ibge.gov.br/>>

Instituto de Linguística Teórica e Computacional. Simple Concord - REDIP *Corpus*.
Disponível em: <<http://iltec.pt/?action=concord>>

Letras UFRJ. *Corpus* NURC. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/historico.htm>>

Letras UFRJ. *Corpus* VARPORT. Disponível em:
<http://www.lettras.ufrj.br/varport/corpora_orig.htm>

Projeto VARSUR. Variação Linguística na Região Sul do Brasil. Disponível em:
<<http://varsul.org.br/>>

Portal da prefeitura de Campo Mourão (PR). Disponível em:
<<https://campomourao.atende.net/#!/tipo/inicial>>

Portal da prefeitura de Caçapava do Sul (RS). Disponível em:
<<http://www.cacapava.rs.gov.br/>>

Portal da prefeitura de Criciúma (SC). Disponível em:
<<http://www.criciuma.sc.gov.br/site/>>

Portal da prefeitura de Guarapuava (PR). Disponível em:
<<http://www.guarapuava.pr.gov.br/>>

Portal da prefeitura de Lages (SC). Disponível em: <<http://www.lages.sc.gov.br/>>

Portal da prefeitura de Santa Maria (RS). Disponível em:
<<http://www.santamaria.rs.gov.br/>>

Viagem e Turismo. Mapa dos estados da região Sul do Brasil. Disponível em:
<<http://www.viagemdeferias.com>>

ANEXO 1

Índice de verbos em que houve a realização do *R*.

O algoritmo à direita indica a quantidade de ocorrências de *R* nesse vocábulo.

Abraçar (1)	Começar (1)	Explicar (1)
Almoçar (1)	Comer (2)	Falar (1)
Amanhecer (4)	Couber (1)	Fazer (5)
Beber (1)	Dar (10)	Fechar (1)
Beijar (1)	Defender (1)	Ficar (1)
Botar (1)	Dividir (1)	For (18)
Brilhar (1)	Dizer (3)	Ganhar (4)
Brincar (1)	Encilhar (1)	Jogar (1)
Buscar (1)	Entregar (1)	Lavar (1)
Chavear (1)	Escolher (1)	Limpar (1)
Chover (1)	Esconder (2)	Madurar (1)
Colar (1)	Estar (2)	Matar (2)
Colocar (1)	Estudar (1)	Mentir (1)
		Mexer (1)

Molhar (1)

Montar (2)

Mudar (1)

Nadar (1)

Namorar (1)

Olhar (1)

Ouvir (1)

Passar (1)

Passear (1)

Perguntar (2)

Plantar (2)

Pôr (16)

Pregar (1)

Quer (2)

Regar (1)

Repor (2)

Responder (1)

Saber (1)

Sair (11)

Ser (15)

Supor (18)

Ter (7)

Tomar (1)

Trabalhar (1)

Trazer (2)

Usar (1)

Vazar (1)

Viajar (4)

ANEXO 2

Índice de não-verbos em que houve apagamento do *R*.

O algoritmo à direita indica a quantidade de apagamento do *R* nesse vocábulo.

Açúcar (1)	Entardecer (3)	O Olhar (1)
Almoçar (1)	Falador (1)	Operador (1)
Amor (1)	Liquidificador (1)	Pior (1)
Anoitecer (1)	Lugar (3)	Qualquer (12)
Ar (2)	Maior (2)	Revólver (1)
Bar (2)	Medidor (1)	Senhor (4)
Calcanhar (7)	Melhor (1)	Torrador (2)
Câncer (3)	Menor (1)	Trabalhador (1)
Circular (1)	Morador (1)	Voador (1)
Clarear (1)	Mulher (13)	Zíper(1)
Doutor (1)	O falar (1)	

ANEXO 3

Índice de palavras terminadas com vogal de traço [+arred] em que houve realização do *R*.

O algoritmo à direita indica a quantidade de ocorrências de *R* nesse vocábulo.

VERBOS

For (19)

Pôr (16)

Repor (2)

Supor (18)

NÃO-VERBOS

Abajur (01)	Dor (04)	Odor (01)
Agricultor (01)	Doutor (16)	Operador (03)
Amor (03)	Escorredor (02)	Pagador (02)
Anterior (01)	Favor (03)	Pastor (01)
Armador (01)	Fedor (01)	Pescador (02)
Assador (01)	Fêmur (02)	Pesquisador (01)
Batedor (01)	Flor (23)	Pintor (01)
Beija-flor (08)	Humor (01)	Pior (17)
Bolor (02)	Instrutor (01)	Pôr (11)
Calor (04)	Interior (30)	Prendedor (02)
Carreador (01)	Maior (38)	Prendedor (02)
Cobrador (02)	Mastigador (01)	Produtor (01)
Computador (01)	Matador (03)	Professor (03)
Coordenador (01)	Mediador (01)	Ralador (01)
Cor (04)	Medidor (01)	Refrigerador (01)
Criador (01)	Melhor (43)	Sabor (02)
Curador (01)	Menor (28)	Senhor (41)
Curandor (03)	Montador (01)	Suor (02)
Diretor (01)	Motor (02)	Tradutor(01)

ANEXO 4

Rodadas do programa *GoldVarbX* (CD)

ANEXO 5

Áudio dos exemplos (CD)